



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL
MESTRADO EM LINGUÍSTICA – LINGUAGEM E SOCIEDADE

**PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS DA CONCORDÂNCIA DE
GÊNERO NA BAIXADA CUIABANA**

CÍNTIA DA SILVA PACHECO

Brasília - DF, fevereiro de 2010.

CÍNTIA DA SILVA PACHECO

**PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS DA CONCORDÂNCIA DE
GÊNERO NA BAIXADA CUIABANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade
Linha de pesquisa: Língua, Interação Sociocultural e Letramento

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre

Brasília /DF, fevereiro de 2010.

CÍNTIA DA SILVA PACHECO

**PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS DA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NA
BAIXADA CUIABANA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística no
Departamento de Linguística, Português e Línguas
Clássicas da Universidade de Brasília pela seguinte
banca examinadora:

Professora Doutora Maria Marta Pereira Scherre – UFES/UnB (orientadora)

Professora Doutora Rachel do Valle Dettoni – UnB (membro interno)

Professor Doutor Anthony Julius Naro – UFRJ (membro externo)

Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier – UnB (suplente)

Brasília /DF, fevereiro de 2010.

Dedico este trabalho às professoras e amigas Marta Scherre e Rachel Dettoni, ao meu marido Márcio e ao meu filho Arthur ainda na minha barriga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por todas as minhas conquistas profissionais e pessoais e pela vitória de mais um sonho realizado;

À professora Marta Scherre, pela constante orientação e ajuda, porque me ensinou que não há distância capaz de superar nossa vontade de fazer um bom trabalho e também pela sua eterna generosidade em orientar-me à distância. Ela realmente merece mais do que poucas linhas de agradecimento, principalmente pelos grandes conselhos de uma linguista comprometida com a pesquisa científica;

À professora Rachel Dettoni, que, gentilmente, cedeu-me suas entrevistas para que eu pudesse fazer minha pesquisa. O agradecimento não se dá somente pela cessão do *corpus*, mas também pelo empréstimo de vários materiais bibliográficos necessários para a realização deste trabalho e pelas duas disciplinas feitas com ela na pós-graduação;

Aos professores e amigos Maria Luiza Corôa, Marcus Lunguinho e Deborah Christina pelo incentivo e apoio para fazer o mestrado. Os meus agradecimentos também pelas disciplinas cursadas na graduação com os três professores e na pós-graduação com a Maria Luiza;

Às professoras Cibele Brandão, Rozana Reigota e Ana Adelina pela parceria na UnB/UAB e pelas excelentes aulas que tive durante dois semestres com a Rozana;

À coordenadora do PPGL, Heloisa Salles, pelas contribuições ao trabalho durante o seminário de pesquisa;

À banca da defesa formada pelos professores Scherre, Dettoni, Naro e Grannier, pela disponibilidade em ler meu trabalho;

À CAPES, pelo auxílio financeiro que, durante um ano e meio, facilitou a conclusão da pesquisa;

À Renata, secretária do PPGL-UnB, pela paciência em tirar minhas dúvidas na secretaria e pelo carinho e atenção com que sempre me tratou;

Aos meus amigos guerreiros da UnB: Letícia, Dalmo, Aline, Luciane, Alessandra, Emília, Loide, Layane, Lauana, Lidiane, Carolina e Germano pela parceria em diversas disciplinas da graduação e do mestrado;

Aos amigos da UFES, Alexandre e Astrid, pelos passeios no Espírito Santo através dos encontros na casa da professora Marta Scherre, que me possibilitaram interagir com pessoas maravilhosas e com as pesquisas feitas lá;

À Patrícia Tavares pela disciplina ministrada durante a graduação, que me permitiu conhecer a Sociolinguística Variacionista, pela cessão de muitos dados de concordância de gênero e pela ajuda no *abstract*;

À Caroline Cardoso pela revisão da dissertação e pela ajuda com material bibliográfico;

Às *valquistas* Carolina, Shirley, Caroline, Patrícia, Geruza, Daisy e Rachel pela parceria no projeto VALCO (Variação Linguística no Centro-Oeste), em fase de desenvolvimento;

Aos meus pais e minha sogra, pela humildade de não entenderem muito bem o que faço, mas de terem orgulho de mim;

À minha avó Lindoia, pelo apoio incondicional e pelo grande incentivo aos estudos;

Aos meus irmãos Mariana e Eduardo, à minha afilhada Maria Eduarda e minha cunhada Dayana, pela existência em minha vida;

À minha prima Andréa, que mesmo à distância, sempre esteve ao meu lado;

Ao Márcio, meu marido, mais que companheiro e meu grande amor, pela paciência e pelo interesse em escutar minhas histórias sociolinguísticas, mesmo não sendo da área. A ele devo muito, porque é a pessoa que mais sabe da minha luta para o término deste trabalho, além do incentivo infinito para que eu siga no caminho da pesquisa linguística;

Ao meu primeiro filho, que ainda não nasceu e que não me deu o menor trabalho durante a gravidez para que eu conseguisse terminar tranquilamente a dissertação e só depois me dedicar completamente a ele;

Em especial, a todos os cidadãos que lutam contra a desigualdade social e contra o preconceito social manifestado de diferentes formas e, principalmente, pela linguagem, aceitando que a diferença é inerente a todo ser humano e é o grande espetáculo da vida.

SEXA

- Pai...
 - Hmm?
 - Como é o feminino de sexo?
 - O quê?
 - O feminino de sexo.
 - Não tem.
 - Sexo não tem feminino?
 - Não.
 - Só tem sexo masculino?
 - É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
 - E como é o feminino de sexo?
 - Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
 - Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
 - O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra “sexo” é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
 - Não devia ser “a sexa”?
 - Não.
 - Por que não?
 - Porque não! Desculpe. Porque não. “Sexo” é sempre masculino.
 - O sexo da mulher é masculino?
 - É. Não! O sexo da mulher é feminino.
 - E como é o feminino?
 - Sexo mesmo. Igual ao do homem.
 - O sexo da mulher é igual ao do homem?
 - É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?
 - Certo.
 - São duas coisas diferentes.
 - Então como é o feminino de sexo?
 - É igual ao masculino.
 - Mas não são diferentes?
 - Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
 - Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
 - A *palavra* é masculina.
 - Não. “A palavra” é feminino. Se fosse masculina seria “o pal...”
 - Chega! Vai brincar, vai.
- O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
 - Por quê?
 - Ele só pensa em gramática.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE QUADROS	13
LISTA DE FIGURAS	14
RESUMO	15
ABSTRACT	16
1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Meu percurso rumo à Sociolinguística	17
1.2 Objetivos e motivação	20
2. DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA.....	23
2.1 Contextualização histórico-geográfica da baixada cuiabana.....	23
2.2 Contato entre línguas	26
2.3 Contextualização linguística com fenômenos típicos de Cuiabá.....	29
2.3.1 <i>Variações fonológicas</i>	29
2.3.2 <i>Variações lexicais</i>	30
2.3.3 <i>Variações discursivas</i>	31
2.3.4 <i>Variações morfossintáticas</i>	32
3. CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DO GÊNERO E DA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO	36
3.1 Gênero no latim	36
3.2 Gênero no português arcaico	37
3.3 Gênero para a gramática tradicional	39
3.4 Gênero para a Linguística.....	41
3.5 Gênero em outras línguas: uma abordagem translinguística	45
3.6 Gênero nas variedades populares do português brasileiro.....	50
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	54
4.1 História da Sociolinguística.....	54

4.2 Pressupostos metodológicos	60
5. A ANÁLISE VARIÁVEL.....	64
5.1 Constituição do <i>corpus</i> e das variáveis	64
5.2 Hipóteses e análise das variáveis linguísticas.....	68
5.2.1 <i>Função sintática</i>	68
5.2.2 <i>Configuração sintagmática e posição dos elementos</i>	71
5.2.3 <i>Presença ou ausência de artigo "a"</i>	83
5.2.4 <i>Grau de animacidade</i>	83
5.2.5 <i>Natureza morfológica</i>	84
5.2.6 <i>Tipo de referência</i>	88
5.3 Hipóteses e análise das variáveis sociais	89
5.3.1 <i>Sexo dos informantes</i>	89
5.3.2 <i>Faixa etária</i>	90
5.3.4 <i>Grau de escolaridade</i>	93
5.3.5 <i>Continuum rurbano</i>	94
5.3.6 <i>Identificação dos informantes e atitudes sociolinguísticas</i>	95
5.3.7 <i>Grau de letramento</i>	103
6. SOBRE O ENCAIXAMENTO LINGUÍSTICO DA AUSÊNCIA DA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO.....	110
6.1 Ausência da concordância de gênero em dados escritos do português europeu	110
6.2 Ausência da concordância de gênero em dados de observação participante do português brasileiro	114
7. MUDANÇA LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE CUIABÁ	125
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
10. ANEXOS	144
Anexo 1: Ausência da concordância de gênero em dados do falar cuiabano.....	144
Anexo 2: Ausência da concordância de gênero em dados escritos do português europeu.....	148
Anexo 3: Ausência da concordância de gênero em dados do português brasileiro.....	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Efeito da função sintática sobre a concordância de gênero.....	70
Tabela 2: SNs de dois elementos, com um elemento à esquerda do nome.....	73
Tabela 3: SNs de três ou mais elementos, com todos os elementos, normalmente dois, à esquerda do nome.....	75
Tabela 4: SNs de dois elementos, com um elemento à direita do nome.....	75
Tabela 5: SNs de três ou quatro elementos com elemento(s) à esquerda e à direita do nome, terminados por adjetivo ou possessivo.....	76
Tabela 6: Sintagma predicativo à direita.....	77
Tabela 7: Sintagma predicativo à esquerda.....	77
Tabela 8: SNs de dois ou mais elementos com quantificador à esquerda.....	78
Tabela 9: SNs de dois ou mais elementos com quantificado à direita.....	78
Tabela 10: Efeito da configuração sintagmática sobre a concordância de gênero.....	79
Tabela 11: Novos resultados da configuração sintagmática sobre a concordância de gênero.....	82
Tabela 12: Efeito do grau de animacidade sobre a concordância de gênero antes da inserção da natureza morfológica.....	84
Tabela 13: Efeito da natureza morfológica sobre a concordância de gênero.....	86
Tabela 14: Novos resultados da natureza morfológica.....	86
Tabela 15: Efeito do cruzamento das variáveis grau de animacidade e natureza morfológica.....	87
Tabela 16: Efeito do tipo de referência sobre a concordância de gênero.....	89
Tabela 17: Efeito do sexo dos informantes sobre a concordância de gênero.....	90
Tabela 18: Efeito da faixa etária sobre a concordância de gênero.....	91
Tabela 19: Efeito do grau de escolaridade sobre a concordância de gênero antes da inserção do grau de letramento.....	93
Tabela 20: Efeito do <i>continuum rurbano</i> sobre a concordância de gênero.....	95
Tabela 21: Efeito do indivíduo sobre a concordância de gênero.....	96
Tabela 22: Efeito do grau de letramento sobre a concordância de gênero.....	106
Tabela 23: Efeito do cruzamento das variáveis grau de letramento e <i>continuum rurbano</i> sobre a concordância de gênero.....	109
Tabela 24: Efeito da concordância de número nos dados do português europeu sobre a ausência da concordância de gênero.....	112

Tabela 25: Efeito da data de publicação dos dados do português europeu sobre a ausência da concordância de gênero.....	113
Tabela 26: Efeito do tipo de fonte nos dados do português brasileiro sobre a ausência da concordância de gênero.....	118
Tabela 27: Efeito da concordância de número nos dados do português brasileiro sobre a ausência da concordância de gênero.....	120
Tabela 28: Efeito da faixa etária sobre a concordância de gênero nos sintagmas predicativos.....	127
Tabela 29: Efeito do grau de letramento sobre a concordância de gênero nos sintagmas predicativos.....	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado dos pesos relativos da configuração sintagmática.....	81
Gráfico 2: Influência da faixa etária sobre a concordância de gênero.....	91
Gráfico 3: Análise individual da presença da concordância de gênero segundo cada informante.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informantes por idade e anos de escolarização.....	64
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Mato Grosso.....	24
------------------------------------	----

RESUMO

O objetivo do nosso trabalho é analisar a variação e mudança linguística na concordância de gênero no sintagma nominal e no sintagma predicativo da “Baixada Cuiabana”, Mato Grosso, a partir da análise do encaixamento social e do encaixamento linguístico, que tem como pressuposto básico a heterogeneidade ordenada.

O aparato teórico utilizado para a pesquisa é o da Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), e o da Teoria da Mudança Linguística, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (1968). A análise quantitativa dos dados é feita através do novo pacote de programas Goldvarb-X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005; Pintzuk, 1988).

A hipótese geral que norteia o trabalho é que apesar de a concordância de gênero não ser um fenômeno tão produtivo no português brasileiro, apresenta padrões muito semelhantes à concordância de número, principalmente com relação à posição dos elementos na sentença, já que ambas as concordâncias são mais produtivas à esquerda do sintagma nominal e nos predicativos.

Para a análise variável dos dados do falar cuiabano controlamos: (1) Função sintática; (2) Configuração sintagmática; (3) Grau de animacidade; (4) Natureza morfológica; (5) Tipo de referência; (6) Sexo dos informantes; (7) Faixa etária; (8) Grau de escolaridade; (9) *Continuum urbano* e (10) Identificação do indivíduo.

A junção de todos os fatores linguísticos e sociais nos ajuda a entender melhor o fenômeno em questão, já que se trata, provavelmente, de um processo de mudança linguística, com o uso cada vez maior da concordância padrão, liderado pelos jovens de 15 a 25 anos.

Além disso, investigamos também a ausência da concordância de gênero em dados do português brasileiro e em dados do português europeu, com o intuito de mostrar um panorama mais amplo dessa variação no Brasil e em Portugal.

ABSTRACT

The goal of this work is to analyze the variation and the linguistic change in the gender agreement on nominal and predicative phrase in Baixada Cuiabana, Mato Grosso, considering the social and the linguistic embedding, which has the organized heterogeneity as basic presupposition.

The Variation Theory, proposed by Labov (1972), and the Linguistic Change Theory, developed by Weinreich, Labov and Herzog (1968), are the theoretical support used for this research. The data quantitative analysis is made through the Goldvarb-x new package programs (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005; Pintzuk, 1988).

The general hypothesis which orientates the work is that, despite of the gender agreement isn't a very productive phenomenon in Brazilian Portuguese, it shows very similar patterns to the number agreement, specially with reference to the elements place in the clause, because both kind of agreement are more productive on the left side of the nominal phrase and the predicative phrase.

For the variable analysis of the mentioned speech, (1) syntatic function; (2) syntagmatic configuration; (3) animacity degree; (4) morphological type; (5) reference type; (6) informant sex; (7) speaker age; (8) schooling degree; (9) "continuum urbano"; (10) individual identification were controlled.

The sum of all the linguistic and social factors help us to really understand this phenomenon, because it probably is a linguistic change process, with the standard agreement bigger each time, specially for the 15-25 youngs.

Besides, the lack of gender agreement in Brazilian Portuguese data and in European Portuguese data, was also investigated to show a more complete view of this variation in Brazil and in Portugal.

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, relatarei como a Sociolinguística me escolheu como pesquisadora e quais foram os objetivos e motivações que nos fizeram realizar o trabalho sobre a concordância de gênero na baixada cuiabana.

1.1 Meu percurso rumo à Sociolinguística

Sob a orientação da professora Maria Marta Pereira Scherre, realizo meu mestrado a respeito da concordância de gênero no sintagma nominal e no sintagma predicativo no falar cuiabano. Iniciarei a introdução com um pequeno percurso pessoal de como cheguei até aqui.

No curso de graduação em Letras da Universidade de Brasília, tive o primeiro contato com a Sociolinguística nas aulas do professor Marcos Bagno, em Sociolinguística do Português do Brasil (2005) e Português Diacrônico (2006). Desde então, senti uma vontade muito grande de estudar mais e de me aprofundar nos conhecimentos dessa área da Linguística, porque eu ficava impressionada com a explicação científica que a Sociolinguística sempre tinha para as variações cultas e, principalmente, para as variações estigmatizadas que muitas vezes são explicadas como “erro”. Aquelas explicações científicas desde o latim, o português arcaico, comparações com outras línguas e, sobretudo, as explicações sociais por trás do preconceito linguístico me deixaram extasiada com relação ao curso de Letras. Naquele momento, tudo que eu já tinha estudado em fonética e fonologia, morfologia e sintaxe era um suporte para as explicações sociolinguísticas, que reunia tudo isso a depender do fenômeno que estávamos analisando.

Nessas aulas, a respeito de Sociolinguística Quantitativa, só tínhamos estudado o livro de Scherre (2005), “Doa-se lindos filhotes de poodle”. Mesmo sem entender muito bem as tabelas, que até então não sabia nem para que serviam, me familiarizei muito com a forma clara e didática do livro, que traduzia sempre por escrito o que refletiam os números.

Depois disso, decidi que meu projeto de curso, em 2006, seria na área de Sociolinguística. Havia, então, outro problema, porque no noturno só tínhamos Marcos Bagno como representante e, naquele momento, ele não podia orientar ninguém. Como já tinha feito

Laboratório de Redação com a professora Maria Luiza Monteiro Sales Coroa, decidi procurá-la e fazer o projeto com ela. Mesmo sendo da Análise do Discurso e da Semântica, ela aceitou orientar um trabalho voltado para a Sociolinguística. Como minha avó tinha lecionado português na rede pública com livros didáticos da década de 80 e 90, decidi trabalhar com algo voltado para o ensino. Seguindo a Sociolinguística Qualitativa, o projeto então se iniciava com o título de “Variação linguística - Uma perspectiva longitudinal nos livros didáticos de língua portuguesa”. Neste projeto, analisei como e quando a variação linguística foi inserida nos livros de 5ª série do ensino fundamental. O pressuposto da pesquisa era abordar como a Sociolinguística e, mais especificamente, a variação linguística podem ajudar e fazer parte do ensino de Língua Portuguesa a partir dos livros didáticos. Por isso, fiz uma comparação dos livros antigos com os livros mais atuais (de 1980 a 2004) para detectar se houve uma mudança na concepção de língua e se os livros contemplavam ou não a variação linguística, além de analisar como a variação era trabalhada em dois livros atuais, porque, dos 17 livros analisados, apenas esses dois contemplavam minimamente a variação linguística.

O curioso é que a Sociolinguística nasceu praticamente nos anos 1960, com Labov, nos Estados Unidos, e, nos anos 1980, já estava no ápice das discussões universitárias. No entanto, esse tema só aparece pela primeira vez em 1997 nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ministério da Educação (MEC), alertando, principalmente, para o preconceito linguístico. Já em 1993, a comissão da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) definiu critérios de avaliação do livro didático e em 1996 o MEC passou a fiscalizar mais intensamente os livros inscritos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

Depois da primeira experiência de pesquisa e já no último semestre do curso, minha amiga Loide me ligou dizendo que Marta Scherre, professora da UnB na época, havia aberto uma disciplina. Foi a minha maior oportunidade e a minha maior sorte, porque as matrículas já tinham sido encerradas e, apesar de só faltar uma disciplina para eu terminar o curso, decidi me matricular em *Tópicos atuais em Linguística*.

Pois bem, começamos as aulas de Tópicos com as mestrandas Geruza Graebim e Patrícia Tavares, juntamente com as professoras Marta Scherre e Rachel Dettoni. O objetivo dessa disciplina era aprendermos a usar o programa Varbrul e fazer rodadas quantitativas. O fenômeno escolhido foi a retomada anafórica do objeto direto de terceira pessoa nos livros do escritor Luis Fernando Veríssimo. As variantes eram: (i) pronome oblíquo ou clítico (O pai estranha **a seriedade do filho**. Nunca **o** viu assim.); (ii) pronome reto ou pronome lexical (E depois ainda atiraram **ele** pela janela); (iii) objeto nulo (Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia.) e (iv) a repetição do sintagma nominal (O garoto agradeceu, desembrulhou **a**

bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar **a bola**, à procura de alguma coisa).

A minha primeira hipótese sobre essa variação era que Veríssimo estivesse reproduzindo fielmente a fala das pessoas, por ser um escritor de crônicas e fatos cotidianos, diferentemente dos autores mais clássicos de literatura. O uso mais frequente em sua obra foi do objeto nulo (46,8%), seguido do pronome oblíquo (37,9%). Quando era o próprio autor que falava no texto, ele se monitorava mais com o uso do oblíquo. O pronome oblíquo e o reto também eram condicionados pelo traço [+animado] do objeto e, sintaticamente falando, as estruturas mais simples (SVO), quando o objeto é um sintagma nominal, favoreciam a categoria vazia.

Em 2007, já recuperada da frustração de não ter passado no mestrado em 2006, continuei minha dupla-habilitação em Letras-Espanhol e fui atrás da professora Marta Scherre perguntar se ela poderia me orientar em 2008. De início, ela já me disse que não poderia porque ia se mudar para o Espírito Santo em meados do próximo ano. Inconformada de perder a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos na área com que eu me identificava e com a professora Marta Scherre, continuei mandando *e-mails* para ela durante o primeiro semestre de 2007. Como *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*, enfim consegui receber um *sim* e minhas preces foram atendidas por Marta Scherre que me deu a oportunidade e a alegria dessa parceria maravilhosa.

Assim sendo, no final de 2007, tentei novamente o mestrado e, com êxito, consegui a tão sonhada aprovação. Nesse mesmo ano, a professora Marta Scherre me propôs estudar o *corpus* organizado pela professora Rachel Dettoni sobre o falar cuiabano, mesmo porque o *corpus* só tinha sido analisado uma única vez. A professora Scherre e o professor Naro também estudariam concordância de número no mesmo *corpus* com que a professora Rachel estudou concordância de gênero na anáfora pronominal. Então, na minha cabeça, eu estudaria o mesmo fenômeno que estudei na disciplina de *Tópicos* (retomada anafórica do objeto direto).

No primeiro ano de mestrado, fiz a disciplina “Variação e Mudança Linguística” na pós-graduação com a professora Rachel Dettoni, e, em uma de nossas conversas, ela me deu várias dicas de outros fenômenos interessantes para se trabalhar com este *corpus*. Dentre elas, a que me chamou atenção foi trabalhar com a variação de gênero no sintagma nominal e no predicativo. Lendo com mais calma as entrevistas, percebi que este era de fato um fenômeno típico e muito forte desse falar local. Então, pensei que fosse mais enriquecedor analisar um fenômeno que fosse parte dos traços típicos de uma comunidade.

Novamente, agradeço à professora Rachel Dettoni, porque, além de ter cedido pela primeira vez seu *corpus*, ainda me iluminou com dicas preciosas.

1.2 Objetivos e motivação

Agora voltando aos nossos objetivos e motivações, logo no primeiro semestre mudei o fenômeno linguístico a ser pesquisado e passei a analisar a concordância de gênero no vernáculo cuiabano em tempo aparente, com recortes etários sincrônicos, tanto no sintagma nominal quanto no sintagma predicativo. Para isso, analisamos algumas variáveis sociais e linguísticas, no âmbito da heterogeneidade ordenada, segundo a qual a variação é governada por fatores linguísticos e extralinguísticos, corroborando o argumento de que o uso de uma ou outra variante não é aleatório, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006).

Uma de nossas motivações é analisar um fenômeno pouco estudado na Sociolinguística e na Linguística de uma maneira geral, por ser também pouco produtivo na comunidade linguística urbana brasileira. De acordo com Lucchesi (2008, p. 152), “a variação na concordância de gênero é um fenômeno raro, circunscrito a algumas comunidades rurais isoladas”

É de nosso interesse estudar uma comunidade de fala estigmatizada como a da baixada cuiabana, no Mato Grosso, buscando trazer para o âmbito acadêmico e científico a importância de se estudar a variação linguística para a compreensão integral da nossa língua materna. Para o estudo do falar cuiabano, sugiro a tese de Dettoni (2003) e os textos de Almeida e Cox (2005) que apresentam detalhes dessa variedade linguística.

Fatores linguísticos também nos motivaram a estudar esse fenômeno no intuito de desenvolver um trabalho buscando ratificações com relação à força da posição à esquerda na concordância de gênero, visto que este parece ser um fator muito forte no português brasileiro, principalmente com relação à concordância de número, como demonstra Scherre (1998).

E, enfim, a outra motivação foi a de participar dos estudos referentes à região Centro-Oeste, com o intuito de capitalizar os resultados obtidos nessa região através do projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO), coordenado pela professora Rachel Dettoni, da Universidade de Brasília.

A hipótese geral é que, apesar de a concordância de gênero não ser um fenômeno tão produtivo no português brasileiro, apresenta padrões muito semelhantes aos da concordância de número, principalmente com relação à posição dos elementos na sentença, já que ambas as concordâncias são mais produtivas à esquerda dos sintagmas nominal e predicativo. Posto isso, podemos estar diante de um padrão mais geral do português brasileiro em que a concordância de gênero e a de número seguem os mesmos padrões linguísticos.

Outro questionamento importante é saber o que faz o falar cuiabano, no tocante à concordância de gênero apenas no SN (**a noite inteiro**), ser diferente das demais variedades do português brasileiro. Há também a semelhança da concordância de gênero que é o fato de os traços graduais¹, como ausência de concordância no sujeito posposto (**É muito mínimo essa concordância**) ou no sintagma predicativo (**A situação** da Amazônia está a cada dia mais **complicado**), serem características produtivas do português escrito e falado, como demonstram os dados coletados em observação participante (cf. Anexo 3). Logo, pretende-se refutar a hipótese nula, que é a negação da hipótese da variabilidade linguística, visto que a concordância de gênero não é uma idiosincrasia da língua, apesar de o gênero em si ser, principalmente se compararmos com outras línguas. Existem, sim, fatores linguísticos e sociais que condicionam a aplicação da regra variável da concordância de gênero.

Após as considerações preliminares, a composição de cada capítulo desta dissertação está feita da seguinte forma: no capítulo 2, trataremos da descrição da comunidade de fala, seus aspectos linguísticos, históricos e geográficos, com o objetivo de contextualizar todos os fatores que nos ajudarão a interpretar os dados posteriormente. No capítulo 3, falaremos brevemente da caracterização da concordância de gênero e do gênero para o latim, português arcaico, variedades populares do português brasileiro, gramática tradicional e para a linguística. Além disso, fizemos uma compilação de como o gênero se manifesta em línguas como inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. No capítulo 4, resumiremos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Quantitativa que embasam esta pesquisa. No capítulo 5, explicaremos a análise social e linguística desta variedade e as atitudes sociolinguísticas dos informantes com relação a sua própria língua, comparando, quando pertinente, os nossos resultados com os de Lucchesi (2000) e de Dettoni (2003). No capítulo 6, compararemos a concordância de gênero nos sintagmas predicativos canônicos e em

¹ A terminologia traços graduais e traços descontínuos é de Bortoni (1998, p. 102), que caracteriza, em verdade, dois tipos de regras variáveis; regras descontínuas “que definem uma estratificação descontínua” e regras graduais “que definem uma estratificação contínua”. Os traços graduais são exemplificados pelos sintagmas predicativos dos dados do português brasileiro de uma forma geral e os traços descontínuos são exemplificados pelos dados de sintagma nominal da baixada cuiabana (*a noite inteiro*), já que há um estranhamento por parte do falante e é resultado de uma estratificação social maior.

sujeitos pospostos com dados do português brasileiro na língua falada formal e informal e da língua escrita formal, incluindo dados da mídia, juntamente com dados escritos do português europeu, no intuito de pensar sobre a sistematicidade da não concordância de gênero nos predicativos. No capítulo 7, faremos uma resenha dos cinco problemas da mudança linguística (avaliação, restrição, implementação, encaixamento social e linguístico), analisados por Dettoni (2003), a respeito do percurso do gênero e da variedade linguística como um todo na comunidade de Cuiabá, além dos resultados do predicativo separado dos sintagmas nominais.

Por fim, encerraremos com algumas considerações finais e perspectivas futuras para outros trabalhos que, porventura, se debruçarão sobre o mesmo tema, além das referências bibliográficas e dos anexos contendo todos os exemplos da ausência da concordância de gênero.

2. DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE DE FALA

Neste capítulo, falaremos sobre a contextualização histórica, geográfica e linguística de Cuiabá. Haverá, portanto, uma explanação dos fenômenos linguísticos típicos da baixada cuiabana e do contato entre as línguas existentes na época da colonização do Mato Grosso.

2.1 Contextualização histórico-geográfica da baixada cuiabana

Para o enriquecimento da pesquisa linguística e do entendimento da comunidade de fala como um todo, é importante falarmos um pouco do contexto histórico-social da baixada cuiabana. Por ser uma comunidade ainda pouco estudada, se faz necessário conhecer mais a sua história, mesmo porque não se faz sociolinguística sem conhecer a realidade linguística e social de uma comunidade e de seus falantes. Todos esses elementos são importantes para a descrição e explicação do fenômeno linguístico em questão.

Localizada no Mato Grosso, a baixada cuiabana é composta pela capital Cuiabá e seus 14 municípios, que se originaram ao longo do rio Cuiabá. São eles: Várzea Grande, Chapada dos Guimarães, Santo Antônio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento, Poconé, Planalto da Serra, Barão de Melgaço, Acorizal, Rosário Oeste, Jangada, Nobres, Nova Brasilândia e Campo Verde². O pólo mais urbano é constituído por Cuiabá e Várzea Grande e os demais municípios são considerados pólos menos urbanos.

A baixada cuiabana faz parte da região Centro-Oeste brasileira (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal) e, como veremos, sua linguagem apresenta traços bem específicos e particulares. Uma dessas especificidades linguísticas será o foco principal do nosso trabalho: a que diz respeito à concordância de gênero no interior do sintagma nominal e na relação predicativo-sujeito. A seguir, encontra-se o mapa do Mato Grosso.

² As informações sobre os municípios pertencentes à baixada cuiabana foram retiradas do portal da cidadania de Mato Grosso (site <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/baixadacuiabanamt>).



Figura 1: Mapa do Mato Grosso – Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/mapa/mato-grosso.gif>

Em 1718, Mato Grosso começa a ser ocupado, via rio Cuiabá, pelos paulistas, na atividade bandeirante à caça de índios para mão de obra escrava. Nessa busca indígena desenfreada, acabaram encontrando ouro no rio Coxipó, o que aumentou ainda mais a ocupação nas terras do Centro-Oeste.

As áreas habitacionais urbanas e, sobretudo, as rurais, começaram a se formar dando início a um falar mais característico de Cuiabá. Segundo Almeida (2000, p. 32):

Em 1727, no dia primeiro de janeiro, Cuiabá recebe o foro de vila, com categoria de município, passando a se chamar Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá. Em 17 de setembro de 1818, por Carta Régia de D. João VI, a sede do município, a Vila do Cuiabá, é elevada à categoria de cidade com a denominação Cuiabá, transformando-se em capital da província de Mato Grosso em 1835.

Em consequência dessa ocupação, abriram-se novas estradas e ferrovias para facilitar o acesso à “nova” região. No entanto, essa população viveu um isolamento muito grande por conta de ter um único contato através da navegação fluvial. Só em 1930 começaram as navegações aéreas. O grande crescimento da cidade se deu também devido à “marcha para Oeste”, incentivada por Getúlio Vargas, para a ocupação efetiva da região. Juntamente com esses fatos históricos, as rodovias e indústrias também contribuíram para um crescimento populacional e um contato maior com os grandes centros do país. Segundo Póvoas (1982, p. 46):

Desta exposição se conclui, em traços muito largos, que Cuiabá assumiu, de fato, a sua indiscutível posição de Metrópole política e econômica de Mato Grosso... Basta um olhar às suas ruas, onde trafegam carros com placas de centenas de cidades dos Estados sulinos; basta ver o movimento fervilhante de seu aeroporto, considerado um dos mais movimentados do Brasil; basta uma percorrida pelos bairros da periferia da cidade, onde se erguem as residências de mais alto nível.

É conveniente lembrar que Póvoas já teve essa percepção no ano de 1982, o que diremos agora em 2009 sobre essa grande sede da administração estadual que se tornou Cuiabá.

O contato dos primeiros brancos com os indígenas e depois com os escravos negros foi responsável por uma grande miscigenação, começando por São Paulo. A respeito do falante originário de Cuiabá, as pesquisas nessa região mostram que cada vez mais há um distanciamento entre o cuiabano e a sua terra natal, com o aumento da migração e o contato com variedades de maior prestígio. Sobre as características físicas do homem, Almeida (2000, p. 24) afirma que:

o cuiabano legítimo nasceu, vive, e pretende morrer na terra natal – em que relaciona **chapa** à certidão de **nascimento**, e **cruz**, à de **óbito** – no geral, não negam a descendência brasílica, mameluca, embora já esteja bem miscigenada com a raça negra, como era de se esperar, levando em conta a história social da região. (grifos meus)

Sobre a cultura local, segundo Romancini (2007, [S.p.]), são típicas as danças do siriri, de origem indígena, em pares, e as danças do cururu representadas somente pelos homens. Para acompanhar essas danças, utilizam-se as violas de cocho, do ganzá e do mocho. A viola de cocho é considerada patrimônio cultural de Mato Grosso e é feita artesanalmente de madeira, parecida a uma viola. O ganzá é um instrumento de percussão e o mocho é conhecido como tamborete ou tamborim.

Diante dessas breves informações, é perceptível que a Baixada Cuiabana foi marcada por vários fatores sociais, geográficos e linguísticos que possivelmente interferiram ou contribuíram para a realidade linguística atual. É nessa perspectiva que trabalhamos para tentar esclarecer maximamente as possíveis origens, explicações e entendimentos no tocante à concordância de gênero.

2.2 Contato entre línguas

Primeiramente, é interessante diferenciar as línguas **de** contato das línguas **em** contato. As línguas de contato são as línguas que historicamente surgiram das situações de contato de duas línguas, dando surgimento a uma nova língua, como os pidgins e crioulos. O que vamos discutir aqui se refere às línguas em contato e que interferem umas nas outras em diferentes graus, mas sem dar origem a outro código. É com essa ideia que falaremos sobre o contato entre línguas que ocorreu no Mato Grosso.

Para Almeida (2005, p. 25):

Há de se levar em conta também que, até o fim do século XVII, a chamada “língua geral” foi, por assim dizer, se não a única, a língua que mais se falou em São Paulo, ponto irradiador do bandeirantismo que desbravou o interior brasileiro.

Segundo Souza (2005, p. 29) “já no século XVII, a língua geral paulista começou a ser difundida no território mato-grossense”. Assim sendo, Almeida (2005, p. 26-27) relata que mesmo com a proibição da língua geral pelo reino, em 1757, pelo Marquês de

Pombal, em favor do uso exclusivo do português como língua oficial, durante o século XVIII, a língua geral ainda assim era mais falada em casa e no cotidiano das pessoas.³

Conforme Almeida em sua tese de doutorado (2000, p. 30), o Mato Grosso era povoado por índios, portugueses, paulistas ou espanhóis que para lá foram e se comunicavam através da “língua geral”, tendo em vista que uma “colonização” seria dificilmente realizada na língua apenas dos colonizadores ou apenas dos colonizados. Depois é que o português foi adotado pela comunidade na sua comunicação cotidiana, também por causa dos interesses auríferos. Por isso, várias características desse português inicial foram preservadas nos dialetos mais populares e é nesse contexto de descobrimento que surge Cuiabá.

De acordo com Almeida (2005, p. 28), nessa região, possivelmente houve uma confluência dos substratos indígena (tronco tupi ou tupi-guarani), africano, espanhol e português.

Segundo a enciclopédia Bororo (1962, p. 6), com relação ao substrato indígena, já estavam no Mato Grosso as tribos dos Bororos. Nessa língua, não havia gênero em algumas classes gramaticais, entre elas os pronomes possessivos, sempre no masculino para ambos os gêneros. No entanto, em alguns nomes de animais, havia o gênero para diferenciar o sexo.

A forma diferente que essa língua tem de não utilizar o gênero, como também ocorre no inglês, nos confirma a ideia de que o gênero de fato é idiossincrático nas línguas, o que não acontece com a concordância de gênero para as línguas que, é claro, possuem o gênero. Para Souza (2005, p. 33):

O português europeu e a língua tupi deram origem à língua geral. As línguas nativas e línguas francas africanas, bem como a variedade crioula de São Tomé, em contato com o português europeu, muito provavelmente, originaram um crioulo ou variedade (s) crioula (s) do português.

A contribuição da língua africana provém da grande importância do escravo em Mato Grosso, no século XVIII (cf. ALEIXO, 1984, p. 39). Com a descoberta de ouro,

³ Em Silva Neto (*apud* Souza, 2005, p. 29), o autor chega a dizer que houve certo tipo de bilinguismo no Brasil: a língua geral e o português. Em Holanda (*apud* Souza, 2005, p. 36) “ao que parece, essa língua geral era uma espécie de língua franca luso-espanhola que, possivelmente, apresentaria variação, dependendo da nacionalidade do falante”.

houve a necessidade de se ter mão de obra barata e qualificada. Mesmo depois da decadência de ouro e diamante, muitos escravos, agora já homens livres depois da abolição da escravatura (início do século XIX), foram reaproveitados para a lavoura de cana de açúcar, para o serviço doméstico e para o comércio.

Aleixo (1984, p. 46) aponta quatro fatores que contribuíram para o desenvolvimento da lavoura: disponibilidade de terras, mão de obra adequada, existência de um mercado consumidor e a presença de rios para transportar a produção açucareira.

Segundo Souza (2005, p. 33-34), os espanhóis, nessa mesma época, também rondavam a região em busca ouro, índios para aprisionar e oportunidades para dominar mais um território. Rodrigues (1969, p. 114) afirma que “Antes, porém, das investidas paulistas já as terras de Mato Grosso haviam sido trilhadas pelos espanhóis, que pretendiam prolongar suas conquistas”. Mais adiante, Rodrigues (1969, p. 115) faz outra referência em que “Portugueses e paulistas burlavam as ordens da poderosa Espanha que, durante quase sessenta anos, isto é, de 1581 a 1640, dominou Portugal”. Esse contato com os espanhóis pode ter influenciado também a linguagem cuiabana de alguma maneira.

Ainda de acordo com Rodrigues (1969, p. 118), o segundo capitão general de Mato Grosso, João Pedro da Câmara, melhorou os postos militares como uma medida preventiva para o avanço dos espanhóis, que mesmo em número maior não conseguiu vencer Portugal por causa da malária (implaudismo). Ainda sobre os espanhóis, Dettoni (2002, p. 14) afirma que:

Embora tomemos sempre como marco do início da colonização do oeste brasileiro a ação desbravadora dos bandeirantes que se efetivou mais propriamente a partir do século XVIII, sabe-se que o cenário histórico-social daquela região, antes da chegada desses conquistadores, já envolvia contatos com a variedade castelhana da fronteira.

(...)

A possibilidade de navegação pelos vários rios que banham a região, entre eles o rio da Prata, o Paraguai e o Cuiabá, tornava bastante favorável a incursão de espanhóis no território mato-grossense. Naquelas terras meio ‘de ninguém’, transcorreram pelo menos duzentos anos de franco contato entre os espanhóis e os elementos nativos.

É no mínimo impressionante como os portugueses conseguiram a posse do maior país da América Latina, sendo que os espanhóis já estavam conquistando toda a costa e,

inclusive, já tinham dominado Portugal. Nessa “briga” entre portugueses e espanhóis, podem ter ficado traços portugueses na língua, no tocante à concordância de gênero nos sintagmas nominais e predicativos (cf. Anexo 2), como “**minha cozinha** que está **dividido...**” (INQ. Boléo, 1942), “**uma coluna atado**” (INQ. Boléo, 1942) e “**aquele buraca**”. (INQ. Boléo, 1942)

Com relação ao gênero, só temos exemplos de variação no português europeu e no espanhol, que serão vistos mais adiante. Parece que até agora indícios da variação de gênero das línguas africana, indígena e espanhola não foram encontrados no Mato Grosso, apesar de Lucchesi e Macedo (1997) terem estudado o português de contato do Alto Xingu e Lucchesi (2000; 2008) ter estudado a comunidade de Helvécia, localizada no sul da Bahia, com uma hipótese de crioulização.

Dessa forma, houve um contato entre línguas muito forte e muito intenso no Mato Grosso, o que pode ter influenciado direta ou indiretamente o falar cuiabano de hoje.

2.3 Contextualização linguística com fenômenos típicos de Cuiabá

Nesta seção, busca-se ilustrar a riqueza linguística que a baixada cuiabana traz junto ao seu falar. De uma forma geral, como apontam as pesquisas, Cuiabá vem perdendo seus traços linguísticos mais típicos, mas ainda encontramos vestígios de um dialeto em extinção. Abaixo, destacamos vários aspectos variáveis da fonologia, do léxico, do discurso e da morfossintaxe do falar cuiabano. O intuito dessa seção é apenas mostrar os fenômenos linguísticos que ocorrem em Cuiabá, sem a pretensão de analisá-los profundamente. Para isso, cito trabalhos onde se podem encontrar maiores explicações e referências.

2.3.1 Variações fonológicas

Para os fenômenos fonológicos⁴, retomo exemplos dados por Dettoni (2003) e por Cox (2008):

⁴ Para os fenômenos fonológicos, sugiro a leitura de Palma (1984) e Souza (1999).

- As africadas letchê, djênte são marcas bem notórias para os nativos e para quem é de fora. Segundo Dettoni (2002, p. 39), esse fenômeno pode ter influência indígena, porque na língua Bororo não havia marcação de gênero. No espanhol latino e no português europeu (cf. NARO e SCHERRE, 2007, p. 125) também há esse tipo de africada. As referências ao português europeu escrito de textos setecentistas podem ser encontradas em Almeida (2005, p. 83).
- A não elevação das vogais médias em posição átona final como em ‘sede’ [‘sede] e ‘cedo’ [cedo], diferentemente das demais variedades do português (cf. DETTONI, 2003, p. 9)
- A realização palatal em em ‘dois’ [doS]. (cf. DETTONI, 2003, p. 9)
- A redução do ditongo final ‘ão’ em ‘õ’, como em ‘irmão’ [er’mõ]. (cf. DETTONI, 2003, p. 10)
- Desnasalização da vogal /a/ como em ‘criança’ [kri’aNsa], como ocorre no espanhol também, tendo em vista que eles não nasalizam as vogais como em ‘constituição’ [constituición]. (cf. DETTONI, 2003, p. 10)
- O rotacismo como um fenômeno robusto independentemente de fatores sociais. Ex: ‘placa’ [praca], como bem relata Cox (2008, p. 95-113).

2.3.2 *Variações lexicais*

Vários vocábulos específicos também são perceptíveis aos nossos ouvidos. Há também palavras já conhecidas, mas que são utilizadas diferentemente em cada lugar, como *invisível* que tem um significado mais comum e outro bastante cuiabano (*prendedor de cabelo*), com se vê mais adiante:

- Pau rodado – pessoas que vêm de fora (migrantes ou imigrantes);
- Bagana⁵ – resto do cigarro que se joga fora.
- Invisível – objeto fino de metal usado para amarrar o cabelo.
- Supitado – estado em que se encontra uma pessoa que comeu muito.

⁵ Os vocábulos *bagana*, *invisível* e *supitado* foram retirados de Aguilera (2005, p. 130-132).

- Digoreste – algo ou alguém bacana;⁶
- Tocera – pessoa vaidosa ou convencida;
- Bambolê – sandália de borracha;
- Baleia – lotação;
- Bolicho – bodega (inclusive quando estive em Cuiabá fui a um lugar chamado Arsenal que tinha uma feirinha chamada *bolicho*, onde se vendiam comida e roupa, como uma espécie de mercearia);
- Chiriri – um pouquinho;
- Rebuçar – cobrir-se;
- Xixir – fazer coco;
- Cepo – pessoa grande, forte;
- Ajojar – juntar-se;
- Rir pra catiça – rir muito;
- Agora qua:::ndo?! – dúvida ou espanto;
- Tcha por Deus! – admiração, espanto;
- Era e pacuera – algo muito antigo;
- Vote! – interjeição que indica admiração, espanto, indignação.

2.3.3 *Variações discursivas*

São poucos os fenômenos discursivos, mas também bastante representativos da fala de Cuiabá. Há casos de construções com “diz que”, com o significado impessoal ou como marcador discursivo, exemplificado respectivamente em: “Ele começô co uma obração, **diz que** o verme comeu todo o intestino dele” e “Eu moro em Cuiabá, mudei pa lá, então falaro **diz que** eu perdi o direito.” (cf. DETTONI, 2003, p. 13)

Há também as construções com *este/esse* sem a marcação de gênero comum aos pronomes demonstrativos, ou seja, são utilizadas apenas para marcar o discurso como: “Eu mesmo que sou **esse**:, como que a gente fala?” (cf. DETTONI, 2000, p. 40). Normalmente, quando são elementos discursivos, esses pronomes são pronunciados com um alongamento, representado pelos dois pontos.

⁶ O vocábulo *digoreste* em diante foi retirado de Cox (2008, p. 25-26).

2.3.4 Variações morfossintáticas

Dentro dos fenômenos morfossintáticos relacionados ao gênero, apenas a anáfora pronominal (ELE) se referindo a antecedentes femininos foi estudada por Dettoni (2003). Todos os outros exemplos ocorrem em menor grau nas entrevistas e não fazem parte de nenhuma pesquisa, mas de qualquer forma são usos curiosos e bastante específicos de Cuiabá. Sobre os exemplos de sintagmas nominais e predicativos, discutiremos mais adiante por ser o nosso objeto de estudo. Dentre os fenômenos variáveis de gênero estão: a concordância de gênero na retomada anafórica, no sintagma nominal sem artigo, no sintagma adverbial, no sintagma predicativo masculino, no sintagma nominal masculino, no sintagma predicativo feminino e no sintagma nominal feminino.

2.3.4.1 Concordância de gênero na retomada anafórica

- O pronome ELE e as contrações DELE e NELE retomando antecedentes femininos (cf. DETTONI, 2003):

Ex 1: É. Pegava **a mamona** aí secava **ele** e, aí dipois nois socava, aí rumava na água quente, mexia **ele** até **ele** criá aquele óleo assim, aí quando ficava aquele ponto, tirava do fogo e esfiava, nois catava mamona. Coava e punha na garrafa.

- A contração DELE retomando antecedentes femininos:

Ex 2: Ah, pega **a cana**, e:: assim tirá aqueles pelinho **dele**, dipois moía, Cê tirava **o couro dele** assim, dava uns quatro palmo.

- A contração NELE retomando antecedentes femininos

Ex 3: Se **uma pessoa** passou **nele** esse: taturana, passa um alho no algodão e passa **nele**.

- O quantificador TODO/TUDO retomando antecedentes femininos

Ex 1: P⁷_ Ah, tá. E **suas crianças** nasceram aqui ou nasceram em Cuiabá?

E_Não, nascero aqui. **todos, todos** três.

Ex 2: É, em **todos**, ixiste falso pastor, (falando sobre as igrejas)
falso: padre, **tudo esse** aí existe, né?

- O quantificador TUDO variando com o quantificador TODO

Ex 1: Mía cunhada que benzia **tudo mundo** tamém morreu co a rôpa no corpo, num preS⁸ta, num presta benzê.

Ex 2: Eu revirei **o colchão tudinho** pra vê se não tinha outro né, eu tenho medo também, não descuido ne (falando sobre aranha)⁹

- O possessivo MEU retomando antecedentes femininos

Então, você vai fazer **sua comida** porque **meu** é esse que tá aqui.

- O pronome indefinido VÁRIOS retomando antecedentes femininos.

P_Que mais **plantas** você tem usado pra tratar das pessoas?

E_ São **vários, vários mesmo**.

- O pronome demonstrativo OUTRO retomando antecedentes femininos.

Aí acendi a luz e vi que era **aranha**, revirei o colchão inteirinho pra ver se tinha **outro**.

- O pronome ESSE retomando antecedentes femininos.

Ex1: Não. Lá em casa tem só **esse**. (sobre a planta)

⁷ A legenda para o símbolo *E* é entrevistado e para *P* é pesquisador.

⁸ Relembro que esse “S” no final dos nomes ou em travamento silábico indica a realização palatal, típica de Cuiabá.

⁹ Este uso não é específico da variedade cuiabana.

Ex 2: O pessoal num mexe quase com **esse** aí né. (sobre a festa)

Ex 3: Tem gente que bebe a raiz, eu faço a folha. **Flor de cruzeirinho**, **esse** é pra quem levou pancada.

Ex 4: **Esse** é **caninha** do brejo, mamãe tem, tem **a caninha** do brejo **plantado** aí. **Esse** é pra dor de urina.

- Único dado, de 21 entrevistas, de pronome oblíquo no masculino retomando antecedente feminino.

Então, chega o dia de quarta-feira de cinzas, **aquelas folhas** que nós tem bastante guardada, nós levamos pra queimá-**lo** ele pra dia de o padre benze ele, queima, pra ser distribuído quarta-feira de cinzas fazendo cruz na nossa cabeça.

2.3.4.2 Sintagma nominal sem artigo

- Sintagmas femininos sem o artigo “a”.

Ex 1: P_ É a festa de que, de São Gonçalo?
E_É, **festa de São Gonçalo** eleS fazem.

Ex 2: Então, você vai fazer **sua comida** porque **meu** é esse que ta aqui.

2.3.4.3 Sintagmas adverbiais

- Construções sintagmáticas com a contração da preposição *em* + artigo *o* (NO).

Ex 1: **No** nossa criação.

Ex 2: Me fala mia filha, **no** quem que ocê vai acriditá?

Ex 3: Eu num sô pobre de espírito por mim pode fazê poco **no mim** qu'eu sô pobre.

Ex 4: Minha irmã morava na: **no várzea grande**.

2.3.4.4 Concordância de gênero nos sintagmas predicativos masculinos

- Predicativos no feminino retomando antecedentes masculinos.

Ex 1: Não sei se porque **o crime** pra lá é mais **fria**, sei lá.

Ex 2: Não, deSta veS foi mais **fria** né, e foi mai demorado tamém o frio desta ves. (falando do tempo)

2.3.4.5 Concordância de gênero nos sintagmas nominais masculinos

- Sintagmas masculinos com determinantes ou adjetivos femininos.

Ex 1: Dos escravos? Sempre eles conta dos escravos, via **aquelas muros** de pedra que eles fez.

Ex 2: Uma coisa muito triste foi quando eu senti que saiu **o lado esquerda**.//Eu passei no escuro, subi pro lado esquerda.//Aí falei, vamos ver. Estendi **Esse braço esquerda** dela, olhei.

Ex 3: É, virou turimo, naquele tempo tinha **aquela pantanar, ilha bananar**.

Ex 4: Lá **na começo** lá do, que vira o asfalto lá pa começá ante da, tamém tem sobrinha la.

2.3.4.6 Concordância de gênero nos sintagmas predicativos e nos sintagmas nominais femininos

Para o nosso estudo, optamos pela concordância de gênero apenas no interior dos sintagmas nominais femininos (*banana maduro*) e predicativos femininos (*Ela é da Chapada, nascido lá né*). Um detalhamento maior em termos de exemplos será dado mais adiante no capítulo 5 sobre a análise das variáveis linguísticas e sociais.

3. CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DO GÊNERO E DA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO

Neste capítulo, descreveremos o percurso do gênero desde o latim até o português atual a partir da revisão de diversos trabalhos referentes a este tema. Além do ponto de vista da Linguística, também se torna interessante saber como a gramática tradicional aborda o gênero gramatical e quais são suas implicações para o estudo científico. Numa abordagem translinguística, consideramos importante explicar um pouco o funcionamento do gênero em outras línguas, para que possamos entender melhor a complexidade desse fenômeno, comparando com o português brasileiro e outras línguas a fim de encontrar semelhanças com a marcação de gênero em Cuiabá. Já que não temos trabalhos variacionistas de outras línguas, essas informações provêm de gramáticas e dicionários.

3.1 Gênero no latim

Devido à rica morfologia no latim, a função sintática era marcada pelo tipo de declinação. No português, sabemos que a função sintática é marcada pela posição em que se insere determinado vocábulo ou expressão.

A morfologia nominal no latim era dividida em três gêneros gramaticais: feminino (*rana* – a rã), masculino (*dominus* – o senhor) e neutro (*templum* – o templo). Segundo Lucchesi (2000, p. 164), a explicação para o gênero neutro é que ele seria composto por palavras que se referiam a coisas e seres inanimados, enquanto os gêneros feminino e masculino seriam atribuídos aos seres animados. Para o autor (2000, p. 164):

o neutro ocupava a posição mais frágil, pois só se diferenciava morficamente do masculino nas formas do nominativo e do acusativo, havendo identidade nas formas dos demais casos. Portanto, pode-se pensar que, desde muito cedo, o uso do gênero neutro era profundamente variável no latim corrente.

Com o desaparecimento do neutro, os substantivos neutros, em sua grande maioria, transformaram-se nos substantivos masculinos da 2ª declinação (*templ(i)os*) com a terminação -os dos acusativos plurais. O mais interessante é que com o vestígio da terminação -a dos neutros houve uma reinterpretação desses neutros como feminino, como em *planeta, cometa e fantasma*. Desde muito tempo, a intuição dos falantes de português já relacionava a marca -a como tipicamente do feminino. No entanto, o neutro ainda é marca de plural no italiano (por exemplo, o plural de *osso* é *ossa*). Em português, os resquícios do neutro ainda estão na flexão pronominal como em *isto/isso, aquilo e tudo* (cf. ILARI, 2006, p. 92).

3.2 Gênero no português arcaico

Segundo Mattos e Silva (2006), para entender a importância de se estudar historicamente a língua, deve-se conhecer as etapas passadas para explicitar variações existentes no presente e aparentes incoerências estruturais. Aqui, apenas pretendemos olhar o gênero ao longo do português arcaico. Logo abaixo faremos um resumo do capítulo de Morfologia e Sintaxe, de Mattos e Silva (2006, p. 98).

A partir do *corpus* Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico, Silva (2006) estuda um texto na sua versão do século XV – a mais antiga versão em português dos Diálogos de S. Gregório.

Segundo a mesma autora, retomando as origens latinas, identificamos a vogal temática a partir das 5 declinações: *a, o/u, i/e, u, e*. Como houve um processo de simplificação da morfologia nominal de gênero, os nomes da quinta declinação se integraram à terceira e os da quarta, aos da segunda, reestruturando os nomes e adjetivos. As vogais temáticas passam a ser: *a, o, e*. Há também a classificação dos atemáticos, cujo lexema ou radical termina por /l, r, s, n/ em nomes oxítonos, respectivamente, *animal, senhor, luz, baron e pé*. A vogal temática só aparecerá nas formas plurais (*animales, senhores, luzes, barões*)

O emprego do morfema -a generaliza-se a partir do século XVI, visto que o desaparecimento do neutro fortalece a distinção entre masculino e feminino. Logo, não se registra variação morfossintática no português arcaico.

Os nomes como *menina e net* também são classificados como atemáticos, visto que, ao acrescentar o -a, apaga-se a VT <o, e> do masculino, ou seja, o feminino é uma

especificação do masculino, uma forma mais marcada em detrimento da forma generalizada e menos marcada do masculino.

Fernão de Oliveira (*apud* Silva, 2006, p. 102) já afirmava, em 1536, a importância do artigo para a determinação do gênero, já que o artigo é inovação românica.

Porque era longo compreender tantas variedades de terminações, ajudou-nos a natureza e uso da nossa língua com os artigos, os quais sempre as mais das vezes acompanham os nomes cuja companhia declara os gêneros desses nomes.

A divisão dos nomes no português arcaico quanto ao gênero era: nomes de gênero único; nomes de dois gêneros com flexão redundante; e nomes de dois gêneros sem flexão redundante.

Como os neutros no latim se distribuíram entre masculino e feminino, houve uma oscilação entre nomes de gênero único, antes da normatização da língua, como *o linguagem, o linhagem; a mármore, a valor, a cometa, a fim; e dor e queixume* (ora masculino, ora feminino).

Os nomes de dois gêneros com flexão redundante, que terminam por /r, l, s/, não se flexionavam, *como senhor, espanhol, burguês*, tanto masculino como feminino.

Os nomes de dois gêneros sem flexão redundante eram indicados através da concordância. Há nomes de vogal temática <e> que ocorriam antigamente com flexão redundante (*servente:serventa*).

Enfim, fazendo o paralelo com o número, o acréscimo de <s> plural é a forma marcada tal como o tema -a do feminino, quando há flexão de gênero. Em contrapartida, o singular é a forma não marcada tal como o masculino (ausência das marcas do feminino, como na palavra *peru*).

3.3 Gênero para a gramática tradicional

Com o intuito de ver o que se diz a respeito da concordância de gênero, pesquisei em algumas gramáticas o conceito de gênero. Segundo Rocha Lima (1974, p. 65):

Gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante. Masculino é o substantivo que se puder juntar à forma masculina de um adjetivo, ou ao artigo *o*, em contraposição ao feminino, que representa o que se puder juntar à forma feminina de um adjetivo, ou ao artigo *a*.

Cunha & Cintra (2001, p. 188-189) designam o gênero de diversas maneiras a partir de cada substantivo com terminação morfológica diferente. Dessa forma, se torna confuso para o falante nativo estudar o gênero e, principalmente, se torna incompreensível para um estrangeiro. A seguir, citarei apenas suas primeiras acepções:

1. Há dois gêneros em português: o masculino e o feminino. O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado. 2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo “o”. Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo “a”. 3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.

Rocha Lima (1974) e Cunha & Cintra (2001) analisam a concordância de gênero do mesmo ponto de vista gramatical, diferenciando os gêneros a partir das desinências, adjetivos e dos artigos que se antepõem ao nome. De fato, classificar o gênero a partir dos determinantes é bem mais pertinente do que somente pela natureza morfológica, já que nem todos os nomes variam em gênero. Isso nos faz refletir sobre as seguintes perguntas: Quem é o núcleo afinal? O gênero é inerente ao nome ou ao artigo? Ainda não temos respostas definitivas acerca desses questionamentos, mas a maioria dos estudiosos defende o gênero como parte integrante do nome. Sobre a idiosincrasia do gênero, Bechara (2001, p. 133) afirma que:

a distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculino lápis, papel, tinteiro e femininos caneta, folha e tinta. A inconsistência do gênero fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que para nós *o sol* é masculino e para os alemães é feminino *die Sonne*, *a lua* é feminino e para eles masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Para Bechara (2001), a marcação de gênero é arbitrária, porque não há uma motivação lógica para as palavras que contêm apenas um gênero não admitirem seu antônimo. Em uma abordagem translinguística, nem sempre haverá compatibilização dos gêneros.

Almeida (1999, p. 98) faz distinção entre sexo, fêmea ou macho, e gênero, feminino ou masculino, quando se refere ao animal (sexo) e à palavra (gênero). No entanto, logo adiante volta a dizer que o gênero “é a indicação do sexo real ou suposto dos seres” e ainda afirma que, “por haver dois sexos, dois devem ser os gêneros gramaticais”, fazendo novamente a relação entre sexo e gênero.

Voltando às origens latinas, o mesmo autor diz que os nomes de seres inanimados em latim tinham gênero neutro e que essa concepção hoje varia de língua para língua. No caso do português brasileiro, houve o desaparecimento do neutro, mas conservando ainda resquícios nas palavras: *aquilo, isto, isso, tudo, algo e nada*.

O mais importante nessa seção é fazer a distinção entre gênero semântico e gênero gramatical. A flexão de gênero costuma ser tratada de forma incoerente nas gramáticas tradicionais, uma vez que, em virtude da incompreensão semântica de sua natureza, costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres.

Existem também algumas palavras que têm traço semântico [+humano +animado], mas que não se flexionam em gênero, ou seja, o gênero é intrínseco ao próprio nome e não tem correspondência com o gênero biológico como, por exemplo, *peessoa, criança, galera*.

3.4 Gênero para a Linguística

Diante da dificuldade de encontrar trabalhos linguísticos que tratem da questão do gênero e da confusão que se faz em torno do tema, retomo o célebre Câmara Júnior em suas primeiras reflexões sobre o gênero, ainda que estejam um pouco ultrapassadas para a linguística atual.

Segundo Câmara Jr. (1970), os nomes em português se dividem em substantivos e adjetivos e não possuem posição fixa na oração, já que ambos podem funcionar como determinado ou determinante. No entanto, existem nomes que só podem ser adjetivos (*belo*) e outros que só podem ser substantivos (*homem*).¹⁰ Os adjetivos se distribuem em dois temas *-o* (*bonito*) e *-e* (*grande*), sendo que este último não apresenta flexão de feminino, juntamente com o sufixo derivacional *-ês* (*homem cortês/mulher cortês*), que só terá flexão de gênero quando servir como substantivo e adjetivo ao mesmo tempo, no caso de *português* (será substantivo quando significar nacionalidade de Portugal e será adjetivo quando determinar alguma característica como em *livro de português*). Já os nomes possuem sempre o feminino *-a*.

O gênero abrange tanto seres inanimados como animados. Ao contrário da oposição entre *-o* e *-a*, Câmara Jr. (1970, p. 88) propõe uma nova distinção entre masculino e feminino que seria, respectivamente, morfema \emptyset para masculino (forma não marcada) e *-a* para feminino (forma marcada), que é uma especificação do masculino genérico. Esta análise se deve à discrepância que temos na língua portuguesa entre gênero e sexo (*testemunha* será sempre feminino e *cônjuge* sempre masculino e os substantivos epicenos, como *cobra*, sempre feminino em contrapartida ao *tigre*, sempre masculino). Nos nomes, há três classes temáticas: *-a* (*rosa*), *-o* (*lobo*) e *-e* (*ponte*), que também não devem ser confundidas com sexo ou gênero.

Martin (1975, p. 08) já falava também em gênero a partir do ponto de vista das formas marcadas e não-marcadas:

No lugar de “gênero”, então, fica o conceito de adjetivos marcados ou não marcados. Os marcados correspondem aos “femininos” da gramática escolar, e aparecem somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo marcante. Os não marcados aparecem EM TODAS AS

¹⁰ O exemplo de Câmara (1970) pode ser refutado com o exemplo *nasceu um menino homem*, em que *homem* pode exercer a função adjetiva.

OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, haja ou não um substantivo a eles relacionado. É este último fato que determina que o assunto não seja uma mera questiúncula terminológica, pois as conclusões dele decorrentes transformam dum modo essencial nossa maneira de encarar a categorização dos substantivos e o fenômeno da concordância adjetiva.

Kehdi (2003, p. 30) se opõe à Câmara Jr. (1970) defendendo que a desinência *-o* está intimamente ligada à noção de masculino pelo senso comum. Logo, a flexão de gênero não se reduz a uma oposição \emptyset /*-a*, e sim a uma oposição *-o*/*-a*. A desinência *-o* apresenta as variantes \emptyset (peru/perua), e *u* semivocálico (europeu/europeia). Outro fato que corrobora sua afirmação é que, segundo o mesmo autor, quando se acrescenta *-o* no final de uma palavra feminina, estamos formando a masculina, como *mulher/mulheraço*.

Para Dettoni (2003, p. 23), o gênero é inerente ao nome, e isso não significa que o nome necessariamente deva ter uma marca flexional, já que a grande maioria dos nomes é invariável quanto ao gênero.

Um aspecto fundamental a ser considerado é que a ideia de que gênero é uma característica inerente aos nomes não significa, necessariamente, que estes últimos tragam em si uma marca morfológica do seu gênero. Na verdade, isso raramente ocorre, de tal modo que as evidências para a existência de gêneros em uma língua são geralmente atestadas por meio das relações de concordância que se estabelecem entre os nomes e artigos e adjetivos que com eles co-ocorrem. Isto quer dizer que as evidências para a existência de gênero em uma língua devem ser buscadas fora do nome.

Segundo Lucchesi (2000, p. 210), a concordância de gênero situa-se na interface entre a morfologia e a sintaxe. Como fenômeno sintático, se constroi junto aos determinantes e modificadores em relação ao nome núcleo e nas relações de predicação em relação ao predicativo. Como fenômeno morfológico, se constroi a partir das desinências flexionais de gênero.

Lobato (1994, p. 207) compartilha da mesma ideia de que o núcleo para o gênero é realmente o nome e inclui a noção do gênero como um fator semântico.

parece que a manifestação dos traços de gênero é um fato semântico (o que é reforçado pelo fato de o gênero ser um traço intrínseco aos nomes), enquanto a dos traços de número é um fator sintático (o que é reforçado pelo fato de o número não ser um traço intrínseco aos nomes e corresponder a uma escolha do falante).

O gênero pode até não ser escolha do falante, mas a concordância de gênero é escolha, como veremos nos resultados variáveis de gênero mais adiante.

Matos e Silva (2006, p. 103) também reafirma o gênero como imanente ao nome:

Assim sendo, o gênero pode ser compreendido como um traço semântico inerente aos nomes substantivos, nunca será da escolha do falante. E assim hoje, era no período arcaico e isso herdamos do latim, em que a concordância com os adjetivos da primeira classe, com determinantes e quantificadores, que tinham flexões diferentes para o masculino, feminino e neutro, indicava o gênero do nome. Note-se que não dispunha o latim do artigo, inovação românica, que virá a ser o indicador básico do gênero do nome que ele determina.

Como a concordância de gênero é um fenômeno morfossintático, ficamos tentados a refletir sobre onde estaria afinal o núcleo do gênero, se no substantivo ou nos determinantes. Rocha (1998, p. 211) afirma que o gênero é explicitado (quando já o é também morfologicamente) e muitas vezes indicado exclusivamente (quando não o é morfologicamente) através do expediente sintático (determinantes flexionados), já que a maioria dos nomes em português não tem marca morfológica de gênero. Mesmo estes são marcados duas vezes, morfológica e sintaticamente, pelo mecanismo da concordância. Segundo esse raciocínio, não se pode dizer que o substantivo recebe flexão de gênero. Os nomes não-sexuados (95,5% dos substantivos), segundo Rocha (1981, p. 96), e até parte dos nomes sexuados (*criança*) sem gênero imanente comprovam que a grande maioria dos nomes recebe apenas o gênero sintático e semântico ou cultural. Como os morfemas de gênero se concentram em poucas palavras, Rocha (1998) diz que o gênero não pode ser só flexão, tendo em vista sua irregularidade na produção de novos itens lexicais. Logo, a flexão está ligada tanto à morfologia dos nomes quanto à sintaxe, nos determinantes.

No entanto, Rocha (1998) acredita não ser tão claro separar as fronteiras entre derivação e flexão. Nesse ponto, o gênero e o número se diferem, porque a flexão de gênero é muito mais irregular que a de número, tendo em vista os vários sufixos *-a*, *-esa*, *-essa*, *-ina*, *-isa*. Para o linguista Sandmann (*apud* Rocha, 1998, p. 216), o próprio *-a* do feminino seria um sufixo derivacional junto com os demais porque é flexão (desinência de gênero) e derivação (sufixo derivacional) ao mesmo tempo:

O morfema que indica gênero nos substantivos, como já vimos, é imanente ou inerente ao substantivo, tem força semântica, sendo inserido, portanto, na linguagem da gramática gerativa, juntamente com o substantivo de que é parte, na estrutura profunda da sentença. Em outras palavras, ele é um traço lexical, é um sufixo. Já nos adjetivos o morfema de gênero é uma flexão, depende do gênero do substantivo com que concorda, sendo, portanto, dependente. É um traço gramatical, não tem força semântica e é inserido na frase em sua estrutura e superfície.

Em síntese, o gênero muitas vezes não está no nome porque nem mesmo todos os seres sexuados têm marcação morfológica de gênero. A forma morfológica de gênero pode estar presente ou não, assim como a forma sintática, já que há possibilidade de variação linguística na concordância de gênero. Interessante é que só há forma morfológica quando se tem distinção de sexo.

Para Rocha (1998, p. 219) o “gênero é, portanto, um mecanismo linguístico complexo sobre o qual atuam Regras Sintáticas de Concordância, Regras Morfológicas de Derivação (sobre o substantivo) e Regras Morfológicas de Flexão (sobre o substantivo e sobre os determinantes)”.

Aproveitando as reflexões do gênero do ponto de vista linguístico, é pertinente voltarmos a Câmara Jr. (1970; 1971) para esclarecer sua posição acerca da discussão do gênero como flexão ou derivação. A distinção principal é que a derivação é assistemática, não-obrigatória, irregular e opcional. O resultado da derivação é um novo vocábulo e está em uma classe aberta como em *galo/galinha*, ou *imperador/imperatriz* (uma espécie de derivação lexical, nas palavras do autor). O contrário se aplica à flexão, que é sistemática, obrigatória, regular, não opcional e se encontra em uma classe fechada. Na flexão, uma mesma palavra, *lobo*, pode ter uma *especialização do sentido* (Câmara Jr., 1971, p. 62) ao mudar de gênero para *loba*. A semelhança é que ambas são mecanismos de sufixação, mas na derivação a lista gerada de palavras é pequena e na flexão a lista é exaustiva, por ser mais recorrente na língua.

Kehdi (2003, p. 29) afirma que há mecanismos pelos quais o gênero se expressa, como: flexão (*garoto/garota*), derivação (*conde/condessa*) ou heteronímia (*bode/cabra*).

Para explicitar a questão dos gêneros, resumidamente, Câmara Jr. (1970, p. 92) divide os substantivos da mesma forma que acontecia no português arcaico (cf. p. 38):

- Nomes de gênero único: (a) rosa; (o) planeta.
- Nomes de 2 gêneros sem flexão: (o, a) artista; (o, a) repórter

- Nomes de 2 gêneros, com uma flexão redundante: (o) lobo; (o) mestre; (a) autora, já que a marcação de gênero é feita duas vezes.

Os elementos que acompanham o sintagma nominal é que se flexionam em gênero, como o adjetivo, possessivo, demonstrativo, quantificador, artigo e numeral. Há nomes que já contém inerentemente seu gênero (*menina, lobo e criança*), e, quando isso não acontece, como nos nomes de 2 gêneros sem flexão (*artista e repórter*), são os determinantes os responsáveis pela indicação morfológica do gênero, visto que nem todos os nomes possuem o gênero morfológicamente. Por isso, no meu entendimento, a marcação de gênero caminha concomitantemente com o nome e seus modificadores e determinantes, numa relação constante entre morfologia e sintaxe. O gênero de fato existe e o falante sabe disso, por isso realiza a concordância. No entanto, nem sempre o gênero é inerente ao nome, como no exemplo de *jovem, artista*, etc, necessitando, portanto, do elemento sintático para a concordância e explicitação do gênero.

Botelho (1987, p. 33) cita Câmara Jr. ao tratar da formação do gênero no português brasileiro: “no português existe uma neutralização dos gêneros em favor do masculino”. Essa afirmação se refere ao fato de o masculino ser considerado genérico e abarcar muitas vezes o feminino. No falar cuiabano, os falantes podem ter ampliado os contextos em que o feminino pode ser neutralizado pelo uso do masculino, já que a concordância de gênero é variável.

Para Botelho (1987), a flexão é redundante porque o gênero sempre será marcado sintaticamente pelo mecanismo da concordância, através dos artigos e concordâncias com predicativos. Já os traços semânticos nem sempre serão marcados e estão ligados à morfologia do nome.

3.5 Gênero em outras línguas: uma abordagem translinguística

Na falta de trabalhos linguísticos e variacionistas, pesquisamos como se dá o gênero gramatical em dicionários e gramáticas de outras línguas, na tentativa de fazer uma abordagem comparativa entre algumas línguas românicas e germânicas e o português brasileiro. Na parte do inglês, há referências do livro de Lobato (1977) “A semântica na Linguística Moderna”, através dos artigos: Estrutura de uma teoria semântica (Katz e Fodor,

1963), De certos problemas de representações semânticas (Bierwisch, 1959) e Pesquisas em teoria semântica (Weinreich, 1972), em que os autores discutem sobre o gênero no inglês.

A partir do Dicionário Multilíngue (1998), trazemos um pequeno registro de como é o gênero no inglês, francês, alemão, italiano e espanhol a fim de entendermos melhor suas peculiaridades e as possíveis semelhanças com o português, principalmente com as línguas do tronco comum.

No inglês, o substantivo tem os três gêneros, sendo o neutro responsável pelos seres inanimados, como acontecia no latim, mas a maioria dos substantivos não se flexiona em gênero. Além disso, os quantificadores normalmente são invariáveis quanto ao gênero (*some, any, all, much, other, both, little*) juntamente com os artigos (*the*), pronomes demonstrativos (*this, these, that, those*) e os pronomes indefinidos (*none, all, other, another, both, much, little*). (cf. Multilíngue, 1998, p. 303-304).

Segundo França (1994, 12-13), os poucos substantivos variáveis no inglês seguem algumas regras: acrescenta-se o sufixo *-ess* (*actor-actress*), usam-se palavras diferentes (*boy-girl*) e substitui-se a palavra que contém o gênero do substantivo composto (*grandfather-grandmother*). Os dois primeiros exemplos são semelhantes ao português.

Katz e Fodor (1963, p. 100) definem o gênero a partir do inglês, tendo em vista que esse artigo foi traduzido do inglês para o português. Para os autores:

Há, no entanto, relações semânticas reconstituíveis a partir dos verbetes na forma normal e não reconstituíveis a partir de verbetes de dicionário na forma convencional. Uma dessas relações é a de antonímia de sexo... O que caracteriza formalmente um par de palavras antônimas quanto ao sexo é que os caminhos dos dois membros do par são idênticos em tudo, menos num ponto: um deles tem o marcador semântico (Macho) enquanto o outro tem o marcador semântico (Fêmea). Se se suprimisse numa teoria semântica do inglês a distinção estabelecida pelos marcadores (Macho) e (Fêmea), não só seriam representados como sinônimos todos os pares de palavras antônimas quanto ao sexo, mas também passariam a ser inadequadamente representadas pela teoria numerosas outras relações semânticas vinculadas a essa distinção.

Os traços de macho e fêmea são marcadores complexos, já que em várias palavras como, por exemplo, nomes de animais (peixe, pássaro, aranha, minhoca), o sexo não é determinado semanticamente na própria palavra, mas sim na sintaxe com os traços

gramaticais, através de determinantes, modificadores ou quantificadores. Podemos identificar essa ideia no texto de Bierwisch (1959, p. 158), que foi traduzido do alemão para o português:

Os traços Macho e Fêmea podem ocorrer uma vez como marcadores semânticos de sexo e outra como traços gramaticais de gênero. Pois, ao passo que elementos semânticos, morfológicos ou sintáticos pertencem a níveis de representação completamente diferentes e a componentes diferentes da gramática, nada disso é verdade para marcadores e distinguidores: ambos pertencem ao mesmo componente e nível de representação, e não faz sentido aceitar dois alfabetos diferentes mas sobrepostos de elementos universais básicos para o mesmo nível linguístico.

Weinreich (1972, p. 189) também traz contribuições para o entendimento do gênero. É justamente a ideia atípica de que há distinção rígida entre macho e fêmea que o autor afirma que “O caso de fêmea e macho é, provavelmente, bastante atipicamente favorável quanto ao fato de que temos dois valores de um traço dicotomizado um vasto domínio de modo relevante”. O autor distingue o conceito de marcador sintático e marcador semântico, exemplificando com a palavra “baby”, que ora é marcada semanticamente com o traço [+humano] e ora marcada gramaticalmente como [-humano] (daí ser pronominalizada por *it*), enquanto a palavra “ship” é tratada de maneira inversa: “O fato patente é que qualquer objeto físico pode, em inglês, ser mencionado como *she* com um efeito semântico especial.”

No francês, para formar o feminino, acrescenta-se geralmente o *-e*. Outro fato diferente do português é que no francês os pronomes possessivos não podem ser antecidos de artigo definido. (cf. Multilíngue 1998, p. 365-366).

No alemão, há os três gêneros, masculino, feminino e neutro, que são indicados pelo artigo definido (*der, die, das*). Demonstrando mais uma vez o caráter idiossincrático do gênero, o dicionário afirma que não existem regras capazes de prever o gênero das palavras. (cf. Multilíngue 1998, p. 425).

Camargo (2002, p. 19), na gramática prática do alemão, também alerta para o fato de que o gênero é imprevisível e dever ser aprendido junto com o nome e seu respectivo artigo.

O curioso no alemão é que o adjetivo usado em função de predicado, ou seja, na posição à direita, será sempre invariável, com a mesma forma para o masculino (*der Vater ist alt* – o pai é idoso) e feminino (*die Mutter ist alt* – a mãe é idosa). Portanto, adjetivos e

particípios podem ser masculinos, femininos ou neutros, apenas na função atributiva (quando precede o nome), podendo concordar em gênero e número. (cf. Multilíngue 1998, p. 425). Interessante ver que a força da esquerda (concordância) e da direita (não concordância) parece atuar no alemão também, mesmo não se tratando de variação, mas sim de uma regra invariável. O adjetivo também é invariável no inglês, mas em todas as posições, além do predicativo. Esse fato nos faz refletir sobre o desfavorecimento da concordância de gênero principalmente nos sintagmas predicativos, tanto da baixada cuiabana (**A situação** dele era **muito sério**) como nos dados de observação participante (**A situação** de Eloá é bem mais **complicado** (repórter do Jornal Nacional, Globo, 17/10/08)) (cf. Anexo 3).

No italiano, há apenas dois gêneros, sendo que as palavras masculinas terminam geralmente em -o (*maestro*) e as femininas em -a (*maestra*). Há casos em que a regra se inverte e há também outras desinências vocálicas. Algumas palavras quando passam do singular para o plural podem mudar de gênero, visto que o gênero está imbricado na essência do número (*uovo*- masculino, singular e *uova*- feminino, plural). (cf. Multilíngue 1998, p. 483).

No espanhol, há o artigo feminino, masculino e neutro (*la, el, lo*). Normalmente são masculinos os substantivos que terminam em -o, -n, -l, -r, -s e -t; e femininos os que terminam em -a, -d, -ión e -z. (cf. Multilíngue 1998, p. 545).

No dicionário Señas (2006, p. 1323), novamente vemos a confirmação de que o gênero no espanhol, na maioria das vezes, também “não tem nenhuma relação com seu significado, é um traço formal; sabe-se que um substantivo é masculino ou feminino porque vem acompanhado de um artigo ou de um adjetivo”.

Para os gramáticos Hermoso, Cuenot e Alfaro (2006, p.31) devido ao grande número de exceções, deve-se observar o nome precedido pelo artigo. Essa afirmação novamente nos leva a interpretar o gênero como inerente ao nome, sendo o artigo ou outros elementos à esquerda do nome os grandes responsáveis pela indicação desse gênero. Mais adiante a mesma gramática dos autores supracitados (2006, p. 33) propõe a formação do feminino a partir de modificações do masculino, nos dando a ideia de formas marcadas e não marcadas, já que o feminino é uma especificação do masculino, ou seja, um traço marcado.

Continuando com o espanhol, agora segundo Torrego (2002, p. 38), há dois tipos de gênero: o gênero inerente que concorda com determinantes e adjetivos dos substantivos inanimados, como *pared blanca* (parede branca); *césped cortado* (grama cortada) e o outro tipo de gênero seria dependente da terminação, como *chico/chica* (menino/menina). Aqui é a própria desinência que nos indica o gênero. Para Torrego (2002, p.

38) “Não se deve confundir gênero e sexo. O gênero é um traço gramatical. O sexo, ao contrário, é um traço biológico próprio de alguns seres vivos. Gênero e sexo nem sempre coincidem.” (tradução minha).¹¹

Ainda, segundo Torrego (2002, p. 40), fala-se em gênero *común*, *ambíguo* e *epiceno*. Os substantivos comuns quanto ao gênero seriam os nomes que precisam diferenciar o sexo, como *el/la estudiante*. Os substantivos ambíguos quanto ao gênero seriam alguns nomes inanimados que são acompanhados indistintamente por ambos os artigos e adjetivos, como *el/la mar*; *azúcar blanquillo/blanquilla*. Os substantivos epicenos seriam nomes que não diferenciam sexo. Mas Torrego (2002, p. 41) diz que com relação ao gênero epiceno “não se trata de um gênero, mas sim de um traço semântico dos substantivos. Um substantivo como gorila é do gênero masculino (o gorila), ainda que possua um traço semântico de epiceno.” (tradução minha).¹²

Em dados de variação, Ramírez (*apud* DETTONI, 2002, p. 44) afirma ter variação de gênero no espanhol da Bolívia, como “*ahora está caríssimo la vida*” (agora está caríssimo a vida) e “*le he pedido que me lo traiga, mi bicicleta*” (lhe pedi que me trouxesse a bicicleta). A primeira oração é de um sujeito posposto e a segunda traz o pronome “lo” (neutro) se referindo a “bicicleta” que é do gênero feminino.

Na Espanha, além do castelhano/espanhol ser a língua oficial, ainda são consideradas oficiais o vasco ou euskera, catalão e galego. O vasco não marca gênero gramatical nem nos substantivos e nem nos adjetivos, exceto quando se trata de empréstimo do espanhol. O gênero só é visível na morfologia verbal, quando há o pronome da segunda pessoa do singular e às vezes também é marcado no verbo (cf. RODRÍGUEZ, s/d)

Em síntese, o gênero se manifesta sintaticamente de forma parecida em todas as línguas, através do mecanismo da concordância. A diferença na fixação do gênero se dá em alguns nomes que não são necessariamente correspondentes em outras línguas, como *el viaje* (masculino) em espanhol e *a viagem* (feminino) em português e no fato de que no inglês e no vasco os nomes são praticamente invariáveis quanto ao gênero. A marcação do gênero de uma forma geral, no italiano e no espanhol, é bem parecida com a do português, exceto o fato do espanhol ainda ter o artigo neutro. O gênero neutro também se conserva no inglês e no alemão. Interessante notar é que a invariabilidade de gênero do adjetivo em função predicativa no alemão se assemelha aos casos de variação no português brasileiro.

¹¹ “No se deben confundir género y sexo. El género es un rasgo gramatical. El sexo, en cambio, es un rasgo biológico propio de algunos seres vivos. Género y sexo no siempre coinciden.” (cf. TORREGO, 2002, p. 38)

¹² “no se trata de un género sino de un rasgo semántico de los sustantivos. Un sustantivo como gorila es de género masculino (el gorila), aunque posee el rasgo semántico de epiceno”. (cf. TORREGO, 2002, p. 41)

3.6 Gênero nas variedades populares do português brasileiro

Com base nas pesquisas sobre as variedades populares do português feitas por Lucchesi (2000, p. 191-202) e Dettoni (2003, p. 51-60), exemplificaremos apenas os dialetos que apresentam alguma variação de gênero para que possamos mapear os lugares onde ocorre essa variação.

Amaral (*apud* DETTONI, 2003, p. 51-52), descrevendo o dialeto caipira, registra os predicativos em que “o adjectivo e o particípio passado deixam, frequentemente, de sofrer a flexão genérica, sobretudo se não aparecem contíguos aos substantivos”: “*essas coisarada bunito, as criança távum queto, as criação ficárum pestiado*”.

Rodrigues (*apud* DETTONI, 2003, p. 52), em pesquisa com dados do dialeto caipira falado na região de Piracicaba, São Paulo, encontra variação de gênero no interior dos sintagmas nominais, compostos por possessivos, pronomes indefinidos à direita e modificador e artigo à esquerda: “*a mãe meu vinha tratar do menino/ sem dar dor nenhum/ aquele coisa estufado/ um coisa*”. Como não se trata de um trabalho variacionista, não se pode afirmar se de fato a variação da concordância de gênero com os elementos à esquerda do nome acontece com alta frequência. Acredito que sejam mínimos os dados com a ausência de concordância de gênero na configuração sintagmática de artigo indefinido + nome (**um coisa**), posto que efetivamente os artigos favorecem bastante a concordância como mostraremos em nossa análise dos dados.

Encontra-se em Nina (*apud* LUCCHESI, 2000, p. 195) um estudo dos municípios de Bragantina, no interior do Estado do Pará. Numa amostra de 20 informantes, entre 20 e 65 anos, distribuídos igualmente entre os dois sexos, todos lavradores e analfabetos. Nina encontrou um nível de variação na concordância de gênero perto dos 20% na frequência total dos dados. Esse resultado alto de variação se deu, provavelmente, porque ela inclui como variável dependente dados de sintagma nominal e sintagma predicativo, como: *as pessoa ricu e minha infância foi muntu aperriadu*. Desmembrando os dois tipos de sintagma, a variação cai para pouco mais de 10%. Mesmo assim é uma frequência bastante alta porque o nosso trabalho também inclui os sintagmas nominais e predicativos como uma variável dependente e a variação gira em torno de 5,9%. Em Lucchesi (2000), a variação é de 5%, ainda mais baixa que a nossa, talvez por não ter incluído os sintagmas predicativos.

Queiroz (*apud* LUCCHESI, 2000, p. 197) descreve a estrutura morfossintática dos falantes de Tabatinga, no Município de Bom Despacho, Minas Gerais, em uma

comunidade indígena também. A autora reconhece apenas uma flutuação¹³ de gênero em nomes inanimados, como: *a cumbara calita ~ o cumbara calito 'a cidade pequena'*. Esse dialeto se caracteriza pelo contato de português regional com línguas africanas do grupo banto.

Outra pesquisa relacionada à variação na concordância de gênero foi a do Parque Nacional do Xingu, em uma comunidade indígena, realizada por Lucchesi & Macedo (1997). Essa pesquisa tem como foco relacionar o fenômeno do português pidginizado do Xingu ao processo de transmissão linguística irregular, já que também ocorre em comunidades rurais afro-brasileiras, que ainda hoje conservam certo isolamento. A não realização da concordância é de 80% de um total de 907 SN femininos e está refletida nos seguintes exemplos: *só que agora tem **muitas** pessoa desconhecido, ne?// E o escola vai ser bom aqui*. Assim sendo, nessa comunidade, só há 20% de realização plena da concordância, pois trata-se de uma variedade de português falado como segunda língua, com características pidginizantes. Isso explica o baixo índice de concordância nessa comunidade.

Callou (*apud* DETTONI, 2003, p. 56), acerca da comunidade de Mato Grosso, no município de Rio de Contas, registra dados como: *“as coisa muito barato, esse daqui é a mulher dele”*, além de alguns nomes femininos que passam a masculino nesse dialeto: *“o bronquite, o lebre, um coisa.”* (cf. Callou, 1998, p. 264-265).

Como exemplos de variação nos sintagmas do português brasileiro temos *o couve/a couve, o champanhe/a champanhe, o alface/a alface, o personagem/a personagem* etc. Com significados diferentes, e, portanto, sem a ideia da variação, teríamos, por exemplo: *o cabeça* (uma pessoa inteligente)/*a cabeça* (parte do corpo).

A variação de gênero é o que ocorre em Cuiabá por se tratar de algo sistemático do ponto de vista da frequência em outros contextos, de maior abrangência, e envolve itens lexicais que, em geral, dentro de um padrão, variam, como a posição à direita do nome (ex: *moça bonito*) ou bem mais à direita do nome como os predicativos (*A situação dele era muito sério*).

Careno (*apud* DETTONI, 2003, p. 54), que investigou comunidades rurais afro-brasileiras localizadas no Vale do rio Ribeira, no sudoeste de São Paulo, observa que “há

¹³ Para a distinção entre variação e flutuação, Lucchesi (2000, p. 174) afirma que “A variação estaria potencialmente relacionada ao processo de mudança, o que implica a sua presença sistemática na estrutura linguística e social da comunidade de fala (...) Já a flutuação consiste na manifestação esporádica e localizada – ou seja, não difundida, nem generalizada – de certas latências da estrutura da língua.” Em nosso trabalho, há o entendimento de que se trata de variação de gênero no falar cuiabano em processo de mudança linguística.

uma tendência para o uso do masculino em diversas situações”: “*a tia num cunversa nada coitadu, a salada de palmito é cru...*”.

Petter (*apud* DETTONI, 2003, p. 54) também estudou uma comunidade afro-brasileira, chamada Cafundó, uma comunidade da cidade de Salto de Pirapora, a 150 Km de São Paulo. Neste dialeto, a marcação do gênero é feita somente através do artigo. A autora observa também que o adjetivo é mais vulnerável à variação de gênero, principalmente quando posposto ao nome, ou seja, à direita, seguindo os mesmos padrões linguísticos de Cuiabá.

Lucchesi (2000) traz novamente elementos da concordância de gênero no intuito de corroborar a hipótese crioulistica. Sua tese de doutorado é centrada na variação da concordância de gênero no sintagma nominal em uma comunidade de fala afro-brasileira. Na abordagem sintagmática ou não atomística, em que cada constituinte é analisado como um todo, o autor conclui que, para a análise sintagmática, as estruturas de SN formado por determinante ou pronome possessivo favorecem a concordância de gênero e o maior obstáculo para a concordância seria o quantificador *tudo*, adjetivo e modificador à direita. A morfologia flexional também favorece o uso da concordância. Na abordagem mórfica ou atomística, em que cada elemento é visto como um dado, novamente a questão da posição dos elementos é refletida significativamente na análise. Assim sendo, depois do nome, o determinante é o principal marcador do gênero no SN. A não marcação do gênero já se restringe mais às posições à direita do nome, como ocorre na comunidade de Cuiabá.

Em sua análise social, Lucchesi afirma que, pelo fato de a variação ser de 5%, a comunidade de Helvécia está em seu estágio final do processo de mudança em direção ao padrão urbano. A faixa etária, na abordagem sintagmática, também corrobora a afirmação da mudança, já que a variante inovadora encontra-se na fala dos jovens de 20 a 40 anos (0,65) e vai decrescendo nos falantes de 40 a 60 anos (0,57) e mais ainda na faixa acima de 60 anos (0,28). No entanto, fica a dúvida se algum dia o percentual de 5% foi muito diferente disso.

A tese de Dettoni (2003, p. 119) traz elementos novos sobre a questão anafórica relacionada à concordância de gênero na baixada cuiabana. Em um total de 829 dados, 233 dados (28%) são de não concordância anafórica como nos exemplos: *Uai, mandioca, a senhora casca ela, lava bem lavadinho. A senhora vai co ele no ralo, se não tem caititu, rela ele no ralo, daí a senhora imprensa a massa no tipiti, (...)*. Os contextos mais favoráveis à retomada pelo anafórico pronominal ELE são: +referência genérica, -presença de determinante, -flexão de gênero. Dessa forma, as ausências das marcas do determinante e da flexão favorecem o anafórico ELE em uma espécie de paralelismo (cf. SCHERRE, 1998), já

que, neste caso, zeros levam a zeros e as marcas explícitas de determinante e flexão levam a marcas explícitas da concordância de gênero com o ELA retomando antecedentes femininos.

Dentre essas variáveis, a mais significativa foi a referência genérica para a retomada pelo anafórico masculino, independente do gênero gramatical do nome antecedente. Na fala da geração mais idosa, o fenômeno é mais generalizado e na fala da geração mais jovem, o fenômeno é mais restrito, ainda que seja mais produtivo na faixa intermediária (30-45). Portanto, a partir de uma análise detalhada dos dados, a autora conclui que a variedade linguística da baixada cuiabana encontra-se em fase adiantada de mudança linguística, perdendo vários traços típicos estigmatizados.

A conclusão contundente de Dettoni (2003) é que a tradição gramatical permite apenas o gênero masculino para a retomada de antecedentes masculinos de uso genérico. Já no falar cuiabano, o ELE é usado para retomar antecedentes masculinos e qualquer antecedente genérico, masculino ou feminino.

Diante de menos evidências da ausência da concordância de gênero do que da concordância de número, podemos fazer uma distinção em que a variação de número ocorre mais generalizada no português brasileiro, independentemente da localização geográfica (cf. SCHERRE e NARO, 2007, p. 44-46), enquanto a variação de gênero ocorre especificamente em algumas comunidades populares e áreas rurais, principalmente quando são ou foram isoladas por certo período. A variação da concordância de gênero no sintagma nominal e predicativo ocorre mais nos contextos de menor escolaridade/letramento/urbanização e na faixa etária mais jovem. A aquisição do gênero fica incompleta ou prejudicada nas áreas onde houve mais contato entre línguas. No entanto, a variação nos predicativos se assemelha a variação de número por ser mais generalizada no português brasileiro e ocorrer, principalmente, à direita do nome ou em posposição ao verbo.

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Para relatar o percurso que a Sociolinguística tem feito desde seu início, reflito um pouco sobre a história da Sociolinguística dentro da Linguística a partir do livro clássico de Labov (2008) “Padrões Sociolinguísticos e do texto de Alkmin (2005), além das primeiras reflexões sociais do falar cuiabano.

4.1 História da Sociolinguística

Em 1963, Labov, sociolinguista norte-americano, publica um trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts, destacando a relação dos fatores sociais em paralelo com a variação linguística dos fones em inglês. Em 1964, mostra a estratificação social do inglês em New York e estipula um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. É justamente a metodologia quantitativa que utilizaremos em nosso trabalho.

O termo Sociolinguística surgiu em 1964, em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles. Foi em 1966 que os trabalhos apresentados nesse congresso receberam o título de “Sociolinguistics”. A proposta principal era relacionar variações linguísticas de uma determinada comunidade às diferenciações na estrutura social, econômica, cultural e política. A partir de então, a Sociolinguística deveria centrar-se na diversidade linguística, como a identidade social do falante e do ouvinte, no contexto social e no julgamento social referente a determinadas variedades linguísticas (cf. ALKMIM, 2005, p. 28).

Segundo Labov (2008), na verdade, pode até parecer redundância falar em sócio-linguística, visto que todo fenômeno linguístico deveria ser estudado em paralelo com a sociedade, já que as pessoas fazem parte de uma grande organização social. A necessidade do surgimento de uma área ligada ao social pode ser explicada através da história da Linguística. Alguns estudiosos do passado, e até mesmo os mais atuais, insistem em estudar a língua(gem) por si só, como um fenômeno autônomo e fora da “boca” dos falantes, ignorando o contexto

social em que a língua é usada. De fato, é nítido que se trata, acima de tudo, de propostas distintas de estudar a língua. Segundo Labov (2008, p. 21):

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Na linguística do século XX, surge o estruturalismo saussureano em 1916. A dicotomia entre “langue” e “parole”, depois reanalisada por Chomsky como “competência” e “desempenho”, corrobora o estudo imanentista da língua como um provável sistema homogêneo, diferentemente da fala. A fala, juntamente com os falantes e sua história cultural e social, é excluída do estudo linguístico. Saussure acreditava que o objeto deveria ser estudado a partir, e exclusivamente, da estrutura interna da língua. Para as primeiras teorias estruturalistas, a mudança linguística e a estrutura linguística juntas seriam automaticamente excludentes.

A partir dos anos de 1930, a questão social passa a ter maior importância para os fenômenos linguísticos. Alguns nomes se destacam como: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Cada um, em seus trabalhos específicos e diferenciados, traz uma concepção mais sociológica do falante e da língua, dizendo que a história das línguas está imbricada na história da cultura e da sociedade. Surge a ideia de comunicação social, comunicação verbal, linguagem como um reflexo do contexto social e vice-versa. Depois dos anos 1960, surgem outros estudiosos da relação entre linguagem e sociedade como: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona (cf. ALKMIM, 2005, p. 24).

Labov (2008, p. 302-306) diferencia dois grupos de estudo: um focado na abordagem individual, como Hermann Paul, Sweet, Martinet, Chomsky, Halle, e outro focado no lado social ou que levasse em conta alguns pontos dessa abordagem, como Whitney, Meillet, Vendryes, Jespersen.

Em contraposição à Sociolinguística, nos deteremos mais em Noam Chomsky, que trabalha com a concepção racionalista e matemática de fazer ciência. Essa visão, para

Faraco (2005, p. 166), é apenas uma roupagem nova para a concepção de língua como algo vivo por si só, sujeito às leis da evolução, já que continua dando um tratamento sistêmico e estruturalista à mudança (organização interna da língua), sem levar em conta a história social de cada falante. Ainda segundo Faraco (2005), as inovações são os fatos representados por regras e novos aparatos notacionais, além da hipótese inatista. Parece que são as velhas leis fonéticas dos neogramáticos reaparecendo, visto que os gerativistas acreditam que, embora cada língua fixe os parâmetros variáveis da gramática universal de formas diferentes, ocorrem coincidências na fixação de determinados parâmetros; características comuns.

A Sociolinguística trabalha com a diacronia na sincronia, e não somente com a sincronia saussurreana (homogênea, imutável e estática). Saussure defendia uma separação maior entre o estudo sincrônico e diacrônico. No entanto, para nossa concepção, as duas análises devem caminhar juntas para explicar com eficácia os fenômenos ocorridos (todo fato sincrônico tem sua história), pois as línguas são objetos históricos. A doutrina uniformitarista ou princípio da uniformidade nos explica melhor sobre essa junção entre sincronia e diacronia, já que: “a afirmação de que os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em escala do passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta.” (cf. LABOV, 2008, p. 192). Ou mais adiante: “as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos”. (cf. LABOV, 2008, p. 317). Por isso, é possível estudar a mudança em progresso sincronicamente, mesmo que tenha sido iniciada há muito tempo, através da distribuição das várias faixas etárias.

É papel da Sociolinguística, portanto, descrever como o sistema linguístico é usado distintamente em várias comunidades de fala e como os usos da linguagem legitimam as pessoas que a falam, já que uma das principais funções da linguagem é a interação, apesar de ser também usada como uma forma de comportamento social para estabelecer e manter a coerção social.

Labov, então, desmistifica a ideia, que já era antiga, de que as variedades eram deficientes. Portanto, as variedades são apenas diferentes e o relativismo cultural e linguístico deve ser levado em conta na hora de qualquer análise linguística.

O conceito de deficiência linguística e cultural não deve ser aplicado nem ao ensino de língua portuguesa e nem às pessoas em geral, pois, antropológica e linguisticamente falando, não se deve considerar cultura ou língua pior ou melhor, superior ou inferior, já que sempre há manifestação do costume e da linguagem de um grupo social, sendo todas as culturas e línguas igualmente complexas.

Bourdieu (*apud* SOARES, 2005, p. 55) faz um paralelo entre a caracterização da linguagem e a caracterização das condições sociais em que ela ocorre. Analisa os fatos linguísticos com base na estrutura social organizada através da troca de bens materiais ou simbólicos, o que chama de mercado linguístico. Nesse mercado, é notório observar que o falar cuiabano se encontra estigmatizado pelos seus próprios falantes e pelos que vêm de fora, favorecendo o abandono de seu falar local. Segundo Cox (2008, p. 35):

De tanto ouvir que sua fala é “horrível”, “esquisita”, “estranha”, “caipira”, “carregada”, “arrastada”, de tanto sentir-se sub-avaliado, subestimado, minorizado, estigmatizado, ridicularizado, de tanto ver-se pelo olhar do colonizador, hoje maioria no Estado, o mato-grossense foi passando, ele mesmo, a ver-se, pensar-se, dizer-se pela voz do outro – “pelo amor de Deus, esse nosso “tcha-tcha-tcha” é horrível”. Sua voz é uma resposta em eco da voz do colonizador. Assim, o mato-grossense foi desenvolvendo uma atitude de vergonha em relação à sua língua materna, um desejo de calá-la, principalmente nos espaços onde a interação com os “estrangeiros” era inevitável.

Nesse sentido, a Sociolinguística pode ajudar na compreensão do caráter político-ideológico do uso da língua por todos os falantes nativos, visto que revela a covariação entre os fenômenos linguísticos e os fenômenos sociais, identificando diferenças dialetais determinadas pela classe social do falante, diferenças que, hoje, geram antagonismos sociais, que são reflexos de uma sociedade desigual. Para Alkmim (2005, p. 42):

a intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais etc. A rejeição a certas variedades linguísticas, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem maiores conflitos pelos não especialistas em linguagem. O senso comum opera com a ideia de que existe uma língua – o bem social à disposição de todos – que é adquirida distintamente, em função de condições diversas, pelos falantes. Na realidade, existe sempre um conjunto de variedades linguísticas em circulação no meio social.

(...)

Pensar que a diferença linguística é um mal a ser erradicado justifica a prática da exclusão e do bloqueio ao acesso a bens sociais. Trata-se sempre de impor a cultura dos grupos detentores do poder (ou a eles ligados) aos outros grupos – e a língua é um dos componentes do sistema cultural.

Somente a eliminação das discriminações e das desigualdades socioeconômicas poderia garantir aos falantes uma igualdade de conhecimento. Porém, a solução depende, antes de qualquer coisa, da mudança de atitude da própria sociedade, ou seja, de uma transformação da estrutura social, para que isso pudesse refletir no sistema político e linguístico. A Sociolinguística também tenta romper essa visão de língua “perfeita” ou “ideal” mostrando que a variação pode ser estudada e sistematizada. Além disso, é de suma importância que esse discurso saia dos meios acadêmicos e chegue de fato ao senso comum.

As posições polarizadas entre forma e função linguística, *langue* e *parole*, forma e uso, formalismo e funcionalismo não são tão rígidas para a Sociolinguística, tendo em vista que podemos unir estrutura e variação e estudá-la de maneira científica.

Historicamente, não é que a variação linguística nunca tivesse sido reconhecida. Porém, o fato é que os estudiosos há mais de um século ignoravam-na por achar que a diversidade da variação pudesse afetar suas pesquisas, atrapalhando o estudo sistemático da língua. Por isso, preferiam supor, explicitamente ou não, que a língua era homogênea para trabalharem com seus próprios conhecimentos das regras sistêmicas da língua(gem), como uma ciência abstrata, autônoma e categórica. A variação ou era vista como substituição de uma forma pela outra (variante livre ou aleatória), ou variantes pertencentes a diferentes sistemas linguísticos, o que permitiria alternar de um para o outro. (cf. LABOV, 2008, p. 188).

O caminho central da teoria linguística invariável perpassou pelos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas. Para os neogramáticos, a mudança fonológica era categórica, através da analogia, empréstimos e imitações. No estruturalismo, os fonemas e morfemas eram vistos como elementos estruturais e invariáveis. No gerativismo, as formas subjacentes invariáveis reúnem estruturas superficiais distintas e a preocupação é sempre com os universais linguísticos, que são os elementos que não variam de uma língua para outra. E os universais de variação, onde ficam? Agora, restava a tarefa de explicar os elementos particulares de outras línguas e a variação dentro de uma mesma língua. Ora, dentro da gramática de uma língua sempre existem processos pressupostamente opcionais que implicam variação, ou seja, realizações alternativas que passam a ser desvendadas pela Sociolinguística. Assim afirma Labov (2008, p. 151):

O estudo empírico das variantes linguísticas nos mostra que a estrutura linguística não está confinada às unidades invariantes, funcionais, como os

fonemas, morfemas ou tagmenas. Ao contrário, existe um nível de estrutura variante que relaciona sistemas inteiros de unidades funcionais e que governa a distribuição de variantes subfuncionais dentro de cada unidade funcional. Esse tipo de estrutura variante se torna, então, um novo tipo de invariante num nível de observação mais refinado.

Como o objeto de estudo da Sociolinguística, primeiramente, é a língua falada em seu contexto social, o (re) conhecimento das variedades linguísticas, juntamente com a comunidade de fala, ocupa um espaço de grande importância para esse campo do saber. As diferentes maneiras de dizer a mesma coisa é o que se denominam variedades linguísticas, já que toda língua é essencialmente heterogênea, como os seus falantes. Logo, todas as línguas variam e mudam em relação ao tempo e a história e a mudança linguística é regida por fatores sociais, através de um jogo etário e de um processo sociocultural inerente às línguas.

Para nossa pesquisa, a variação geográfica e sociocultural são as mais significativas. Na variação geográfica ou regional, as variedades estão distribuídas de acordo com os falares ou dialetos regionais decorrentes do espaço físico e da área geográfica. O levantamento das diferentes variedades geográficas de uma língua revelou uma realidade muito mais complexa e heterogênea. A variedade culta vinda da migração já tinha prestígio ou se legitimou por fatores sociais, culturais e políticos e constatou-se que os dialetos regionais conservam vários aspectos mais antigos (arcaicos), já não ocorrentes na variedade culta, como é o caso do falar cuiabano.

Na variação sociocultural, as variedades se encontram distribuídas entre os dialetos sociais ou idioletos de acordo com a identidade e organização sociocultural e econômica dos falantes. Os fatores sociais que mais contribuem para a variedade cuiabana são: faixa etária e o continuum urbano (cf. BORTONI, 1998). Para o nosso trabalho, a variação de gênero é uma característica linguística típica da comunidade de Cuiabá e também de uma variação estratificada e até mesmo idioletal.

Dentro da teoria da mudança linguística, analisamos a mudança em curso, em que as manifestações linguísticas estão concentradas no tempo presente, ou seja, as gerações diferentes que estão convivendo em uma mesma época. As inovações da língua são, em Cuiabá, realizadas pelos jovens e os idosos são mais conservadores com relação à mudança linguística. Por isso, há uma grande polarização na fala dos jovens e idosos, já que estes desfavorecem mais a concordância do que aqueles, como veremos na análise do capítulo 5 a seguir.

Enfim, dar conta da variação nas línguas é um objetivo da Sociolinguística, que entende todas as variedades como sistemas igualmente complexos, estruturados e sistemáticos. A Sociolinguística estuda a linguagem sob o prisma da heterogeneidade, dando-lhe um caráter teórico-metodológico, explicitando os princípios internos (linguísticos) e os externos (experiências do falante e aspectos sociais). Citando Labov (2008, p. 140):

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.

4.2 Pressupostos metodológicos

Neste capítulo, busca-se explicitar os princípios metodológicos subjacentes à análise dos dados. A análise quantitativa dos dados é feita através do novo pacote de programas Goldvarb-X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005), tendo como pressupostos teóricos a Teoria da Variação de Labov (1972) e a Teoria da Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (2006). A mudança linguística será discutida um pouco no capítulo 7.

Com base na teoria da regra variável, os princípios de Weinreich, Labov e Herzog são: a variabilidade inerente em que a diversidade linguística é fundamental, essencial e inevitável; a heterogeneidade ordenada em que a variação é probabilisticamente estruturada, e não aleatória e a estrutura linguística em paralelo com a interferência do contexto social.

Sobre a metodologia utilizada, seguimos os padrões da Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa, a partir do programa Varbrul, considerado um instrumental de análise, porque para Labov a teoria linguística tem de se basear em pesquisas empíricas e quantitativas, e não simplesmente intuitivas.

Como trabalhamos com muitos dados, seria praticamente impossível analisá-los a “olho nu”. Para isso, recorreremos à análise estatística que nos dá uma probabilidade geral e uma média global do fenômeno em questão e nos auxilia na verificação de variáveis que condicionam a ocorrência da variável sociolinguística focalizada, no caso, a variação na

concordância de gênero. Pensamos em algumas variáveis que poderiam influenciar o fenômeno em questão, reproduzimos outras que foram testadas em trabalhos sobre a concordância de gênero e outras codificamos apenas para controlar a amostra, tendo em vista que não tínhamos nenhuma hipótese a elas subjacente. Antes da análise estatística por meio do programa Varbrul, não sabemos se todas as variáveis são significativas. É este programa que testa as hipóteses alternativas propostas pelo analista, extraindo regularidades e tendências a partir dos dados aparentemente aleatórios (cf. Sankoff, 1988 a).

A variável dependente é o fenômeno a ser analisado, ou seja, a concordância de gênero no sintagma nominal e predicativo. As variantes são as formas diferentes de se falar a mesma coisa, em um mesmo contexto e com mesmo valor de verdade, que, no nosso caso, seria a presença ou ausência da concordância para expressar a categoria gramatical de gênero.¹⁴ Já as variáveis independentes são todos os grupos de fatores linguísticos ou sociais que codificamos para testar as hipóteses dos condicionamentos do fenômeno variável em análise.

Os resultados da análise serão apresentados em tabelas, que mostrarão exemplos dos fatores, número de dados da variante concordância, total de dados, frequência e o peso relativo. A frequência é dada em porcentagem, que vai de 0% a 100%. Como a frequência é a medida apenas daquele fator isolado, se faz necessário o uso dos pesos relativos, que são uma espécie de frequência corrigida, já que mede o efeito de um fator perante todos os outros. É justamente na comparação e interação de um fator mediante os outros fatores que consiste a análise multivariada.¹⁵

Além disso, como a distribuição dos grupos de fatores ou dos dados extraídos do corpus pode ser irregular, o peso relativo também é responsável por corrigir esse “desequilíbrio”, já que o número de ocorrências de cada contexto é variável e muitas combinações de fatores podem não ocorrer, ficando células vazias (cf. Sankoff, 1988 a). Os possíveis enviesamentos com relação ao número de células por grupo social, o número de dados de cada informante ou as diferenças no tempo de gravação de cada entrevista também podem ser corrigidos através do peso relativo (cf. Guy e Zilles, 2007, p. 47-70).

A probabilidade geral de aplicação da regra pode variar entre os valores do peso relativo de 0 e 1 e é considerada uma variante favorecedora para o fenômeno quando o

¹⁴ De acordo com Labov (2008, p. 313): “A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.”

¹⁵ Para maiores esclarecimentos sobre a metodologia quantitativa, sugiro a leitura de Sankoff (1988 a e b), Guy (1998), Guy e Zilles (2007) e Tagliamonte (2006).

resultado está acima de 0,5. Quando está abaixo de 0,5 é porque o fator desfavorece (baixa probabilidade) o fenômeno e quando fica na casa de 0,5 é porque o fator está neutralizado, ou seja, nem favorece e nem desfavorece, mas ainda assim exerce alguma influência sobre os resultados. Agora, não podemos nos esquecer de que um fator com peso relativo muito baixo também é altamente importante no sentido de desfavorecer a outra variante da variável dependente sob foco. Sankoff (1988 a) enfatiza que o mais importante é a diferença os diversos pesos relativos de uma mesma variável dependente.

Se um resultado dá 100% ou 0% de frequência (ocorrências categóricas de uma dada variante), o programa não projeta os pesos relativos, porque esse modelo logístico foi criado para analisar fenômenos variáveis estruturados, e não categóricos. Logo, o programa acusa os “knockouts”, que são efeitos categóricos. Assim sendo, precisamos analisar os fatores de forma a amalgamá-los (juntar fatores) ou retirá-los da análise. Normalmente, é melhor manter os dados com amalgamações do que retirá-los, porque pode ser categórico para um fator, mas pode ter efeito sobre outros contextos. No entanto, se um dado fator for de real efeito categórico, a decisão correta ou adequada é retirá-lo da rodada de projeção dos pesos relativos, porque só o dado contexto (ou fator) dá conta de forma completa de uma dada variante. O percentual geral corrigido do fenômeno é chamado de input.

Sobre o papel da estatística, Naro (2004, p. 25) esclarece que a metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta importante para analisar o fenômeno da variação, mas:

As suas limitações são as do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas.

Guy e Zilles (2007, p. 69-70), anos depois, também fazem uma declaração bastante importante sobre esse aparato quantitativo:

O Varbrul é uma ferramenta poderosa e extremamente útil para a análise da variação linguística. Como acontece com qualquer ferramenta, sua utilidade é acentuada por uma compreensão de suas operações e de suas limitações. Mas não se deve nunca perder de vista o fato de que, na análise final, o Varbrul é apenas um recurso (embora sofisticado) para a manipulação dos dados. Não discerne padrões, não faz generalizações, nem explica achados. Isso tudo é com você.

Dessa forma, cabe somente ao pesquisador a interpretação dos dados e as correlações necessárias com base na teoria linguística. O programa apenas nos dá um suporte quantitativo, mas os números em si podem não dizer absolutamente nada. Segundo Sankoff (1988 a), os valores estatísticos não são apenas refinamentos quantitativos no julgamento da gramaticalidade; eles representam mais do que isso e sugerem outras reflexões sobre os aspectos que emergem ou não no uso da língua. O Varbrul, como método estatístico, serve como um instrumento para entender a interação entre os vários fatores sociais e linguísticos de uma situação complexa.

5. A ANÁLISE VARIÁVEL

5.1 Constituição do *corpus* e das variáveis

Foi a partir da leitura das entrevistas¹⁶ que nasceu a vontade de pesquisar a comunidade cuiabana e também analisar o fenômeno de gênero, mas agora no interior do sintagma nominal e do sintagma predicativo, principalmente porque esse fenômeno emerge na comunidade cuiabana e é bastante específico de lá.

As entrevistas são tipicamente labovianas e têm duração de 40 a 60 minutos. É um modelo de entrevista de fala espontânea com pergunta e resposta, mas sem um esquema prévio de questionário, de forma a deixar os informantes mais tranquilos e menos monitorados, já que se buscou ter um vernáculo típico de Cuiabá. Todos os informantes são usuários do dialeto cuiabano.

Há mais de 30 entrevistas, mas utilizei apenas 21 de onde coletei 3501 dados, mas foram utilizados em média 2.928 dados. As entrevistas foram distribuídas com base nos fatores sociais faixa etária e anos de escolarização, como podem ser vistos abaixo:

Quadro 1: Informantes por idade e anos de escolarização

	Sem escolarização	Até 4 anos	Até 8 anos	Mais de 9 anos
15 a 25 anos	2 informantes	2 informantes	2 informantes	1 informante
30 a 45 anos	2 informantes	2 informantes	2 informantes	2 informantes
Acima de 60 anos	2 informantes	2 informantes	2 informantes	_____

Os informantes desse corpus pertencem às seguintes localizações geográficas: Cuiabá, Várzea Grande, Chapada dos Guimarães, Livramento, Capão do Pequi, São Gonçalo e Nossa Senhora da Guia.

Apenas os informantes com mais de 9 anos de escolarização não estão distribuídos igualmente entre as células, porque só tínhamos três entrevistas, uma do ensino

¹⁶ As entrevistas foram cedidas gentilmente pela professora Rachel do Valle Dettoni, realizadas entre julho de 2001 e agosto de 2002 para sua tese de Doutorado (2003).

médio e duas do ensino superior. No entanto, o programa Goldvarb-X está preparado para dar conta de possíveis desequilíbrios na amostra.

A análise linguística feita é a não-atômica ou abordagem sintagmática que analisa todo o sintagma como um único dado (união de todos os constituintes do sintagma). Logo, se temos o dado “*Esta vida meu*”, consideramos um dado sem uso pleno da concordância, tendo em vista que apenas o pronome demonstrativo “esta” apresenta a marca de concordância.

Para a análise dos dados, investigamos apenas a concordância de gênero nos sintagmas nominais femininos, já que é o masculino genérico a forma utilizada para se referir a qualquer SN. Assim, a variável dependente ou fenômeno analisado é dividida em uso pleno da concordância de gênero e uso não pleno da concordância de gênero.

Exemplificando o fenômeno analisado, temos, respectivamente, um dado de sintagma nominal e outro de sintagma predicativo:

Uso pleno da concordância de gênero

- **Uma criação severa**, de verdade.
- A senhora olha na Bíblia, tem a Bíblia pra ler, **a bíblia** está **escrita**.

Uso não pleno da concordância de gênero

- Daí, **moçadinha mái novo**.
- **Ela** é da chapada, **nascido** lá né.

A fim de ilustrar mais o fenômeno em questão, reproduzo a seguir um fragmento de um informante sobre o preconceito sofrido em relação a sua vestimenta. Todos os sintagmas grifados são dados para esta análise.

Aquelas pessoa porque tá mais bem **vestida**, começa a passar por frente duma **pessoa** que tá menos **vestida**. **Aqueles** pessoas são **as** **pessoas** que eles que tá bem vestido vê **aqueles** pessoa menos **favorecido**, **aquelas** **pessoas** são **tratados** como menos **favorecido**. Tá entendendo? É doido né? Então.

Este é um exemplo típico de variação laboviana, porque o mesmo falante varia entre uma forma e outra, com o mesmo valor de verdade e em um mesmo período do discurso. Seria um super token de acordo com Sali Tagliamonte (2006, p. 98) “If you can find a ‘super-token’, that is ideal”. Neste trecho, há variação tanto no sintagma nominal (*aquelas pessoa/aqueles pessoa*) como no sintagma predicativo (*aquelas pessoa porque ta mais bem vestida/aqueles pessoa menos favorecido*).

Para as variáveis independentes linguísticas e sociais, foram codificados:

- (i) Configuração sintagmática e posição dos elementos: codificação dos 66 tipos de sintagmas nominais e predicativos coletados. Estipulamos alguns critérios para os agrupamentos posteriores dos sintagmas, tais como: tipo de SN (se de dois, três ou mais elementos); posição dos elementos dentro do sintagma (se à direita ou à esquerda) e classe morfológica pertencente ao sintagma (se artigo, adjetivo, pronome...).
Ex: **a noite inteiro**. (sintagma de três elementos, com elemento à esquerda – artigo definido – e à direita do nome núcleo – adjetivo).
- (ii) Grau de animacidade: divisão dos nomes segundo os traços de [+animado] e [+humano].
Ex: **aqueles pessoa** [+animado +humano]; **um sucuri** [+animado -humano]; **esse barradge** [-animado -humano].
- (iii) Tipo de referência: controle das estruturas que são mais específicas ou mais genéricas.
Ex1: Eles tinham um sítio, vendeu, acabou com tudo pra tratar **minha saúde**. (Referência específica, porque não é a saúde de qualquer pessoa, e sim a dela, em particular).
Ex2: Num deixa de chegá **uma hora** um filho com um amigo, com **uma amiga**, então tá tudo limpo. (Ambos os exemplos são de referência genérica, porque não se sabe que hora o filho trará o amigo e nem se conhece quem é essa amiga).
- (iv) Função sintática: controle da função sintática dos SNs e do predicativo.

- (v) Natureza morfológica: classificação dos nomes com base na flexão de gênero, ou seja, se são variáveis (**esse menina**) ou invariáveis (**um sucuri**).
- (vi) Sexo: controle do sexo dos informantes.
- (vii) Faixa etária: gradação etária, de 15 a 25 anos; de 30 a 45 anos; e acima de 60 anos.
- (viii) Identificação do informante: controle de cada informante para posterior análise do desempenho linguístico individual.
- (ix) Grau de escolaridade: variável dividida entre falante iletrado; de 1 a 4 anos de estudo; de 5 a 8 anos de estudo; e acima de 9 anos de estudo.
- (x) Continuum urbano: lugar onde nasceu o informante, se foi na zona urbana, mais ou menos urbana ou na zona rural.
- (xi) Grau de letramento: reanálise do grau de escolaridade com base também em outros fatores sociais reunidos de forma qualitativa, como: nível socioeconômico, sociocultural, práticas de leitura, participação ativa em eventos sociais, inserção no mercado de trabalho, viagens, etc. Enfim, toda mobilidade social que o informante possa ter está inserida nessa variável.

As variáveis independentes linguísticas e sociais estatisticamente significativas, em ordem de significância, foram: configuração sintagmática; natureza morfológica; faixa etária e grau de letramento. Já as variáveis não selecionadas pelo programa foram: função sintática; grau de animacidade; tipo de referência; sexo; *continuum urbano* e grau de escolaridade. As hipóteses de todas essas variáveis serão explicitadas nas próximas seções.

Algo muito interessante acontece com essas variáveis não selecionadas. De fato, apenas o tipo de referência e o sexo não exercem nenhuma influência sobre esse fenômeno linguístico. O *continuum urbano* e o grau de escolaridade foram contemplados melhor na variável grau de letramento e a natureza morfológica também reflete o grau de animacidade, como veremos mais adiante.

5.2 Hipóteses e análise das variáveis linguísticas

Explicaremos a análise das variáveis linguísticas selecionadas pelo programa Goldvarb-X juntamente com as variáveis não selecionadas, de modo a permitir uma maior integração entre todas as variáveis e a interação entre todos os fatores linguísticos e sociais do trabalho. Começaremos com a hipótese principal que norteia a variável, depois exemplificaremos, ilustraremos com as tabelas e/ou gráficos com os resultados em percentagem e peso relativo e, por fim, faremos as devidas explicações linguísticas. Os exemplos serão dados sempre com a variante ausência da concordância, mas os resultados das tabelas serão sempre com base na presença da concordância de gênero, projetando a mudança linguística. A escolha dos exemplos apenas da não concordância se restringe apenas ao fato de ser a variante com mais dificuldade de percepção intuitiva dos dados.

5.2.1 Função sintática

A função sintática, inicialmente, foi codificada mais por controle da amostra do que por alguma hipótese forte, tendo em vista que nem no trabalho de Dettoni (2003) nem no trabalho de Lucchesi (2000) essa variável havia sido selecionada. No nosso trabalho, a função sintática também não foi selecionada pelo programa.

A hipótese mostrada nas teses acima era que nesse tipo de variável podia haver diferenças entre as funções preposicionadas (adjuntos adverbiais, adnominais, complementos e objeto indireto) que favoreceriam a concordância e as funções não preposicionadas (tópico, sujeito, predicativo, SNs intercalados, aposto, vocativo) que a desfavoreceriam.

Em princípio, dividimos essa variável em 12 fatores, descritos abaixo juntamente com seus respectivos exemplos:

- Sujeito

Ex: **Esta vida meu** é outra

- Predicativo do Sujeito

Ex: **A casa** fica **fechado**

- Objeto direto

Ex: A senhora vê **uma pessoa cego**.

- Objeto indireto

Ex: A senhora fala essas palavra três vezes... Então, pra **pessoa pálido**, de enfermidade.

- Complemento Nominal

Ex: Aí eu fiquei envolvida com **a fazenda**. (100% de concordância)

- Adjunto Adnominal

Ex: Eu tinha amizade com **tudo dgente boa**.

- Adjunto Adverbial

Ex 1: Jamais meus filho me ajuda. Como **um vez**, precisei de uns cinco real, né? Um dinheirinho. Às vez não tem arroz, feijão, vou lá, eles fala “ a gente num pode ajudá, nós tem muita conta”.

Ex 2: **Nesse época**. (Uso cuiabano equivalente a **aquela época**.)

- Sintagma intercalado ou isolado na oração com função resumitiva ou explicativa

Ex1: **Essas coisa tudo** (normalmente no final das entrevistas, resumindo a conversa)

- Vocativo

Ex: Me acude, **minha filha**

- Topicalização

Ex: **A minha namorada**, tenho que sair com ela hoje. (100% de concordância)

- Aposto

Ex: É, Cuiabá, por isso qu'eu tô falano pro cê, tinha Beco do Candiero, Beco do Subaco, Beco do Subaco é ali atrás da::da igredja São Gonçalo, **uma ruinha assim istreita**.

Em busca de resultados mais compactos e gerais, buscamos reorganizar a função sintática amalgamando alguns fatores. Nessa análise, os fatores ficaram subdivididos por semelhança de suas funções sintáticas, como: (i) Sujeito e topicalização; (ii) Objeto direto; (iii) Aposto, Vocativo e Sintagma intercalado ou explicativo; (iv) Adjunto Adnominal, Adjunto Adverbial, Complemento Nominal e Objeto indireto; (v) Predicativo e foi feita a retirada alguns dados duvidosos ou impossíveis de descobrir sua função sintática devido a truncamentos ou interrupções na fala. Mesmo com esse rearranjo, não houve seleção pelo programa, mas reproduzimos a frequência relativa na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Efeito da função sintática sobre a concordância de gênero

FUNÇÃO SINTÁTICA	FREQUÊNCIA	
	N	%
Sujeito e topicalização	539/549	98.2
Adjunto Adnominal, Adjunto Adverbial, Complemento Nominal e Objeto indireto	392/403	97.3
Objeto direto	1041/1073	97
Aposto, vocativo e sintagma intercalado ou explicativo	272/284	95.8
Predicativo	497/605	82.1
TOTAL	2741/2914	94.1

Para Lucchesi (2000, p. 215) “... a definição dos fatores linguísticos que atuam sobre o mecanismo sintático da CG no interior do SN devem ser buscados na própria estrutura interna do SN e não na sua inserção na estrutura superior da sentença”, logo a explicação mais notória é que de fato a configuração sintagmática é que explica a influência dos elementos e principalmente do predicativo, mostrando o seu desfavorecimento em relação à concordância de gênero. Há, portanto, certa coesão sintagmática que será refletida na configuração logo a seguir. A posição, refletida na configuração, dá conta melhor dos resultados do que a função sintática, já que esta se mostra polarizada na frequência acima com apenas o predicativo (82.1%), desfavorecendo a concordância de gênero (94.1%).

5.2.2 Configuração sintagmática e posição dos elementos

A análise não atomística, através da configuração sintagmática, nos mostrará a influência dos elementos na composição do sintagma para a concordância e refletirá também a posição dos elementos, como em uma análise atomística. Logo, há duas hipóteses que norteiam essa variável; uma referente à posição e a outra referente à configuração. A posição à esquerda (menos encaixada), preenchida principalmente pelos artigos e possessivos, favoreceria a concordância de gênero e à direita (mais encaixada), preenchida por qualquer elemento, a desfavoreceria, como acontece na concordância de número, verificada por Scherre (1988 e 1998).

Nos predicativos, a hipótese é de que a posição do predicativo não interfere tanto na ausência da concordância, já que o predicativo em ordem direta tem o fator de estar mais à direita, mas o predicativo em ordem invertida tem o fator de ter o sujeito posposto, e tanto pela inversão da ordem como pela ordem canônica o predicativo desfavoreceria a concordância de gênero. No entanto, a hipótese mais interessante é a de que o predicativo, por estar ainda mais à direita teria o efeito desfavorecedor mais forte ou pelo menos igual ao elemento do SN à direita. Nos SNs, tanto a configuração sintagmática como a posição deveriam interferir na escolha da variante.

Sobre a configuração dos SNs, tínhamos a hipótese clara de que o artigo favoreceria a presença da concordância de gênero, mas não tínhamos outras intuições com relação aos vários outros elementos do sintagma, apesar de da suposição de que qualquer elemento à esquerda pudesse favorecer mais a concordância. De fato, só através da configuração é que percebemos a complexidade dessa variável e como alguns elementos também interferem na realização da concordância, além da sua posição no sintagma.

Nos dados de sintagmas, coletamos 3302 dados de concordância, de um total de 3501, que é igual a 94.3%. Para a configuração sintagmática, codificamos 62 tipos de sintagma nominal e 4 tipos de sintagma predicativo, mas nem todas as codificações foram incluídas nas rodadas de pesos relativos. Daremos exemplos de cada um destes sintagmas para exemplificar o fenômeno em questão. Abaixo de cada agrupamento, faço uma explanação grupo por grupo de sintagmas já com base nos resultados que se vêem mais adiante na tabela geral de pesos relativos (cf. tabela 10, p. 79).

Alguns sintagmas foram retirados da análise de pesos relativos e os sintagmas adjuntos foram apenas controlados porque não se tem uma posição clara com relação a sua função dentro do conceito de variação de gênero, tendo em vista que se trata de sintagmas

adverbiais que podem ser variação da preposição em/no mim ou explicações históricas de uma elipse do termo “*no solar de mia casa*”. O que de fato se percebe é que esse tipo de estrutura desfavorece a concordância por causa da preposição juntamente com o possessivo (*no mia casa*), pronome pessoal oblíquo (*no mim*) e pronomes interrogativos (*no quem*). Os sintagmas adjuntos encontram-se separados porque não exercem o mesmo papel de sintagmas compostos por determinante + nome, como em “*um mamadeira*”. Exemplos:

01. Sintagma Adverbial – **no nossa criação**, eu acho que o que mudou tanto demais para hoje foi aquela situação a pessoa teme a Deus...// As pessoa olha **no mim** fala, 'O que é que você tem?' [544/566 = 96.1%]

Perini (2004, p. 119) explica as condições de análise do sintagma adverbial. Por essas e outras dificuldades de análise é que retiramos esses sintagmas:

Como não se fez ainda um estudo das funções possíveis de tais sintagmas com base em um conjunto confiável de funções sintáticas, torna-se difícil no momento definir não só o ‘sintagma adverbial’ (que, de qualquer modo, não deve ser uma categoria única), mais ainda um conjunto de funções que ocupem o lugar do ‘sintagma adverbial’. O mais que se pode fazer é apontar algumas características que parecem ocorrer com frequência nesses casos.

Há, portanto, outros sintagmas que separamos e retiramos da análise de pesos relativos, que são os sintagmas com os pronomes demonstrativos “*aquilo, isso*” por se tratar de construções invariáveis. Exemplos:

02. Sintagmas com demonstrativos “*isso*”, “*isto*” e “*aquilo*” – (Não foi **isso a criação** que eu dei pra ele.// **Aquilo é taioba**// Então **isso era a nossa vida antiga**.) [0/4 = 0%]

Os sintagmas abaixo são formados por elementos deslocados no interior do sintagma nominal. Como são pouquíssimos dados e todos eles invariáveis, decidimos retirá-los também da análise de pesos relativos. Exemplos:

03. SN – adjetivo + demonstrativo + nome (certa essa vida) [1/1 = 100%]

04. SN – adjetivo + artigo indefinido + nome (certa uma vida) [1/1 = 100%]

05. SN – adjetivo + artigo definido + nome (cozida a folha) [2/2 = 100%]

06. SN – quantificador + possessivo + nome (todinha minha tia) [1/1 = 100%]

Por estarmos trabalhando com muitos fatores, optamos por mostrar apenas os casos de não concordância de cada tipo de sintagma. Apenas para os sintagmas que não têm a ausência da concordância, exemplificamos com um dado de concordância. Os agrupamentos que fizemos foram baseados no tipo de SN (se de dois, três ou quatro elementos), na posição dos elementos em relação ao nome núcleo (se à esquerda ou à direita) e nas classes morfológicas dos elementos. Essa variável é bastante complexa, pois avalia posição, configuração (número de elementos na composição do SN) e natureza dos elementos ao mesmo tempo.

Tabela 2: SNs de dois elementos com um elemento à esquerda do nome

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
07. Possessivo + nome	<i>mia madrinha</i>	220/220 = 100%
08. Adjetivo + nome	<i>boa fé</i>	27/27 = 100%
09. Artigo def. + nome + sintagma preposicionado ¹⁷	<i>a roupa da minha mãe</i>	110/110 = 100%
10. Artigo definido + nome	<i>o barragem</i>	775/776 = 99.9%
11. Artigo indef + nome + sintagma preposicionado	<i>uma sala de aula</i>	17/17 = 100%
12. Artigo indefinido + nome	<i>um parte; um sucuri</i>	399/403 = 99%
13. Numeral + nome	<i>uma hora</i>	35/35 = 100%
14. Pron. indef. (muito/quanta/vários/tanta) + nome	<i>muita horta; vários substâncias</i>	97/100 = 97%
15. Demonstrativo + nome	<i>esse hemorragia; esse gente</i>	399/412 = 96.8%

Esses sintagmas de dois elementos foram subdivididos em três grupos. Os elementos de efeito categórico para a concordância plena são os possessivos e adjetivos à esquerda do nome, com 100% de concordância, e, por isso, foram reunidos juntamente com o artigo definido + nome e artigo definido + nome + sintagma preposicionado, que têm o efeito alto, já que são os elementos à esquerda mais responsáveis pela concordância (0,92)¹⁸. Esse resultado é mais alto do que os de Lucchesi (2000, p. 221), já que em seu trabalho esses

¹⁷ Os exemplos 9 e 11 também são sintagmas de dois elementos, uma vez que não estamos levando em consideração os sintagmas preposicionados, mas apenas o artigo + nome. Esse controle maior foi feito inicialmente, mas depois não distinguimos os dois tipos de sintagma, tanto é que estão no mesmo agrupamento.

¹⁸ Todos os pesos relativos que aparecerão a respeito dos nossos resultados em cada agrupamento de sintagmas se referem à tabela 10, p. 79.

elementos também são os que desempenham mais o papel da expansão da concordância de gênero, mas os pesos não chegam a 0,60, já que os determinantes + nome têm 0,59, os possessivos + nome têm 0,57 e os adjetivos + nome têm 0,52. Outra diferença em termos de peso relativo é que, no nosso caso, o possessivo e o adjetivo desempenham a concordância de gênero categoricamente quando estão à esquerda do nome.

Quanto ao artigo, tanto o definido quanto o indefinido favorecem a concordância de gênero, apesar de este último, junto com o numeral, ter menos probabilidade (0,56) que o primeiro (0,92), uma vez que os artigos definidos, juntamente com os possessivos e adjetivos, são quase categóricos na concordância. A diferença crucial entre o artigo definido “a” e o artigo indefinido “uma” ocorre por conta do paralelismo sintático (cf. Scherre, 1998), em que formas semelhantes levam a formas semelhantes. Nesse caso, o artigo definido feminino “a” favorece altamente (0,92) a presença da concordância de gênero (cf. tabela 10, p. 79).

Também fizemos uma rodada apenas com os artigos definidos sozinhos e o peso relativo alto se manteve, mostrando que artigos, possessivos e adjetivos têm o mesmo desempenho linguístico no tocante à concordância de gênero e à posição à esquerda do nome.

Mesmo estando também em posição à esquerda, separamos inicialmente o pronome indefinido e o demonstrativo, que mantiveram resultados próximos. Assim sendo, juntamos os dois fatores e estes se mostraram desfavorecedores da concordância com 0,27 (cf. tabela 10, p. 79). Isso se deve ao fato típico do cuiabano usar o pronome ESSE para se referir a pessoas, independentemente do gênero, como em *esse menina*, *esse gente*, *esse barradge*. Já o pronome indefinido pode ter explicações para o fato de que ele muitas vezes desempenha um papel de invariabilidade (*vários substâncias*, *muito encomenda*) dentro do sintagma, sendo a forma masculina usada para ambos os gêneros, visto que são indeterminados e não se tem a necessidade de distinguir o gênero, uma vez que a ideia principal dos indefinidos é a de número.

Tabela 3: SNs de três ou mais elementos, com todos os elementos, normalmente dois, à esquerda do nome

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
16. Demonstrativo + adjetivo + nome	<i>daquela antiga usina</i>	1/1 = 100%
17. Demonstrativo + demonstrativo (outro) + nome	<i>naquela outra casa</i>	3/3 = 100%
18. Demonstrativo + possessivo + nome	<i>essa minha barriga;</i>	2/2 = 100%
19. Artigo indefinido + possessivo + nome	<i>uma minha namorada</i>	37/37 = 100%
20. Artigo definido + demonstrativo + nome	<i>as outra pedra</i>	8/8 = 100%
21. Artigo indefinido + demonstrativo + nome	<i>uma outra casa</i>	1/1 = 100%
22. Artigo def. + adjetivo (pronome indef.) + nome	<i>a própria carne</i>	12/12 = 100%
23. Artigo indefinido + adjetivo + nome	<i>uma meia bolsa</i>	3/3 = 100%
25. Artigo indefinido + numeral + nome	<i>umas duas vez</i>	2/2 = 100%
24. Artigo definido + numeral + nome ¹⁹	<i>o primeiro injeção; as duas casa</i>	8/9 = 88.9%
26. Pronome indefinido + demonstrativo + nome	<i>muita essa gente</i>	1/1 = 100%
27. Artigo definido + possessivo + numeral + nome	<i>a minha primeira filha</i>	1/1 = 100%
28. Artigo definido + demonstrativo + numeral + nome	<i>a outras três minina</i>	1/1 = 100%

Nos elementos à esquerda de três ou mais elementos, só há um dado de não concordância, em que os dois elementos à esquerda não concordam com o nome (*ex: o primeiro injeção*). Mesmo assim, o peso relativo de 0,40 (cf. tabela 10, p. 79) nos mostra que há o desfavorecimento da concordância para esse grupo de sintagmas. A nossa hipótese é de que esse valor seria mais alto porque achávamos que o fato da posição de todos os elementos à esquerda do nome favoreceria a concordância. A quantidade de dados também é baixa com 80 casos de concordância e 1 caso sem concordância (98.8%).

Tabela 4: SNs de dois elementos com um elemento à direita do nome.

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
29. Nome + possessivo	<i>casa nosso</i>	2/3 = 66.7%
30. Nome + adjetivo	<i>pessoa cego</i>	122/141 = 86.5%

¹⁹ Na defesa da dissertação, o professor Antony Julius Naro nos alertou para o fato de apenas ter um dado de ausência da concordância de gênero nesse agrupamento, de um total de 81 dados. Logo, o ideal seria fazer uma análise levando em consideração dados de observação participante em que se coletariam apenas os dados da ausência da concordância, na tentativa de minimizar o possível enviesamento, adicionando-os ao corpus. A técnica mais apropriada não seria a da amostra, mas sim a chamada *shoe box* ou “caixa de sapatos”, em que se buscaríamos esses dados mais raros, por se tratar também de um fenômeno raro em que há poucos dados.

Os resultados desse agrupamento já eram previstos por conta da posição dos elementos. Interessante notar é que as classes de palavras dos “possessivos” e dos “adjetivos” à esquerda do nome têm efeito categórico para a presença da concordância, mas à direita do nome desfavorecem quase totalmente a concordância com 0,07 de peso relativo (cf. tabela 10, p. 79).

Tabela 5: SNs de três ou quatro elementos com elemento(s) à esquerda e à direita do nome, terminados por adjetivo ou possessivo

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
31. Demonstrativo + nome + adjetivo	<i>aqueles pessoa menos favorecido</i>	33/35 = 94.3%
32. Possessivo + nome + adjetivo	<i>minha filha sozinha</i>	4/4 = 100%
33. Artigo definido + nome + adjetivo	<i>a noite inteiro</i>	31/34 = 91.2%
34. Artigo indef. + nome + quantificador + adjetivo	<i>uma igreja muito boa</i>	1/1 = 100%
35. Possessivo + nome + quantificador + adjetivo	<i>mia casa todo desarrumado</i>	0/1 = 0%
36. Artigo definido + nome + adjetivo + adjetivo	<i>as mulé empregada doméstica</i>	1/1 = 100%
37. Possessivo + numeral + nome + adjetivo	<i>mia duas minina sortera</i>	1/1 = 100%
38. Demonstrativo + artigo indef. + nome + adjetivo	<i>aquela uma folha cheirosa</i>	1/1 = 100%
39. Artigo definido + possessivo + nome + adjetivo	<i>a nossa vida antiga</i>	1/1 = 100%
40. Artigo indefinido + nome + adjetivo	<i>uma aguardente alemão²⁰</i>	45/50 = 90%
41. Pronome indefinido + nome + adjetivo	<i>muitas pessoa estranha</i>	4/4 = 100%
42. Demonstrativo + nome + possessivo	<i>esta vida meu</i>	3/4 = 75%
43. Artigo definido + nome + possessivo	<i>a casa nosso</i>	3/5 = 60%
44. Artigo indefinido + nome + possessivo	<i>umas amiga minha</i>	3/3 = 100%
45. Demonstrativo + nome + adjetivo + possessivo	<i>essa marca cultural nossa</i>	2/2 = 100%
46. Artigo definido + nome + adjetivo + possessivo	<i>a filha mais velha minha</i>	1/1 = 100%
47. Artigo definido + numeral + nome + possessivo	<i>a primeira mulher minha</i>	1/1 = 100%

Nesse grupo, estão reunidos sintagmas de três ou quatro elementos em que há elemento(s) à esquerda e à direita dos sintagmas²¹. Nessa situação, geralmente são os elementos à direita, o possessivo ou adjetivo, que variam quanto ao gênero (*a casa nosso; as*

²⁰ Botelho (1987, p. 28) diz que: “As afirmações normativas das gramáticas sobre o gênero referem-se a dois casos. Um deles é o esclarecimento do gênero correto para substantivos que oferecem dúvidas, como dó, champanha, grama, aguardente, telefonema, etc.” (Negrito meu). Este é o único caso nesses *corpora* de um nome em que o gênero é dúbio mesmo para a gramática normativa. O exemplo encontrado foi: *Eloína tem uma aguardente alemão, composto com jalapão*.

²¹ O primeiro grupo com adjetivo à direita (exemplos 31 a 41) tinha o peso relativo baixo e também semelhante ao segundo grupo com possessivo à direita (exemplos 42 a 47). Ambos os grupos de sintagmas desfavorecem a concordância e foram amalgamados logo adiante, obtendo 0,09 de peso relativo (cf. tabela 10, p. 79).

coisa bom). A posição à esquerda é quase sempre de concordância, mesmo quando há outro elemento à direita, exceto em “*aqueles pessoa menos favorecido.*”, com o demonstrativo sem a concordância. Assim sendo, quem comanda a maior ausência de concordância aqui é a posição do elemento à direita.

Tabela 6: Sintagma predicativo à direita

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
48. Predicativo à direita com a presença do artigo	<i>a situação dele era muito sério</i>	46/61 = 75.4%
49. Predicativo à direita sem a presença do artigo	<i>a senhora sabe quando que ela é gostoso? Assado.</i> (sobre uma raiz)	239/315 = 75.9%

Tabela 7: Sintagma predicativo à esquerda

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
50. Predicativo à esquerda com a presença do artigo	<i>ai meu irmão foi e me deu porque num era meu a terra)</i> ²²	6/9 = 66.7%
51. Predicativo à esquerda sem a presença do artigo	<i>é, porque era exportado essa: essa: essa erva NE</i>	3/10 = 30%

Ambos os sintagmas predicativos com ou sem artigo e na ordem direta ou não desfavorecem a concordância de gênero. No caso do predicativo nominal à esquerda (num **era meu a terra**), a concordância também é desfavorecida por se tratar de um sujeito posposto. Dessa forma, é como se o falante não interpretasse “*a terra*” como sendo sujeito da oração e a ruptura da ordem desfavorece a concordância de gênero. Já os predicativos em ordem canônica se explicam pelo fato de estarem mais à direita do nome. Os predicativos obtiveram o peso de 0,02 (cf. tabela 10, p. 79), o que mostra seu desfavorecimento quase total em relação à concordância de gênero.²³

Considerando os 19 dados de predicativo à esquerda, novamente, temos de ter cuidado ao afirmar que esses predicativos desfavorecem bastante a concordância de gênero, tendo em vista que a pouca quantidade de dados pode inteferir e enviezar a análise de pesos relativos. No entanto, como os predicatos à esquerda e à direita foram amalgamados, pode-se afirmar relativamente que os sintagmas predicativos desfavorecem a concordância de gênero.

²² Esse dado está sendo interpretado como predicativo, tendo em vista que a ordem canônica seria “*ai meu irmão foi e me deu porque a terra não era meu*”.

²³ Antes das amalgamações dos dois tipos de predicativo, os valores dos predicativos na ordem canônica e os invertidos apresentavam o mesmo efeito. Como os resultados foram próximos, decidimos juntá-los em um único fator.

Tabela 8: SNs de dois ou mais elementos com quantificador à esquerda

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
52. Quantificador “tudo” + nome	<i>tudo criança</i>	0/1 = 0%
53. Quantificador “toda” + nome	<i>toda vida</i>	16/16 = 100%
54. Quantificador “tudo” + artigo + nome	<i>tudo a história</i>	0/2 = 0%
55. Quantificador “toda” + artigo + nome	<i>todas as palavras</i>	15/15 = 100%
56. Quantificador “todo/toda” + demonstrativo + nome	<i>todo essas mercadoria</i>	3/4 = 75%
57. Quantificador “tudo” + demonstrativo + nome	<i>tudo essa história</i>	0/3 = 0%
58. Quantificador “toda” + nome + adjetivo	<i>toda lua cheia</i>	1/1 = 100%
59. Quantificador “tudo” + nome + adjetivo	<i>tudo gente boa</i>	0/1 = 0%

Tabela 9: SNs de dois ou mais elementos com quantificador à direita

TIPO DE SINTAGMA	EXEMPLO	FREQUÊNCIA
60. Nome + quantificador “tudo”	<i>mandioca tudo</i>	2/3 = 66.7%
61. Nome + quantificador “toda” + adjetivo	<i>coisa toda normalizada</i>	1/1 = 100%
62. Demonstrativo + nome + quantificador “tudo”	<i>aquela parte lá tudo</i>	0/6 = 100%
63. Demonstrativo + nome + quantificador “toda”	<i>dessa coisa toda</i>	2/2 = 100%
64. Artigo + nome + quantificador “tudo”	<i>as vacina tudo</i>	1/2 = 50%
65. Artigo + nome + quantificador “toda”	<i>as mães todas</i>	1/1 = 100%
66. Possessivo + nome + quantificador “toda”	<i>minha família toda</i>	1/1 = 100%

Nesses dois grupos com quantificadores, há somente um caso de “todo” e por isso juntamos “tudo” e “toda” em um mesmo agrupamento, levando-se em conta apenas a posição do quantificador no sintagma. Logo, os quantificadores desfavorecem bruscamente a concordância em ambas as posições, tanto à direita com 0,00, quanto à esquerda do nome com 0,05 de peso relativo (cf. tabela 10, p. 79), mostrando a força da configuração sobre a posição desses elementos. Os quantificadores vão de mais nominais (todo) para menos nominais ou mais adverbiais (tudo) e parece mesmo haver mudança categorial e/ou sintagmática nos quantificadores. Interessante notar é que todos os exemplos da tabela 9 são genéricos e inanimados, sendo os nomes invariáveis de fato desfavorecedores da concordância de gênero, como veremos mais adiante, na página 84, sobre a natureza morfológica.

Com relação ao agrupamento dos quantificadores, estamos considerando que o “tudo” é a variante do “toda”, ao contrário de “todo”, uma vez que este praticamente não

aparece na amostra. Esse raciocínio se deve ao fato de o quantificador “tudo” estar em oposição ao “toda” nos exemplos, sendo um dos grandes responsáveis também pela ausência da concordância, independentemente da sua posição.

Para Lucchesi (2000, p. 224), os quantificadores revelam-se como os maiores obstáculos para a presença da concordância de gênero. É como se o quantificador neutro “tudo” fosse utilizado na fala já com a função de plural e de ambos os gêneros, apesar de ser invariável. Em contrapartida, o adjetivo seria o elemento de menor obstáculo para a expansão da concordância de gênero no interior do sintagma nominal, e, no nosso caso, exclusivamente, os adjetivos à esquerda do nome (categóricos), porque à direita do nome e nos predicativos os adjetivos são altamente variáveis quanto à concordância. Novamente, retomo a necessidade de analisarmos conjuntamente a configuração sintagmática e a posição dos elementos, mostrando resumidamente seus resultados na Tabela 10 a seguir.

Tabela 10: Efeito da configuração sintagmática sobre a concordância de gênero

CONFIGURAÇÃO DO SN	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
SNs de dois elementos com um elemento à esquerda: Artigo definido + nome/ Adjetivo+ nome/ Possessivo + nome	1132/1133	99.9	0,92
SNs de dois elementos com um elemento à esquerda: Artigo indefinido + nome/ Numeral + nome	451/455	99.1	0,56
SNs de três elementos com dois elementos à esquerda. ²⁴	80/81	98.8	0,40
SNs de dois elementos com um elemento à esquerda: Demonstrativo + nome/ Pronome indefinido + nome	496/512	96.8	0,27
SNs de três ou mais elementos com elemento(s) à esquerda e à direita do nome, terminados por adjetivo ou possessivo ²⁵	135/149	90.6	0,09
SNs de dois elementos com um elemento à direita: Nome + possessivo/ Nome + adjetivo	124/144	86.1	0,07
SNs de dois ou mais elementos com quantificador à esquerda	35/43	81.4	0,05
S Predicativos com ou sem artigo: ordem canônica/ ordem inversa	294/395	74.4	0,02
SNs de dois ou mais elementos com quantificador à direita	8/16	50%	0,01
TOTAL	2755/2928	94.1	

²⁴ Torno a registrar que a questão é que o fenômeno é de input muito alto, e não se trata, necessariamente, de falta de sinificância com os dados desse agrupamento.

²⁵ Esse agrupamento foi dividido em SNs de três ou mais elementos com elementos à esquerda e à direita do nome, terminados por adjetivo e os terminados por possessivo. No entanto, como ambos os resultados dos pesos foram baixos e semelhantes, decidimos unir os dois tipos de sintagmas.

Recapitulando a questão da posição, Perini (2004, p. 94) afirma que a estrutura posicional dos SNs é mais rígida do que a oração, já que as possibilidades de mudança de ordem são poucas. A partir dessa reflexão, Perini descreve quais os elementos que podem ocupar determinadas posições e quais são suas funções. Para nosso trabalho, o interesse foi constatar que a posição à esquerda normalmente favorece a concordância, exceto os demonstrativos, indefinidos e quantificadores, e os elementos mais desfavorecedores da concordância de gênero são os adjetivos à direita do nome, predicativos, pronomes indefinidos, quantificadores e demonstrativos. Já os artigos definidos e indefinidos, adjetivos, possessivos e numerais à esquerda do nome favorecem mais a concordância.

Sobre os predicativos, Botelho (1987, p. 158) explica como se dá a concordância entre o sujeito e o predicativo:

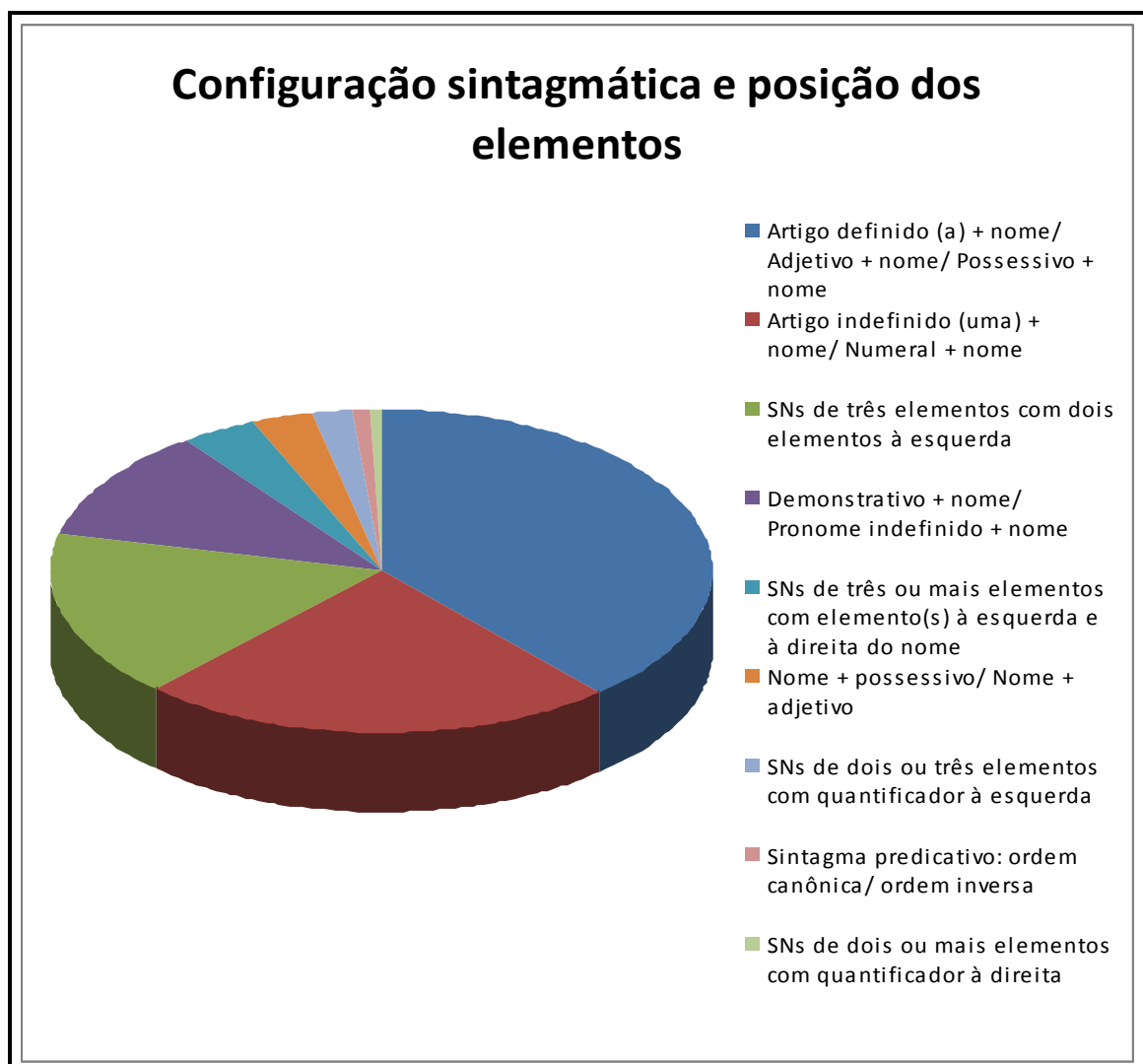
Todos os casos de concordância, e de ausência de concordância, não estão subordinados a fatores sintáticos puros, mas também a relações semânticas, entre o sujeito e o predicativo. Há predicados que só se referem a sujeitos individuados, e outros só a sujeitos com leitura NEUTRO.

Talvez os casos de não concordância no predicativo do falar cuiabano possam ser interpretados pelo falante como uma informação neutra, sem o mesmo valor de verdade, uma vez que não precisa ser especificada ou que não tem a necessidade de saber o gênero. O conceito de neutro para Botelho é algo que expressa generalização e é um traço semântico, como nos pronomes *isso, isto, aquilo e tudo*. Para ela, a concordância com o predicativo depende principalmente das relações semânticas e não apenas da estrutura sintática. Ainda segundo a autora (1987, p. 161):

O predicado não-marcado sem dúvida representa uma concordância semântica com a interpretação NEUTRO do sujeito. Dessa forma, o predicado marcado também pode ser visto como consequência de um fato interpretativo relacionado ao sujeito individualizado ou definido. Mas essas interpretações não são refletidas biunivocamente nas estruturas sintáticas e semânticas de uma sentença.

O Gráfico 1 seguinte ilustra bem o que acabamos de analisar, pois mais da metade dele é composta pelos elementos à esquerda do nome mais favorecedores da concordância de gênero (artigos def. e ind., adjetivos, possessivos e numerais) na parte azul e vermelha. Se olharmos para o gráfico de acordo com a proporção da distribuição geral dos dados, sem levar em conta o peso relativo, percebemos também que, na totalidade, os elementos à esquerda ocupam quase todo o gráfico (da cor azul escuro até a cor roxo escuro). Os elementos à esquerda e à direita do nome e os demais somente à direita, como possessivo, adjetivo, quantificador, em qualquer posição, e os sintagmas predicativos desfavorecem muito a concordância, ficando apenas com uma fatia da *pizza* (da cor azul claro até a verde). Os valores dados no Gráfico 1 são os pesos relativos de cada agrupamento sintagmático.

Gráfico 1: Resultado dos pesos relativos da configuração sintagmática



Com o intuito de ver uma rodada mais resumida levando em consideração os poucos dados de algumas variantes, fizemos outra rodada apenas com os elementos à esquerda do nome, os elementos à direita do nome, os quantificadores em ambas as posições e os predicativos também em ambas as posições. A rodada com esses novos resultados não deu convergência por causa da natureza morfológica, uma vez que os SNs variam pouco e são quase categóricos, apesar de na rodada maior ter havido convergência, possivelmente pelo fato de os sintagmas estarem mais distribuídos. De qualquer forma, foram selecionadas as mesmas variáveis da rodada maior: configuração sintagmática, natureza morfológica, faixa etária e grau de letramento, com resultados semelhantes. Assim sendo, reproduzo a seguir os novos resultados mais para se ter uma ideia concreta de que todos os elementos juntos à esquerda favorecem a concordância de gênero (0,69) e os elementos à direita desfavorecem-na (0,16), juntamente com os quantificadores (0,06) e predicativos (0,04), conforme mostra a Tabela 11.

Tabela 11: Novos resultados da configuração sintagmática sobre a concordância de gênero

CONFIGURAÇÃO RESUMIDA DO SN	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
<u>SNs de dois elementos com um elemento à esquerda:</u> Artigo definido + nome/ Adjetivo+ nome/ Possessivo + nome/ Artigo indefinido +nome/ Numeral + nome/ Demonstrativo + nome/ Pronome indefinido + nome <u>SNs de três elementos com dois elementos à esquerda</u>	2159/2181	99	0,69
<u>SNs de dois elementos com um elemento à direita:</u> Nome + possessivo/ Nome + adjetivo <u>SNs de três ou mais elementos com elemento(s) à esquerda e à direita do nome, terminados por adjetivo ou possessivo</u>	259/293	88.4	0,16
<u>SNs de dois ou mais elementos com quantificador à esquerda ou à direita</u>	43/59	72.9	0,06
<u>S Predicativos com ou sem artigo: ordem canônica/ ordem inversa</u>	294/395	74.4	0,04
TOTAL	2755/2928	94.1	

Os resultados da posição são totalmente confirmados nessa tabela, menos para os quantificadores e predicativos que são os maiores obstáculos para a concordância de gênero, apesar de serem fatores com pouco número de dados.

5.2.3 Presença ou ausência de artigo “a”

A hipótese dessa variável é de que a presença do artigo feminino “A” favoreceria a presença da concordância padrão. As formas semelhantes levariam a formas semelhantes, segundo o princípio do paralelismo sintático de Scherre (1988). De fato, essa hipótese é confirmada com o alto índice de concordância nos sintagmas compostos por artigo+nome. O princípio do paralelismo estaria atuando nesses sintagmas, já que se trata de duas formas semelhantes, a concordância no feminino “-a” e o artigo “a”.

No entanto, utilizamos essa variável apenas para controlarmos os sintagmas predicativos com ou sem artigo (cf. tabela 6 e 7 da página 76), no intuito de ver se a presença do artigo definido feminino “a” nas estruturas predicativas pudesse favorecer mais a concordância de gênero do que os predicativos sem o artigo. Como já foi explicado na configuração sintagmática, os predicativos, independentemente da posição e da presença ou não de artigo, desfavorecem a concordância de gênero.

5.2.4 Grau de animacidade

Quantificamos o grau de animacidade sob a hipótese de que a ausência da concordância de gênero fosse favorecida pelos nomes femininos que apresentassem o traço [-humano, -animado], do tipo “barba branco”, “água morno”, “noite inteiro”. Essa hipótese se baseia na ideia de que o nome inanimado não possui marcas morfológicas de gênero, e, portanto, teria uma significação não marcada, ou seja, mais generalizada, desfavorecendo logicamente a concordância, pois é o masculino a forma não marcada.

Para esse grupo de fator, levamos em conta a seguinte hierarquia de animacidade: [humanos – animais – inanimados]. Logo, fizemos a divisão dos seguintes traços:

- [+animado+humano]. Ex: **Ela** é da chapada, **nascido** lá né
- [+animado-humano]. Ex: É **um** **sucuri**./ **Esse** é **sucuri**.
- [-animado–humano]. Ex: **A** **pregação** dele mais é **esse**.

Depois da análise dos dados, vimos que os resultados deste trabalho mostravam apenas a distinção entre os traços de [+ humano] e [- humano]. Já que a diferença entre [+animado -humano] e [-animado -humano] tinha sido mínima, a distinção se concentrou apenas nos traços de + ou - humano, confirmando a hipótese inicial de maior concordância para o traço de [+ humano] e menor concordância para o traço de [- humano]. Os resultados da animacidade, com convergência, antes da introdução da variável natureza morfológica estão descritos na Tabela 12 a seguir:

Tabela 12: Efeito do grau de animacidade sobre a concordância de gênero antes da natureza morfológica

GRAU DE ANIMACIDADE	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
[+animado+humano]	791/845	93.6	0,59
[-animado-humano]	1907/2022	94.3	0,46
[+animado-humano]	73/77	94.8	0,43
TOTAL	2771/2944	94.1	

Com o acréscimo da variável natureza morfológica, percebemos que esta abarcou a questão semântica da animacidade, tendo em vista que a maioria dos nomes variáveis possuem os traços positivos de animado e humano. Logo, entendemos que há uma interação entre essas duas variáveis como veremos adiante, em que tanto a combinação de traços dos nomes quanto a flexão dos elementos exercem uma influência direta na manifestação da concordância de gênero. Nessa rodada, as outras variáveis selecionadas anteriormente permaneceram intactas: faixa etária, grau de letramento e configuração sintagmática.

5.2.5 Natureza morfológica

A hipótese geral era de que nomes flexionáveis favorecessem a concordância de gênero pela presença da marca explícita de gênero “a”. Primeiramente, fizemos um detalhamento minucioso com os seguintes fatores:

- Nomes variáveis. Ex: *Esse menina*.
- Nomes variáveis por léxico diferente ou derivação. Ex: *Só galinha de casa só, criado co milho*.
- Nomes invariáveis em -a, classificados como sobrecomuns. Ex: *A moçadinha mai novo* (pode ser uma moçadinha de homens ou mulheres)
- Nomes invariáveis nos demais casos de sobrecomum. Ex: *Esses comunidade Bomsucesso*
- Nomes invariáveis em -a, classificados como epicenos. Ex: *Esse taturana* (a aranha pode ser macho ou fêmea)
- Nomes invariáveis nos demais casos de epiceno. Ex: *É um sucuri*
- Nomes invariáveis. Ex: *Sem mentira nenhum*.

Segundo Rocha (1998, p. 212), os nomes invariáveis do tipo *moçadinha-a, crianç-a ou comunidade*, chamados de sobrecomuns, têm um gênero próprio, inerente ao item lexical, já que não possuem o gênero marcado morfologicamente, mas desempenham obrigatoriamente a concordância sintática. No caso de Cuiabá, a concordância não está realizada com o adjetivo *A moçadinha mai novo*, nem com o demonstrativo *esse comunidade*. No exemplo *A moçadinha mai novo*, ainda se tem a concordância com o primeiro elemento a esquerda do nome em detrimento do elemento à sua direita. De fato, no uso da língua, a marca do gênero não se faz necessária para esses nomes coletivos, tendo em vista que são nomes que remetem a uma classe de indivíduos, independentemente do sexo.

No caso dos chamados epicenos (*esse taturana ou um sucuri*), Rocha (1998) diz que estes possuem um gênero único e a distinção de sexo pode ser feita através da palavra *macho ou fêmea*. Acontece que para a fala não importa se o animal é macho ou fêmea, porque sempre nos referimos à classe geral das aranhas ou das cobras e por isso o desfavorecimento da concordância nesses dados, já que esses animais são interpretados como genéricos, não específicos, e, portanto, não marcados.

Um terceiro caso que Rocha (1998) enumera é o caso do gênero por heteronímia ou, como dizemos no trabalho, o gênero lexical ou derivacional, já que há um gênero próprio mas que é especificado através de outra palavra (*ex: galinha/galo; pai/mãe*).

As variáveis natureza morfológica e grau de animacidade sem amalgamação não dão convergência nos resultados. Mesmo assim, reproduzo os resultados detalhados dessa

variável na Tabela 13 para mostrar o processo por que passou a variável antes de ser amalgamada.

Tabela 13: Efeito da natureza morfológica sobre a concordância de gênero²⁶

NATUREZA MORFOLÓGICA	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Nomes variáveis por léxico diferente	220/221	99.5%	0,88
Nomes variáveis	185/191	96.9%	0,70
Nomes invariáveis	1937/2051	94.4%	0,45
Nomes invariáveis em –a (sobrecomum)	221/243	90.9%	0,30
Nomes invariáveis nos demais casos de sobrecomum	20/21	95.2%	0,26
Nomes invariáveis em –a (epiceno)	25/27	92.6%	0,26
Nomes invariáveis nos demais casos de epiceno	2/4	50%	0,06
TOTAL	2610/2758	94.6%	

A subdivisão dos sobrecomuns e epicenos em nomes terminados por –a ou não era justamente para vermos se o paralelismo dos nomes que remetem ao gênero feminino favoreceria a concordância de gênero. No entanto, o que a análise nos mostrou é que os invariáveis de uma forma geral não foram favorecedores para a presença da concordância.

Com o intuito de agrupar melhor os fatores morfológicos para que obtivéssemos convergência na análise, unimos todos esses fatores em apenas variáveis ou invariáveis, com resultados bastante polarizados, como podem ser vistos na Tabela 14, já que a diferença nítida é entre a classe dos nomes variáveis (0,88 e 0,70) e a classe dos nomes invariáveis (0,45; 0,30; 0,26; 0,26 e 0,06).

Tabela 14: Novos resultados da natureza morfológica

NATUREZA MORFOLÓGICA	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Nomes variáveis por léxico diferente	220/221	99.5	0,88
Nomes variáveis	185/191	96.9	0,71
Nomes invariáveis	2205/2346	94	0,43
TOTAL	2610/2758	94.6	

²⁶ Os nomes classificados em comum de dois gêneros como *a/o repórter* foram retirados da análise morfológica por não se tratar de variação, já que a diferenciação se faz justamente pela presença do artigo feminino ou masculino.

A hipótese inicial era mais ampla, já que prevíamos que a presença do –a mesmo nos nomes invariáveis (*taturana, moçadinha*) pudesse favorecer a concordância. Assim sendo, a hipótese de que os nomes variáveis favoreceriam a concordância de gênero foi confirmada, tendo em vista que os nomes com flexão tendem a concordar mais que os nomes sem flexão. Apenas os nomes variáveis (0,88 e 0,71) favorecem a concordância bruscamente em detrimento dos nomes invariáveis (0,43). Talvez o alto favorecimento dos nomes variáveis por léxico diferente (0,88) se deve ao fato de serem nomes com maior saliência fônica do que apenas a terminação em –a dos variáveis, já que a derivação são dois nomes diferentes a depender do sexo e, por isso, tem mais material fonético.

A variável natureza morfológica na tese de Lucchesi (2000, p. 234) também foi selecionada estatisticamente com 0,62 para os nomes com flexão e 0,51 para os nomes sem flexão. Dettoni (2003, p. 126) também comprova essa relação em que nomes variáveis desfavorecem (0,34) o uso do ELE como anafórico, ou seja, sem a concordância com antecedentes femininos. Já os nomes invariáveis favorecem o uso do ELE (0,54). Fazendo o inverso, já que a nossa variável é com relação à concordância, os nomes com flexão em Dettoni favorecem a concordância em 0,66 enquanto os nomes sem flexão desfavorecem a concordância com 0,46, resultados bem próximos dos encontrados nessa pesquisa.

A influência direta entre a natureza morfológica dos nomes e o grau de animacidade, será mostrada no cruzamento das duas variáveis na Tabela 15.

Tabela 15: Efeito do cruzamento das variáveis grau de animacidade e natureza morfológica

NATUREZA MORFOLÓGICA	GRAU DE ANIMACIDADE		TOTAL GERAL
	[+-Animado-Humano]	[+Animado+Humano]	
Invariável	1875/1988=94.3% PESO: 0,46	330/358=92.2% PESO: 0,35	2205/2346=94%
Variável	20/21=95.2% PESO: 0,14	385/391=98.5% PESO: 0,80	405/412=98%
TOTAL	1895/2009=94.3%	715/749=95.4%	2610/2758=94.6%

Com essa tabela, fica comprovado que os nomes variáveis são os que possuem o traço [+humano] com 0,80, favorecendo mais a concordância de gênero. Com os invariáveis, o resultado já não é tão claro, mas percebe-se que os nomes invariáveis e não humanos (0,46) estão em maior quantidade do que os nomes invariáveis e humanos (0,35). Essa é a grande sobreposição das duas variáveis e a diferença está no traço de [+humano].

5.2.6 Tipo de referência

Para a referência, o objetivo era identificar qual a motivação semântica ligada ao tipo de referência, genérica ou específica, do núcleo do SN que poderia estar interferindo no processo de concordância. A hipótese principal é a de que a referência específica favoreceria a concordância de gênero, enquanto a referência genérica favoreceria a não concordância, por se tratar de formas marcadas e de formas generalizadas, respectivamente.

Mira Mateus *et alii* (1994) distinguem os nomes a partir do ponto de vista semântico da tradição gramatical de nomear os seres. O uso referencial equivale à definição, especificação, individualização e determinação através dos artigos definidos, possessivos, demonstrativos, pronomes pessoais e os nomes próprios, como no exemplo *Era promotor de justiça, da justiça federar*. Já o uso genérico dos nominais equivale a nomes comuns, não-específicos, genéricos e sem referência definida, mesmo com a presença de artigos que funcionam como expressão de quantificação universal, como no exemplo *Aquele tempo eles vinha e vindia as coisa na rua com duas mala na mão*. De acordo com Lyons, 1981, p. 126:

A dependência de contexto da maioria das expressões referenciais tem como consequência semanticamente importante o fato de que a proposição veiculada pela enunciação de uma sentença tende a variar em função do contexto de enunciação.

A partir das reflexões acima, pode-se perceber que, para uma boa explicação da concordância de gênero talvez fosse necessária uma análise de fatores externos à estrutura gramatical, ou seja, fatores relacionados ao contexto discursivo ou até mesmo pragmático. O que descobrimos é que essa interferência discursivo-pragmática não acontece na concordância de gênero em estruturas internas dos SNs, mas apenas nas estruturas de anáfora, como bem analisa Dettoni (2003).

Exemplos da não concordância com cada tipo de referência e os resultados da frequência relativa dessa variável podem ser vistos na Tabela 16.

- Referência específica: *Perto daquele baradge lá*.

- Referência genérica: *Vamos fazer assim, a senhora chega numa casa, a senhora vê **uma pessoa cego**, ou para...ou **gregrenhado**, **uma pessoa gregrenhado**, ele não anda, ele não se move...*

Tabela 16: Efeito do tipo de referência sobre a concordância de gênero

TIPO DE REFERÊNCIA	FREQUÊNCIA	
	N	%
Referência específica	743/811	91.6
Referência genérica	2012/2117	95
MÉDIA	2755/2928	94.1

Codificamos essa variável por ter sido a mais significativa para o trabalho de Dettoni (2003, p. 107-120). No trabalho da autora, a construção com referência genérica favorece a presença do ELE, retomando antecedentes feminino, com 0,84 de peso relativo, como no exemplo “*banana roxa tem ELE aí também*”. O contrário acontece com a referência específica que desfavorece o uso do pronome masculino em 0,34, como no exemplo “*Aí embaixo tem uma menina que ELA desistiu também*”. Percebemos, entretanto, que essa variável nada tem a ver com os sintagmas, porque não foi sequer cotada para ser selecionada em nenhum momento da análise. Assim sendo, podemos refletir que a anáfora tem um fator importante que é a recuperação da informação através do discurso.

5.3 Hipóteses e análise das variáveis sociais

5.3.1 Sexo dos informantes

Essa variável foi codificada apenas e exclusivamente para um controle social melhor da amostra. Não tínhamos nenhuma hipótese a esse respeito e ela também não foi selecionada em nenhuma fase da pesquisa. Os resultados para o sexo feminino e o sexo

masculino não se diferenciam em termos de frequência, já que ambos estão em torno da média de 94.1%.

Tabela 17: Efeito do sexo dos informantes sobre a concordância de gênero

SEXO DOS INFORMANTES	FREQUÊNCIA	
	N	%
Feminino	1703/1811	94
Masculino	1052/1117	94.2
MÉDIA GLOBAL	2755/2928	94.1

5.3.2 Faixa etária

A hipótese para essa variável é de que a geração mais nova seria mais inovadora favorecendo mais concordância do que os idosos, que tenderiam a ser mais conservadores no uso de sua variedade linguística, desfavorecendo a concordância. Além disso, o objetivo central seria comprovar a mudança linguística em tempo aparente, ou seja, a distribuição de formas linguísticas ao longo de uma gradação etária que pressupostamente reflete gerações sucessivas. Para Labov (2008, p. 194):

Os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala.

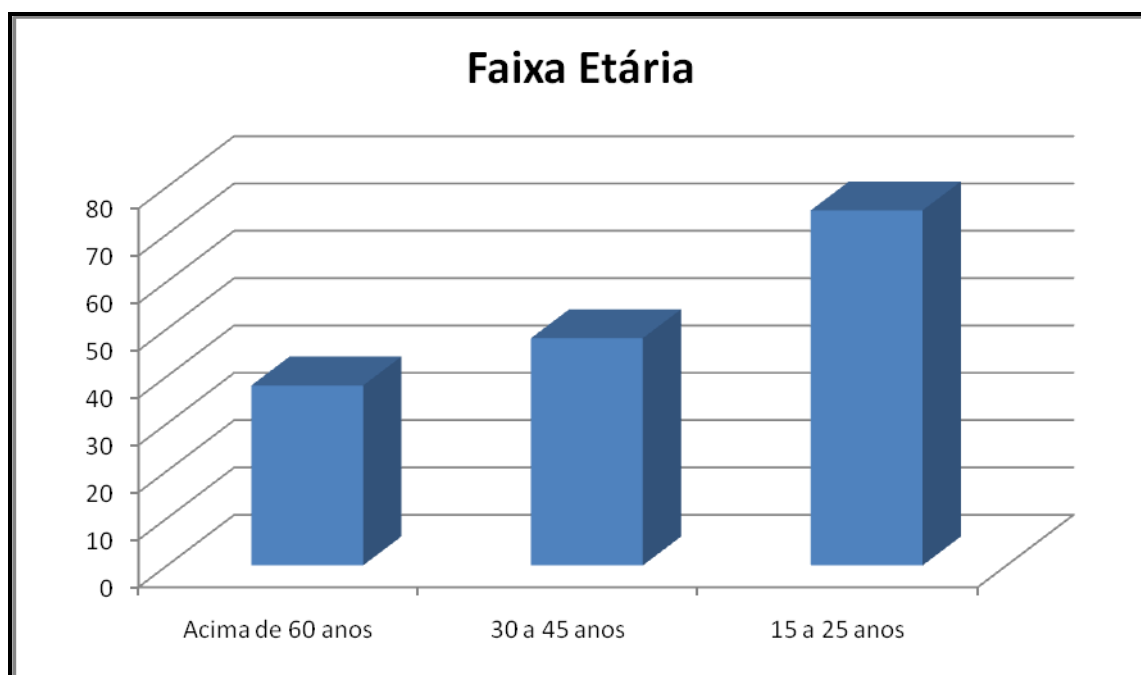
Assim sendo, de acordo com a tabela 18 a seguir, os falantes idosos variam mais que os jovens, uma vez que estes estão liderando a mudança linguística com 0,75 de realização plena da concordância, enquanto os adultos e idosos ainda variam mais e, portanto, realizam menos a concordância, com índices mais baixos, de 0,48 e 0,38, respectivamente.

Tabela 18: Efeito da faixa etária sobre a concordância de gênero

FAIXA ETÁRIA	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
15 a 25 anos	562/572	98.3	0,75
30 a 45 anos	1092/1158	94.3	0,48
Acima de 60 anos	1101/1198	91.9	0,38
TOTAL	2755/2928	94.1	

Com esses resultados, podemos obter um gráfico com valores gradativos sobre a faixa etária, que está em ordem crescente. A realização da concordância é inversamente proporcional à faixa etária, uma vez que quanto menor a faixa etária mais concordância e, quanto maior a faixa etária, menos concordância (cf. Gráfico 2).

Gráfico 2: Influência da faixa etária sobre a concordância de gênero



O Gráfico 2 ilustra a influência dos padrões externos à comunidade que afetam a manifestação linguística dos jovens, fazendo com que eles utilizem mais a variável nova como aproximação das variedades prestigiadas. Segundo Labov (2008, p. 210): “Gerações

sucessivas de falantes dentro do mesmo subgrupo, reagindo às mesmas pressões sociais, fazem a variável linguística avançar mais um passo no processo de mudança, para além do modelo estabelecido por seus pais.” Assim sendo, os jovens lideram a mudança linguística e vão além dos adultos e idosos, sendo, portanto, os únicos responsáveis pela alta realização da concordância de gênero.

Nos nossos resultados, os adultos (faixa intermediária) estão quase no ponto neutro de 0,48, os idosos desfavorecem bem a concordância com 0,38 enquanto os jovens disparam na mudança linguística com 0,75.

Percebe-se que a identidade dos jovens se assemelha aos padrões linguísticos mais prestigiados da sociedade e se distancia dos mais idosos, já que estes ainda se identificam mais com a cultura e a linguagem cuiabana local e aqueles têm mais instrução e melhores perspectivas, dentre outros fatores. Dessa forma, os grupos sociais da faixa etária são comunidades de fala ligeiramente diferentes (cf. LABOV, 2008, p.188). Em suma, sobre essa distinção etária, Labov (2008, p. 133) afirma que:

Há motivos para crer que falantes mais velhos têm menos capacidade de mudar, e que só os muito jovens, recém saídos da pré-adolescência, conseguem fazer mudanças radicais no seu padrão graças à atenção consciente.

Outro fato importante é que os falantes mais idosos dão pouca atenção às perguntas do entrevistador e falam muito sobre suas experiências pessoais e profissionais. Labov (2008, p. 116) chama esse contexto de “Fala que não responde diretamente a pergunta”. Assim sendo, quanto mais à vontade o informante fica e quanto mais ele fala, maior a chance de estudar o vernáculo verdadeiro, e, no nosso caso, o vernáculo que reflete bem o falar cuiabano na época em que a linguagem foi adquirida por esses idosos.

Tanto neste trabalho como no de Dettoni (2003) houve aparente sobreposição das variáveis sociais. No caso de Dettoni, o resultado não esperado foi o da faixa etária (0,48 para acima de 60 anos; 0,59 de 30 a 45 anos e 0,30 de 15 a 25 anos). Já no meu trabalho, o resultado não esperado foi o grau de escolaridade, que veremos adiante. Para Dettoni (2003), a explicação desse enviezamento reside no fato de o idioleto ter manifestações linguísticas muitas vezes diferente da sua comunidade de fala. Seguindo esse raciocínio, criamos a

variável grau de letramento para tentar refletir melhor os possíveis efeitos da escolaridade e letramento dentro dessa comunidade.

Antes de falarmos do letramento, explicaremos primeiro o grau de escolaridade, o *continuum urbano* e a identificação dos informantes, porque estes são fatores sociais cruciais para o entendimento dos diferentes tipos de letramento aos quais o indivíduo está exposto.

5.3.3 Grau de escolaridade

Inicialmente, achávamos que, por se tratar de processo de mudança linguística, os fatores seriam diretamente proporcionais, ou seja, quanto maior a escolaridade maior a concordância. No decorrer do trabalho, percebemos que nessa amostra o papel exclusivo da escola não foi definitivo para a presença de concordância e, por isso, não se mostrou tão relevante. Os resultados estatísticos do grau de escolaridade foram relevantes antes da entrada do grau de letramento, ainda que não tenha dado convergência na análise. A seguir se encontra a Tabela 19.

Tabela 19: Efeito do grau de escolaridade sobre a concordância de gênero antes da inserção do grau de letramento

GRAU DE ESCOLARIDADE	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Mais de 9 anos de estudo	290/297	97.6	0,59
5 a 8 anos de estudo	706/736	95.9	0,59
1 a 4 anos de estudo	1147/1258	91.2	0,40
0 anos de estudo	612/637	96.1	0,53
TOTAL	2755/2928	94.1	

Logo, o grau de escolaridade relativamente não foi compatível com o esperado, visto que a presença de concordância de gênero nos dados dos informantes analfabetos foi significativa (0,53) juntamente com os informantes de 5 a 8 anos de estudo e acima de 9 anos

de estudo (0,59). Tivemos de voltar à explicação da escolaridade via letramento e idioleto, já que o comportamento linguístico individual da comunidade cuiabana é, muitas vezes, diferente da comunidade de fala como um todo.

5.3.4 *Continuum rurbano*

A zona rural, por ser geograficamente isolada e por haver localidades em Cuiabá à margem do rio, que abrigam população de baixa renda e escolaridade, poderia ser um dos fatores sociais importantes para o desfavorecimento da concordância de gênero contrariamente aos falantes que moram na zona urbana.

Sobre o *continuum rurbano*, Bortoni-Ricardo (1998, p. 102) afirma que a estratificação descontínua caracteriza as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização e as regras graduais, que definem uma estratificação contínua, estão presentes no repertório de quase todos os brasileiros. A autora considera o *continuum rurbano* na perspectiva de que falantes podem nascer na zona rural e irem para a zona urbana ou vice-versa. Em nosso trabalho, estamos utilizando esse termo para designar apenas a localidade de origem dos informantes, independentemente se hoje vivem em outro lugar.

Já se via o conceito de *continuum* no estudo da centralização do ditongo por Labov (2008, p. 30), no qual há referências implícitas ao que chamamos de *continuum rurbano*, quando ele diz que é provável que um morador rural da ilha alta use um alto grau de centralização de (ay) e (aw), mas que nas áreas dos vilarejos da ilha baixa também se possa ouvir o mesmo traço em algumas palavras específicas. Dessa forma, vemos que há certa gradação entre os pólos rurais e urbanos e que não há dois pólos totalmente extremos, em que só um usa determinada variante em detrimento da outra.

Essa foi a ideia principal para a codificação do *continuum rurbano* que, inicialmente, era selecionado estatisticamente pelo programa, refletindo um pequeno *continuum* desde o polo + urbano até o polo – urbano, respectivamente, com o favorecimento da concordância para aquele e o desfavorecimento da concordância para este. O traço [+urbano +- rural] também refletia uma posição intermediária a respeito da concordância.

No entanto, a variável grau de letramento passou a refletir aspectos sociais parecidos aos do *continuum*. A diferença é que o *continuum rurbano* é um dos muitos fatores

dentro do grau de letramento, por isso a escolha do programa pela variável mais completa e que contemplasse todo esse aparato social ao mesmo tempo.

Tabela 20: Efeito do continuum rurbano sobre a concordância de gênero

<i>CONTINUUM RURBANO</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>
[+Urbano -Rural]	1186/1252	94.7
[+-Urbano +-Rural]	642/684	93.9
[-Urbano +Rural]	927/992	93.4
TOTAL	2755/2928	94.1

Enfim, por conta da complexidade do letramento, descobrimos que os graus de letramento formam uma variável mais robusta, que abarca vários fatores sociais de uma única vez.

5.3.5 Identificação dos informantes e atitudes sociolinguísticas

Com o controle individual de cada informante, podemos ter um resultado mais preciso do seu desempenho linguístico. Foi a partir desses resultados, que sentimos a necessidade de analisar melhor o idioleto de forma qualitativa e quantitativa. Para a análise dessa variável, foram retiradas as outras variáveis sociais para que não houvesse a sobreposição de fatores. De acordo com Sankoff (1988 a), sobre os fatores sociodemográficos, é sempre bom substituí-los por um único grupo de fatores – o falante. Isto se dá porque as categorias sociais não costumam ser tão comportadas. Seguindo esse raciocínio, mesmo depois do rearranjo, permaneceram as mesmas variáveis linguísticas juntamente com a identificação dos informantes.

A identificação dos informantes que consta na Tabela 21 segue o seguinte formato: Sigla do nome do informante (apenas as três primeiras letras), idade, anos de escolaridade, localidade de origem, continuum rurbano a que pertence o falante e o sexo.

Os informantes que não estão sombreados têm o peso relativo compatível com o esperado, ou seja, os mais favorecedores à concordância de gênero são jovens (15 a 25 anos), normalmente da zona urbana, e têm alguma escolaridade associada ao letramento. O inverso se aplica aos idosos, normalmente da zona rural e com baixo grau de escolaridade associado ao letramento. Na Tabela 21, os resultados sombreados serão discutidos depois por destoarem bastante da nossa hipótese inicial. Os pesos relativos estão descritos em ordem decrescente de significância, apesar de essa rodada não ter dado convergência.

Tabela 21: Efeito do indivíduo sobre a concordância de gênero

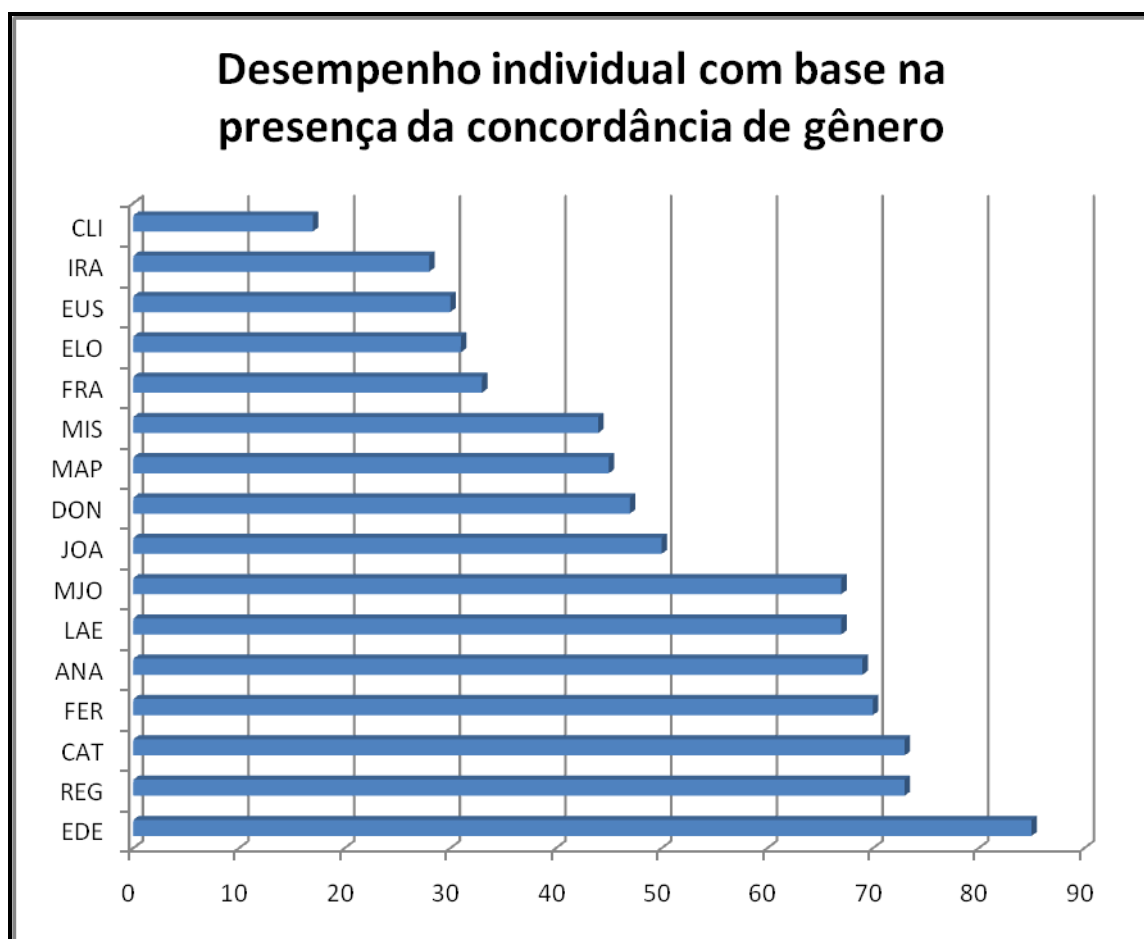
INFORMANTES (Sigla do nome/ idade/ escolaridade/ localidade de origem/ <i>continuum</i> rurbano/ sexo)	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
EDE/ 18/ 6/ Cuiabá/ urbano/ M	99/100	99	0,85
REG/ 18/ 4/ Cuiabá/ urbano/ F	89/91	97.8	0,73
CAT/ 42/ 0/ Chapada dos Guimarães/ +-urbano/ F	228/232	98.3	0,73
FER/ 22/ 7/ Cuiabá/ urbano/ F	119/122	97.5	0,70
ANA/ 79/ 0/ São Gonçalo/ rural/ F	72/74	97.3	0,69
LAE/ 40/ 15/ Livramento/ rural/ M	173/176	98.3	0,67
MJO/ 66/ 5/ Cuiabá/ urbano/ F	188/194	96.9	0,67
JOA/ 25/ 15/ Cuiabá/ urbano/ M	63/67	94	0,50
DON/ 79/ 8/ Várzea Grande/ urbano/ F	143/155	92.3	0,47
MAP/ 31/ 5/ Cuiabá/ urbano/ F	133/141	94.3	0,45
MIS/ 65/ 2/ Várzea Grande/ urbano/ M	352/382	92.1	0,44
FRA/ 40/ 0/ Capão do Pequi/ rural/ M	137/147	93.2	0,33
ELO/ 39/ 4/ Nossa Senhora da Guia/ rural/ F	292/325	89.8	0,31
EUS/ 35/ 4/ Nossa Senhora da Guia/ rural/ M	50/58	86.2	0,30
IRA/ 75/ 4/ +-urbano/ F	273/311	87.8	0,28
CLI/ 72/ 0/ São Gonçao/ rural/ M	74/83	89.2	0,17
TOTAL	2485/2658	93.5	

Há cinco informantes que são categóricos no uso pleno da concordância e por isso preferi retirá-los da análise para entender o efeito variável de cada informante sobre o fenômeno em questão. São eles:

- JUS/ 20 anos/ 0/ Chapada dos Guimarães/ +-urbano/ M (50/50 = 100%)
- MBA/ 36 anos/ 5 a 8/ Nossa Senhora da Guia/ rural/ F (24/24 = 100%)
- SIM/ 34/ 11/ São Gonçalo/ rural/ M (54/54 = 100%)
- VAL/ jovem/ 2/ Chapada dos Guimarães/ +-urbano/ F (91/91 = 100%)
- MIG/ 19/ 0/ Livramento/ rural/ F (51/51 = 100%)

Para uma visualização melhor do desempenho linguístico dos informantes, reproduzimos no Gráfico 3 os valores do peso relativo de cada um. Os nomes estão em sigla e alguns deles serão analisados mais adiante:

Gráfico 3: Análise da presença da concordância de gênero segundo cada informante



Como se pode perceber, o comportamento individual difere muito de um informante para outro, independentemente, em alguns casos, de escolaridade e sexo. A única

variável que coincide mais é a faixa etária e, em alguns casos, o continuum urbano. Por isso, na próxima seção, falaremos das atitudes sociolinguísticas e do grau de letramento de cada informante, explicando alguns resultados inesperados acima com base na vivência de cada informante. Discutiremos outros aspectos dos nove informantes sombreados na Tabela 20, já que são os que têm o comportamento linguístico mais diferenciado.

➤ **Mig/19 anos/iletrada/zona rural (100% de concordância plena)**

A informante tem 19 anos, é iletrada e pertencente à zona rural (nasceu em um sítio em Jacaré, perto de Livramento). Apesar de ser iletrada, ela realiza 100% da concordância de gênero. Explicações para isso é que a informante pertence à faixa etária jovem e mora em Várzea Grande (zona urbana) desde os 15 anos, ajudando sua tia. As amigas também estudam e elas gostam de assistir a novelas. Além disso, essa informante já saiu de Cuiabá e sua entrevista é bastante curta.

➤ **Jus/20/iletrado/+urbano (100 % de concordância plena)**

As respostas deste informante também são curtas e bastante evasivas. É um jovem que nasceu na Chapada dos Guimarães e trabalha em uma fazenda. Seu comportamento linguístico é bem peculiar, porque ele não gosta de festa e parece ser um rapaz bem introvertido. A explicação para 100% de concordância é apenas o fator idade.

➤ **Ira/75 anos/4 anos de escolarização/+urbano (0,28 de concordância plena)**

➤ **Elo/39 anos/4 anos de escolarização/rural (0,31 de concordância plena)**

➤ **Eus/35 anos/4 anos de escolarização/rural (0,30 de concordância plena)**

Esses informantes têm em comum os anos de escolarização, são da zona rural ou zona +-rural, falam bastante nas entrevistas, descrevem muitos remédios a base de plantas para curar doenças e os dois últimos têm basicamente a mesma faixa etária. Hipoteticamente era para falantes adultos e de escolarização mediana terem também um peso mediano. No entanto, esses informantes desfavorecem bastante a realização da concordância por terem um baixo grau de letramento, apesar de já terem tido acesso à escola, e também pela faixa etária ser maior. Dos três informantes, “Ira” tem o desempenho linguístico mais esperado, porque é

idosa e não pertencente à zona urbana. Nasceu em uma fazenda na Sesmaria Morro Grande e depois foi morar em Cuiabá.

➤ **Val/jovem/2 anos de escolarização/+ urbano (100 % de concordância plena)**

Apesar de ler pouco e escrever basicamente o nome, essa informante é jovem, nasceu na Chapada dos Guimarães e já morou em Cuiabá. O acesso a localidades urbanas e sua idade favorecem a concordância de gênero. Outro fato interessante é sua atitude perante “os paus rodados” (quem não é de Cuiabá), pois relaciona a violência frequentemente ao migrante. Além disso, tem uma relação muito forte com a mídia, por assistir a novelas, jornais, *Big Brother* Brasil, etc. No jornal, ela diz que fica sabendo de tudo que está acontecendo, já que trabalha o dia todo. Seu marido também chegou a fazer um ano de faculdade. A entrevistadora pergunta sobre a televisão e ela afirma:

E²⁷ _ “Ah, ensina bastante a gente, que muita coisa a gente não sabe a televisão ensina. Se a gente prestá bem atenção, principalmente o jornal, né. Eu gosto.” [...]

P_ E aí, você acha que você aprende muita coisa pela televisão?

E_ Eu acho.

P_ O que por exemplo? Pode me dar um exemplo?

E_ É, né, é assim como lidá cos filho. Esse negócio que pa mim também que é muito interessante, porque quando eu tive filho era muito nova, então como iducá.

P_ Ce vê programa?

E_ Ham ham. Ham ham. Eles fala disso muito também. O que acontece com criança rebelde. Tudo isso aí. Então é um negócio que a gente já fica ali olhando, aprendendo, né. Que daí o exemplo, eu. Eu mesmo estudei até a segunda série. Então, não tem como assim eu querê iducá minhas criança de ota forma. Então eu tenho que olhá pra isso, eu tenho que pensá tamém direitinho como que eu vô fazê, como que num vô fazê, né. Porque o que manda mais é o estudo, né. Isso aí eu tenho muito pouco, né. Então acho que isso aí que é importante, (inint).²⁸ (Grifos meus)

➤ **Cat/42/ iletrada/+ urbano (100% de concordância plena)**

Nasceu na Chapada e criou-se sozinha com 10 filhos. Depois de 11 anos, começou a trabalhar de doméstica. Não estudou porque precisava trabalhar na roça com o pai. Seus pais são cuiabanos, mãe descendente dos índios boróros, mas ela não tem sotaque típico

²⁷ Relembro que a legenda para o símbolo *E* é entrevistado e para *P* é pesquisador.

²⁸ *Inint* é um símbolo da transcrição que significa que algum trecho é *ininteligível*.

da região. Um fator decisivo para seu desempenho linguístico é que ela já viajou muito (Espírito Santo, São Paulo, Campo Grande, Brasília) e atualmente mora em Cuiabá. Logo a seguir, transcrevo um trecho de sua conversa com a entrevistadora.

P_ Mas porque aqui em Cuiabá tem algumas coisas que são muito próprias da região, como o pessoal que fala petche, dgente, né. E eu não vi até agora você...

E_ Meu Deus...

P_ É porque você tá envergonhada?

E_ Não, eu converso assim mesmo, é desse jeito.

P_ É...porque você não tem um sotaque da região tão típico.

E_ É, porque meu pai e minha mãe sempre eles conversa bem cuiabano mesmo, né? **E eu já viajei muito, já andei e tal, que eu nem falava assim, como os cuiabano. Sempre a gente fala meio trapalhado, assim, não sei se é devido à nação da gente, né? Mas sempre eu falo assim desse jeito, Minha mãe que fala assim: “ah, você tem leitura, porque você, seu jeito de conversar, parece que você sabe ler”.** Mas não é, é meu jeito mesmo. Não é porque eu tô envergonhada...

P_ É, é isso que eu tô querendo dizer. Porque você falou pra mim que nunca estudou...

E_ Nunca estudei, só faço o meu primeiro nome, (xxx)²⁹, mas é um garrancho. Assim mesmo porque os outros passavam pra mim no papel, tentava lutar pra mim fazer, aí eu faço mas mal e mal assim, (inint). Só por isso.

P_ É, mas você não tem. Você disse que seu pai e sua mãe falam bem...

E_ Fala bem cuiabano. Papai é cuiabano mesmo. Minha mãe...

P_ Você não herdou deles?

E_ Acredito que não, né? Ainda tenho duas irmãs lá que fala cuiabano mesmo. Tem uma que você não entende o que ela fala.

P_ É mesmo?

E_ **É, bem cuiabano mesmo. E meio deficiente também, meio surda, não fala direito. Tem outra que é meio louca, sei lá, joga pedra, xinga, e fala cuiabano mesmo, bem rastado mesmo. Parece assim que pra conversar sou meio diferente né?** (Grifos meus)

O índice categórico de concordância pode ser também reflexo de como ela vê o próprio falar local. Nas partes em negrito acima, a informante caracteriza o modo de falar cuiabano como “trapalhado”, “rastado” e “ininteligível”. Outra relação que ela faz é quando diz que tem uma irmã meio deficiente, meio surda e que não fala direito e tem outra irmã que é meio louca. Essa relação parece estar ligada à linguagem das irmãs também, fazendo uma transferência dos aspectos sociais para a fala cuiabana.

²⁹ O símbolo da transcrição (xxx) significa omissão da identidade da informante.

➤ **ANA/79/iletrada/rural (0,69 de concordância plena)**

Suas respostas são muito curtas e a entrevista é pequena. Um fenômeno morfossintático como a concordância de gênero é, muitas vezes, difícil de coletar, e dificulta mais ainda quando o informante tem respostas curtas. Teoricamente, todos os fatores sociais (ser idosa, analfabeta e pertencente à zona rural) deveriam ter um efeito desfavorecedor da concordância de gênero, mas o que faz essa informante realizar a concordância plena é o fato de ela ter uma visão de mundo mais crítica. Percebe-se que ela tem traços cuiabanos típicos no nível fonológico. A seguir transcrevo um exemplo de como ela relaciona o “pau rodado” à violência.

P_ Mas ai fora isso, a vida aqui então como é que é, é uma vida tranquila:³⁰

E_ É:: aqui é tranquila.

P_ Aqui não dá problema de violência não?

E_ Quer dizer, hodje djá não está maS tranquila como era né, porque hodje djá vem de fora, a pessoa a dgente num pode detchar mai nada pra fora, antigamente durmia até cum djanela aberta, ninguém mixia, num tinha nada, hodje djá num pode porque (inint) a dgente está deitada a gente eScuta pé de dgente que está andando por detrásS assim.

P_ É mesmo?

E_ É sim, pessoaS eStranha, não daqui do lugar, daqui do lugar se fosse tudo aqui do lugar era uma coisa muito boa ma oS de fora que vem né.

(Grifos meus)

➤ **Joa/25 anos/15 anos de escolarização/urbano (0,50 de concordância plena)**

Sempre foi criado em Cuiabá e não costuma viajar. Fez o curso de letras e sua monografia final foi sobre o léxico de Cuiabá. Acha que a perda dos traços linguísticos de Cuiabá pode ser atribuída ao meio ambiente, à questão da migração e à escolaridade. Apesar de ele ter nível superior, acha que seu sotaque é mais forte do que o da família, inclusive do pai e irmãos que também têm nível de escolaridade alto e são usuários do dialeto cuiabano. Além disso, a avó também conserva vários traços do dialeto, inclusive a vestimenta, os hábitos e os tipos de comida. Um fato importante é a total identidade que ele tem com o seu falar local, pois acha bonito e chique o dialeto cuiabano e não tem vergonha do seu sotaque. O índice da concordância de gênero nesse informante é neutro (0,50), já que aqui se vê o processo inverso da maioria dos falantes que se distanciam de seu falar local por se identificarem mais com os que vem de fora e, conseqüentemente, com o dialeto de maior prestígio. Esta é, de fato, a questão principal da influência externa na comunidade de Cuiabá.

³⁰ O símbolo da transcrição :: significa alongamento da vogal final.

O informante afirma que costuma adequar sua linguagem e não é usuário do “tche e dje” porque sua família nunca usou e nem era comum em seu ambiente. Acha que essa variação é própria de pessoas que moram na beira do rio. De fato, este é o informante de comportamento mais inesperado, por conta da alta escolarização, da faixa etária jovem e por ser pertencente à zona urbana. Mesmo com esses fatores sociais, não há o favorecimento da concordância de gênero. A seguir, um trecho da entrevista:

P_ Você tem irmãos?

E_ Tenho irmãs...e::

P_ E elas falam? (se referindo ao falar cuiabano)

E_ Também não, e aS duas fazem curso superior também, talvez o grau de escolaridade interfira professora. Eu já percebi, por exemplo, que **meus alunoS quando entram no primeiro ano eleS estão com sotaque maiS carregado e saem com menoS, também, e:: acho que é influência mesmo, o nortão matogrossense é só de suliSta**, por exemplo. [...]

E_ Não, não, é até professora, no primeiro dia de aula, quando eu dou aula, **eu falo pros meus alunos pra nunca perderem essa marca cultural nossa, porque a coisa maiS rica que nós temoS é a nossa fala. Eu acho chiquérrimo professora**, quando alguém fala “vôte”, porque eu ainda não vi nenhum lugar nesse país ninguém falando “vôte” senão o cuiabano, e o povo da baixada, eu acho chique, lógico que em determinados contextos nós não podemos utilizar esse “vôte”, ele é bem, bem coloquial, mas é super coloquial e regional, mas é super bonito, você quer ver eScuta também, a senhora já eScutou essa eSpressão, “quer ver eScuta”? É como assim [...]

P_ Você acha que é escolarização mesmo?

E_ Eu acho que sim, acho que a eScola ela anda tolhendo muito essa essa fala nossa, eu acredito, **minha família toda é cuiabano, né, o meu sotaque acho que é o mais carregado que tem lá de casa, acho que até maS que de mamãe, e eu já tenho curso superior**. Você perguntou pra mim entre oS doS, papai e mamãe, né, minhas irmãs elaS também elaS falam, são pequenaS marcaS professora, né, infeliSmente acho que está perdendo isso [...]

P_ E na sua família assim pessoas mais idosas, avó...

E_ Ah, um sotaque assim eStremamente cuiabano, minha vó então, olha, cuiabaníssima, até o jeito de veStir, sabe, eStremamente cuiabano.

P_ E:: você tem é:: com relação a você, você acha que quando você era mais jovem, menor assim, vamos dizer assim pelos seus 7, 8 anos, no início da sua adolescência, você falava mais, você acha que você perdeu à medida que você foi subindo na sua escolarização, você percebe...

E_ Professora, **eu acho que hoje eStou adequando, eu tento adequar mais a minha linguagem, mas eu tenho que melhorar muito mas::** mas não, maS, cuiabano fala maS, eu acho assim que eu não perdi não.

(Grifos meus)

5.3.6 Grau de letramento³¹

O surgimento dessa variável se deve principalmente aos efeitos relativamente contraditórios da escolaridade e da identificação de cada informante já vistos anteriormente. Logo, esta variável é uma reanálise da escolaridade com base em outros fatores sociais como o continuum urbano e aspectos qualitativos dos informantes.

A transição de uma forma linguística a outra pode ser melhor analisada através de indivíduos prototípicos e de comportamento linguístico próximo, o que é praticamente impossível ocorrer com toda a comunidade. Com um *corpus* muito pequeno, as diferenças individuais fatalmente sobressairão e haverá dificuldade de ver os mecanismos mais sutis da mudança linguística. Por isso, a importância de estudarmos também o idioleto, por ser o indivíduo muitas vezes mais representativo de uma mudança linguística.

Logo, a partir do idioleto, explicamos essa nova variável recorrendo a uma literatura específica da área do letramento, que muito nos ajudou nessa empreitada tão maravilhosa. Com isso, começamos esse capítulo com um histórico de como o letramento é entendido e visto diacrônica e sincronicamente para depois mostrarmos nossos resultados e o que estamos entendendo por grau de letramento.

Soares (2003) faz uma retrospectiva de como o letramento é visto no mundo. Nos países desenvolvidos, a preocupação surge depois de pesquisas mostrando que jovens graduados não dominavam as habilidades e competências de leitura e escrita necessárias para as práticas sociais letradas. Já nos países em desenvolvimento, a preocupação com o letramento surgia através das dificuldades no processo de alfabetização e de aprendizagem inicial da escrita. No Brasil, o conceito de alfabetização funcional já é um exemplo dessa interação entre letramento e alfabetização como aquisição da escrita, pois o indivíduo deve saber ler, escrever e fazer o uso dessas mesmas habilidades em outras práticas sociais. Se ele só sabe escrever e ler seu próprio nome, é considerado analfabeto funcional. Segundo Soares (2003, p. 5-6) houve:

...a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever

³¹ Agradeço a professora Rachel do Valle Dettoni pela ideia de constituir essa variável, a partir dos dados qualitativos que dispúnhamos nas entrevistas e através do seu conhecimento profundo acerca dos informantes deste *corpus*, o que nos possibilitou entender completamente os resultados sociais da pesquisa.

resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do *letramento* no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado *alfabetização*, *alphabétisation*.

Nem o *letramento* nem a *alfabetização* são processos independentes ou precedentes um em relação ao outro. Por isso, a importância de se distinguir bem os dois conceitos e de entender bem a relação direta de um com o outro. Ainda segundo Soares (2003, p. 14):

Dissociar *alfabetização* e *letramento* é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a *alfabetização* desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de *letramento*, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da *alfabetização*.

Para a distinção dos dois processos, Soares (2003, p. 15) afirma que:

se denomina *letramento*, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito – e o que é propriamente a *alfabetização*, de que também são muitas as facetas – consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema–grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita.

A escolaridade da pessoa nem sempre é fator preponderante para o seu desempenho linguístico. A escola não necessariamente possibilita ao aluno agir em situações

novas de letramento, já que não é só a escolaridade que propicia formas de envolvimento sócio-cultural.

O problema é que muitas vezes a escola fica só na teoria e não avança na prática. O fato de todo analfabeto ser letrado de alguma forma prova que a escola não detém sozinha ou de forma exclusiva o poder do letramento, nem é a única instituição ou o único meio de se chegar a uma participação ativa nas práticas sociais letradas. Kleiman (2007, p. 4) afirma que:

A participação em determinada prática social é possível quando o indivíduo sabe como agir discursivamente numa situação comunicativa, ou seja, quando sabe qual gênero do discurso usar. Por isso, é natural que essas representações ou modelos que viabilizam a comunicação na prática social – os gêneros – sejam unidades importantes no planejamento.

Para a explicação do desempenho individual de cada informante (idioleto), recorro a uma fala novamente de Kleiman (2007, p. 15) que diz que “A concepção da escrita, dos estudos de letramento pressupõe que as pessoas e os grupos sociais são heterogêneos e que as diversas atividades entre as pessoas acontecem de modos muito variados.”

É justamente essa diversidade de práticas e de atividades sociais que se dão de modos muito variados que nos despertou para a necessidade de criar e incorporar, em nossa análise dos fatores sociais, a variável letramento, de modo a permitir um novo rearranjo social a partir das características socioculturais de cada informante, levando-se em consideração as diferentes práticas sociais vividas por eles como: amplo acesso à mídia, experiência de vida, ter saído de Cuiabá e viajado para outros lugares, trabalhar fora de casa, ter mobilidade social, participação em práticas religiosas que envolvem contato com textos escritos, grau de instrução ou escolaridade, índice socioeconômico, índice sociocultural, ocupação, ser pertencente ou não à zona urbana, etc. Todos esses aspectos são vistos e analisados em conjunto na variável grau de letramento, e não apenas em fatores isolados como os anos de escolaridade. Entendemos que são justamente as oportunidades de aprendizagem dentro dessas práticas sociais que fazem parte dos eventos de letramento e vice-versa. Assim sendo, configuramos a variável grau letramento em 4 fatores:

- [+ escolaridade + letramento]: pessoas de alto grau de instrução (nível superior ou médio) e que também possuem um grau de letramento compatível com a escolaridade. Informantes: LAE, JOA, SIM.
- [+/- escolaridade + letramento]: pessoas com algum grau de instrução (2 a 8 anos de escolaridade), mas com alto grau de letramento, incompatível muitas vezes com seus poucos anos de estudo. Informantes: MJO, MIS, IRA, DON, MAP, MBA, VAL, REG, FER, EDE.
- [- escolaridade +/- letramento]: pessoas sem nenhuma escolaridade, mas com algum grau de letramento. Informantes: FRA, CAT, ANA.
- [- escolaridade - letramento]: pessoas sem nenhum grau de escolaridade ou com poucos anos de estudo (4 anos), mas praticamente ausente das práticas sociais de letramento. Informantes: CLI, ELO, JUS, MIG, EUS³²

Na Tabela 22, encontram-se os pesos relativos dos fatores sociais referentes ao grau de letramento com todos os falantes, inclusive com os de efeito categórico.

Tabela 22: Efeito do grau de letramento sobre a concordância de gênero

GRAU DE LETRAMENTO	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
[+ escolaridade + letramento]	290/297	97.6	0,55
[+/- escolaridade + letramento]	1511/1611	93.8	0,52
[- escolaridade +/-letramento]	437/453	96.5	0,59
[-escolaridade - letramento]	517/567	91.2	0,32
TOTAL	2755/2928	94.1	

Os resultados revelam que o traço [- escolaridade] sozinho não é suficiente para indicar o desfavorecimento da concordância de gênero. A associação entre o traço [- escolaridade] e o traço [-letramento] é que é decisiva nesse desfavorecimento (0,32). Há uma ruptura brusca de favorecimento entre o traço [+letrado] ou [+letrado] e desfavorecimento do traço [- letrado], reafirmando que a diferença no comportamento linguístico da concordância

³² Para um melhor entendimento do idioleto, é interessante comparar os pesos relativos individuais e as atitudes sociolinguísticas vistas na seção anterior.

não é somente de responsabilidade da escolaridade em si, mas dos múltiplos graus de letramento que o indivíduo possui. Prova de que a escolaridade influencia pouco é que o traço [-escolaridade +- letramento] é o mais favorecedor da concordância de gênero com 0,59, apesar da pouca ou nenhuma escolaridade.

A diferença entre o letramento e escolaridade pode ser resumida nesse *continuum* de aprendizagem. Para Marcuschi (*apud* SANTOS, 2004, p. 120), letramento “é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, ‘letramentos’ [...] Distribui-se em graus de domínios que vão de um patamar mínimo a um máximo” e escolaridade é “uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, sendo que a alfabetização é apenas uma das atribuições/atividades da escola.”

Em suma, sobre os graus de letramento, Santos (2004, p. 120-121) faz uma reflexão interessante e que pode embasar teoricamente esse capítulo.

Nessa perspectiva, não são considerados apenas os sujeitos alfabetizados, com maior ou menor grau de escolarização, mas também todos aqueles afetados direta ou indiretamente pelo uso que se faz da escrita em seu meio sociocultural, inclusive os analfabetos, o que não justificaria a existência, nas sociedades modernas, de indivíduos com grau zero de letramento. Um sujeito que vive numa comunidade letrada, mesmo não sendo efetivamente alfabetizado, de alguma forma faz uso da contribuição, positiva ou negativa (GNERRE, 1998), que a escrita impõe em seu meio social. Daí que se admite a existência, sim, de graus de letramento. Como a escola é considerada uma das maiores agências de letramento, quanto maior for a escolarização do indivíduo, maior também poderá ser considerado seu grau de letramento. Todavia, o que vai ratificar seu elevado grau de letramento será sua capacidade de usar os conhecimentos que envolvam a escrita de modo a facilitar sua vida na sociedade, de usufruir dos benefícios que os resultados da escrita derrama em seu meio social.

O dia a dia das sociedades letradas mostra continuamente eventos e práticas de letramento vividos por indivíduos não alfabetizados: quando estes sabem discernir o ônibus apropriado para sua rota, quando manipulam sem dificuldade a moeda corrente, quando, durante a escuta de um texto escrito, interagem com o discurso letrado – a criança que escuta histórias (lidas), por exemplo. Há testemunhos favoráveis de cidadãos letrados e observadores acerca da linguagem de analfabetos que vivem expostos a textos bíblicos. Segundo eles, muitos destes conseguem articular uma linguagem salpicada de termos e construções cultas, decorrente da constante interação com os sermões escritos na língua culta.

Um caso nítido desses graus de letramento, através também do contato com a escrita, pode ser exemplificado por meio de uma pequena análise qualitativa de uma informante de baixa escolaridade, mas de comportamento linguístico e social bastante diferenciado, comprovando que a escolarização avançada não pressupõe letramento e vice-versa.

A informante “A” não foi analisada nessa pesquisa, mas reproduzimos posteriormente trechos de sua entrevista só para exemplificar, de forma qualitativa, os diferentes graus de letramento presentes em alguns informantes, fora os que já analisamos na identificação dos informantes. “A” mora em Cuiabá, mas nasceu em Várzea Grande, localidade urbana, tem 81 anos e parou de estudar na 4ª série. É telefonista aposentada da época do telefone público, de classe social baixa e dirigente de uma casa espírita. Um fato determinante de seu letramento é que ela tinha contato constante com a leitura, lia muitos romances espíritas e convivia com pessoas de alta escolaridade no centro espírita, apesar de nunca ter saído de Mato Grosso. Assim sendo, abaixo há um trecho em que a informante conta como é sua relação com a leitura.

P_ Mas você não acha que as suas leituras influenciaram você a falar bem?

E_ Influenciaram sim, porque a gente tinha que falar como estava ali. Muitos conhecimentos, por exemplo, tal obra é de origem francesa, americano, inglês, ou japonês, e segundo a origem a gente fica conhecendo os costumes dessas pessoas. **Então tem muitas pessoas que ficam, “como você sabe?”, “porque eu leio”.** Então a gente conhecia, mas isso é originário da parte assim assim, e quando começava a conversar e falar eles ficavam admirados. **“Como é que sabia isso? Você já foi lá?”, “eu não, mas eu leio”. Então influencia muito. [...]**

P_ Mas fora de Mato Grosso você nunca foi?

E_ Não. Uma vez eu estive pra ir no Rio, mas nunca tive vontade de conhecer, aí alguém uma vez me perguntou, “você já esteve no Rio?”, “não”, “eu ouvi você falar do Rio, parece que você estava lá”. Ué, mas nesse tempo já tinha rádio né? **Eu escuto rádio, eu leio, meu pai gostava de ler jornais, eu também lia, então a gente fica com aqueles conhecimentos.** E falar sobre muita coisa assim, assim, da igreja. Fulano tinha uma igreja assim assim, igualzinho à Notre Dame de Paris, alguém me falou, eu vi na revista, to sabendo mais ou menos como é que é. (Grifos meus)

Como o grau de letramento foi constituído, às vezes, com base no continuum urbano dos informantes, e esta variável não foi selecionada pelo Varbrul, decidimos constatar sua real influência sobre o letramento. Assim sendo, os dados foram submetidos a um cruzamento e os resultados se encontram na Tabela 23.

Tabela 23: Efeito do cruzamento das variáveis grau de letramento e *continuum* rurbano sobre a concordância de gênero

<i>CONTINUUM</i> <i>RURBANO</i>	GRAU DE LETRAMENTO				TOTAL GERAL
	[+Escolaridade + Letramento]	[+-Escolaridade + Letramento]	[-Escolaridade +- Letramento]	[-Escolaridade -Letramento]	
Urbano	63/67 = 94%	1123/1185 = 95%	0/0=0%	0/0=0%	1185/ 1251 = 95%
+Urbano	0/0=0%	364/402 = 91%	228/232 = 98%	50/50 = 100%	642/684 = 94%
Rural	227/230 = 99%	24/24 = 100%	209/221 = 95%	467/517 = 90%	927/992 = 93%
TOTAL	290/297 = 98%	1511/1611 = 94%	437/453 = 96%	517/567 = 91%	2755/2928 = 94%

O cruzamento das duas variáveis nos mostra pouca interferência entre as duas, já que as localidades rurais ou não urbanas se concentram nos traços de [+escolaridade +letramento] com 99% e nos traços de [+escolaridade + letramento] com 100% dos casos, acima da média, respectivamente, 98% e 94%. O continuum neutro [+ urbano] também reflete um resultado inversamente proporcional à escolaridade e letramento, ou seja, quanto menor a escolaridade e o letramento, maior o número de dados associados a esse contínuo (98% e 100%, nos dois últimos tipos de letramento). O outro pólo do *continuum*, o urbano, reflete um resultado diferente, já que não há dados com os traços [-escolaridade+letramento] e [-escolaridade -letramento], mas também suas frequências de 94% e 95% nos traços [+escolaridade +letramento] e [+escolaridade +letramento] não são maiores ou tão maiores que a média de 98% e 94%, respectivamente.

Diante dos resultados obtidos nesta seção, pode-se inferir que o grau de letramento constitui um continuum enquanto a alfabetização ou escolarização é um ponto estático de uma aprendizagem. É a realidade e a vivência dos indivíduos, bem como sua participação efetiva em práticas sociais variadas, que determinará o nível de letramento que apresentam e os bens culturais a que têm acesso, independentemente apenas do seu grau de escolaridade ou da sua localidade de origem. A faixa etária mais jovem também favorece a concordância de gênero, sendo a grande responsável pela mudança linguística.

Sobre as variáveis linguísticas significativas deste capítulo, confirmamos, no geral, a hipótese da posição através da configuração sintagmática: a posição à esquerda do nome favorece a concordância de gênero, principalmente quando ocupam essa posição os artigos, adjetivos, possessivos e numerais; a posição à direita do nome desfavorece a concordância de gênero, como possessivos e adjetivos; quantificadores e predicativos também desfavorecem a concordância. A hipótese da natureza morfológica também foi confirmada com o favorecimento da concordância de gênero nos nomes variáveis.

6. SOBRE O ENCAIXAMENTO LINGUÍSTICO DA AUSÊNCIA DA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO

Neste capítulo, tratarei de mostrar os dados da não concordância de gênero no português europeu e nos dados de observação participante do português brasileiro para ilustrar que esse fenômeno vai muito além dos dados do falar cuiabano.

6.1 Ausência da concordância de gênero em dados escritos do português europeu

É importante frisar desde já que este capítulo é formado por análises não ortodoxas do ponto de vista do programa Goldvarb-X, que analisa a variação linguística entre duas ou mais variantes com igual valor de verdade. Neste caso, temos apenas dados da não concordância de gênero no português europeu e no português brasileiro e o foco principal é a variação de gênero no sintagma predicativo na ordem canônica ou invertido e a sua comparação com a presença ou a ausência da concordância de número.

Conforme levantamento feito por Dettoni (2003, p. 51-60), pode-se resumir que a grande maioria dos trabalhos de dialetologia europeia apenas registra variação na fixação do gênero gramatical no interior do léxico, sem qualquer influência morfossintática.

Ainda que a variação de gênero no SN não seja tão produtiva no português brasileiro, há uma variação no predicativo que é mais generalizada, porque ocorre no interior de toda uma comunidade e é bastante sistemática, condicionada por fatores linguísticos e sociais, além da relação morfossintática existente.

Segundo Dettoni (2003, p. 57), de 9 trabalhos examinados, somente em Monte Gordo, uma vila de pescadores localizada no extremo sul de Portugal, Ratinho registra casos como: *A cedrêra é bom pr'a chás*. Esse padrão de não concordância à direita em sintagmas predicativos também ocorre nos dados de Cuiabá e nos dados de observação participante que coletei (cf. Anexo 3).

Lima (2007), que também estudou concordância de gênero no falar cuiabano, lista vários exemplos da não concordância de gênero que coletou em Portugal. No final da dissertação, reproduzo essa lista (cf. Anexo 2) para documentar que essa variação pode ter

tido origens no português europeu, sendo conservada a tal ponto de ainda ter resquícios portugueses na nossa língua atual.

Com o objetivo de termos uma noção geral dos dados de Lima³³ (2007), decidimos quantificá-los no Goldvarb-X com as variáveis dependentes:

(i) Ausência da concordância de gênero nos predicativos à direita.

Ex: **A cabeça do dedo** fica muito **grosso**. (INQ. Boléo, 1942)

(ii) Ausência da concordância de gênero nos predicativos à esquerda.

Ex: É muito **bonito essa flor** (INQ. Boléo, 1942)

(iii) Ausência da concordância de gênero nos casos de sintagmas nominais.

Ex 1: Na varanda de Pilatos, **uma coluna atado**. (INQ. Boléo, 1942)

Ex 2: A gente nobre espiava, a fome com **dor estranho**... (Auto das Padeiras, 1638, 6)

As variáveis independentes controladas foram apenas duas: presença ou ausência da concordância de número e data de publicação. Depois dos exemplos, segue a Tabela 24 com a frequência relativa dessa variável.

(i) Presença da concordância de número no singular

Ex: **A minha cozinha que está dividido**... (INQ. Boléo, 1942)

(ii) Presença da concordância de número no plural

Ex: **Essas folhinhas são apanhados para o Natal** (INQ. Boléo, 1942)

(iii) Ausência da concordância de número

Ex: Vinte e hũ **chapas todo dourado**. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 7)

³³ Agradeço ao professor Lima, da Unemat, por ter autorizado a reprodução e quantificação dos seus dados em nossa pesquisa.

Tabela 24: Efeito da concordância de número nos dados do português europeu sobre a ausência da concordância de gênero

CONCORDÂNCIA DE NÚMERO	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à direita	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à esquerda	Ausência de concordância de gênero nos sintagmas nominais	TOTAL
Presença da concordância de número no singular	9/63 = 14.3%	3/63 = 4.8%	51/63 = 81%	63/81 = 77.8%
Presença da concordância de número no plural	1/8 = 12.5 %	0/8 = 0%	7/8 = 87.5%	8/81 = 9.9%
Ausência da concordância de número	3/10 = 30%	0/10 = 0%	7/10 = 70%	10/81 = 12.3%
TOTAL	13/81 = 16%	3/81 = 3.7%	65/81 = 80.2%	

No português europeu, também encontramos os mesmos padrões linguísticos do português brasileiro com relação ao paralelismo das duas concordâncias nos predicativos canônicos. Nesses dados, percebemos que a ausência da concordância de número nos predicativos de ordem canônica (30%) está acima da média (16%), o que nos mostra a correlação da ausência de concordância de gênero e de número nos predicativos à direita. Nos predicativos invertidos, essa correlação já não é tão clara, pela falta de dados dos outros fatores e porque a presença da concordância de número no singular (4.8%) é um pouco maior do que a média global (3.7%) com base nos dados de não concordância de gênero. A distinção entre a presença da concordância no plural ou singular não se mostra relevante na distribuição dos dados. Nos sintagmas nominais, também não há relação com a concordância de número, uma vez que a ausência da mesma (70%) está abaixo da média (80%).

Nessa amostra, apenas 16 dados são de predicativo e 65 dados de SN. Logo, o ideal seria uma análise também da configuração sintagmática desses SNs, já que são a grande maioria dos dados.

Os sintagmas nominais aqui coletados estão no feminino e masculino. Há muitos exemplos de sintagmas femininos com modificadores no masculino (*outro terra/ aquele buraca/ uns cabecitas/ esse trempe/ um coisa/ os função/ o fome/ o raiz/ o ponte/ o acidez/ o gripe / o oração/ dum nascente/ aqueles creançolas/ dor estranha/ lâpada todo de*

cobre) e alguns sintagmas masculinos com modificadores no feminino (*a fantasma/ a sistema/ huma premio decuádo/ muita tomate*).

Para efeitos de um controle maior da amostra, reproduzimos a frequência relativa também da data de publicação das obras que contêm os exemplos de não concordância de gênero. Veja a Tabela 25:

Tabela 25: Efeito da data de publicação dos dados do português europeu sobre a ausência da concordância de gênero

DATA DE PUBLICAÇÃO	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à direita	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à esquerda	Ausência de concordância nos sintagmas nominais	TOTAL
1900	13/65 = 20%	3/65 = 4.6%	49/65 = 75.4%	65/80=81.2%
1700	0/9 = 0%	0/9 = 0%	9/9 = 100%	9/80=11.2%
1600	0/5 = 0%	0/5 = 0%	5/5 = 100%	5/80=6.2%
1500	0/1 = 0%	0/1 = 0%	1/1 = 100%	1/80=1.2%
TOTAL³⁴	13/80=16.2%	3/80= 3.8%	64/80=80%	

A respeito da data de publicação, há uma grande concentração de dados dos anos 1900 e por isso várias casas encontram-se sem dados, o que torna difícil uma comparação mais histórica ao longo dos séculos. O que se percebe é que há uma gradação de exemplos desde os anos 1500 até 1900, havendo um aumento significativo de dados da variação de gênero em Portugal no século XX. A explicação para esse fato também pode ser a dificuldade de encontrar textos escritos mais antigos.

³⁴ No total, há 81 dados na tabela do paralelismo da concordância de número e 80 dados na tabela da data de publicação por não haver a referência do ano de publicação de um dado.

6.2 Ausência da concordância de gênero em dados do português brasileiro

No anexo 3, no final da dissertação, estão relatados alguns exemplos que coletei durante o tempo em que estava fazendo a pesquisa. Assim que comecei a estudar esse fenômeno, ficava impressionada com a quantidade de dados que passei a observar. Treinei o ouvido de uma forma que tive de desviar minha atenção depois de um tempo, porque a todo o momento lá estava eu com uma folha e um lápis anotando o que as pessoas diziam, o que eu ouvia na televisão, o que eu lia, etc. Para completar, essa síndrome da observação contagiou vários amigos linguistas e até meu marido, que volta e meia me dava exemplos interessantes.³⁵

Sobre a observação participante, Labov (2008) também cita as observações assistemáticas como uma boa estratégia para corrigir possíveis enviesamentos das entrevistas. No nosso caso, o intuito foi obter uma noção da realidade geral do português brasileiro, e não somente do falar cuiabano. Para Labov (2008, p. 246):

A observação assistemática e espontânea da fala em vários pontos estratégicos pode nos revelar muito do nosso êxito a esse respeito. Podemos gravar muitos traços constantes e variáveis em grandes amostras de população em locais públicos como trens, ônibus, balcões de lanchonetes, bilheterias, zoológicos – onde quer que muitos membros da comunidade de fala estejam reunidos, de modo que sua fala seja naturalmente e facilmente ouvida pelos outros.

Em Labov (2008, p. 246), há também referências sobre os meios de comunicação, uma vez que é possível coletar dados sistemáticos no rádio e na televisão, levando em conta o alto grau de monitoração e os condicionamentos estilísticos.

Seguindo esse raciocínio, em uma palestra que proferi na Faculdade Michelângelo em 2008, fui questionada se a ausência da concordância de gênero só ocorria em situação de fala extremamente informal. Como eu já tinha muitos dados da mídia, pude esclarecer que esse fenômeno, concordância de gênero nos predicativos, pelo menos, é muito mais generalizado do que se possa imaginar. Independentemente do grau de monitoração e do

³⁵ Aproveito a oportunidade para agradecer a quantidade e a qualidade dos exemplos de escrita formal coletados por minha amiga Patrícia Tavares, professora e servidora do MEC (Ministério da Educação).

estilo, a ausência da concordância no predicativo é recorrente e bastante produtiva na nossa língua, tanto escrita quanto falada. Por isso, a minha hipótese é de que dificilmente a mudança linguística rumo à concordância plena avançaria rapidamente até os predicativos, principalmente, os de ordem invertida. Nesses casos de predicativo, a mudança linguística seria exatamente em direção a não concordância de gênero, com o input de 0,74, quando rodados no programa separadamente dos SNs. Já nos sintagmas nominais, a mudança linguística é no sentido oposto, ou seja, na direcionalidade da concordância de gênero, tendo em vista que é mais esporádica e não tão comum no português brasileiro como um todo, com um input de 0,99.

Sobre a coleta desses dados, é importante esclarecer novamente que se trata de dados exclusivamente de não concordância de gênero e, por isso, não temos uma frequência da variante não concordância, já que não há a variante oposta. Logo, codificamos a variável dependente em três variantes específicas, para levantar hipótese sobre os ambientes mais evidentes da ausência da concordância:

i. Ausência de concordância nos predicativos à direita

Ex: **A cor** do cabelo dela é **horroroso**. (fala informal de uma doutoranda)

ii. Ausência de concordância nos predicativos à esquerda

Ex: Durante as investigações, **foi constatado também a violência** contra o enteado. (escrita formal do correio web, 19/06/09)

iii. Ausência de concordância nos demais casos

Ex 1: O corpo docente apresenta **formação adequado** para ministrar as disciplinas previstas para o primeiro e segundo anos. (escrita formal de mestre ou doutor)

Ex 2: Sabemos que **ela** precisa de nossa ajuda sendo **ela** no mesmo momento grandiosa e **cheio de riqueza** [um aluno com ensino médio escrevendo sobre a floresta amazônica].

Para as variáveis independentes, apenas controlamos dois grupos de fatores: tipo da fonte e presença ou ausência da concordância de número. Os exemplos de cada uma se encontram a seguir:

Tipo da fonte:

- Fala informal de alunos do nível médio e não escolarizados
Ex: **Essa** daqui já tá **bom**.
- Fala informal de alunos do nível superior
Ex: Foi muito **engraçado a apresentação delas**.
- Escrita informal (por e-mail)
Ex: Será que é muito **caro estas consultas**? Se for, complica.
- Fala formal
Ex: Achamos bastante **confuso a organização**.
- Fala formal da mídia (televisão)
Ex: **A alternativa** da laqueadura já foi **testado**... (jornalista do SBT, olha você, 06/02/09)
- Escrita formal de mestres e doutores
Ex: **Está previsto a contratação** de docentes em regime de tempo parcial e integral.
- Escrita formal de redações de alunos do ensino médio
Ex: **A situação** do desmatamento está ficando **precário**.
- Outras escritas formais (mídia eletrônica, alunos de graduação, teses)
Ex: **A maneira de falar** da minha entrevistada é bem **característico**.
- Leitura de texto
Ex: **Tais construções** com anteposição do rema (focalização) **estão ligados**... (o texto estava escrito com a concordância de gênero e a aluna leu sem a mesma).

Concordância de número:

- Presença da concordância de número no singular com a ausência da concordância de gênero.

Ex: Foi bem **cansativo essa maratona**.

- Presença da concordância de número no plural com a ausência da concordância de gênero.

Ex: Além das procurações e dos formulários já preenchidos, **serão necessários cópias** de: RG, CPF e documento de vínculo trabalhista.

- Ausência da concordância de número juntamente com a ausência da concordância de gênero.

Ex: Realizou a avaliação do curso de graduação em Biomedicina, na modalidade presencial com carga horária de 3720 horas, **incluído 800 horas** de Estágio Supervisionado.

Para rodar os pesos relativos, juntamos algumas fontes parecidas por conta da semelhança dos resultados e devido aos poucos dados também. Assim sendo, como fala informal amalgamamos a fala informal das pessoas sem escolarização, nível médio, nível superior e um dado de escrita informal (e-mail), já que este último fator é quase a reprodução fiel da fala. No grupo da fala formal, ficaram os seguintes fatores: fala formal e leitura de texto, já que os dados deste último fator são de discursos preparados por escrito para a apresentação oral. E, por fim, juntamos outras escritas formais (mídia eletrônica, alunos de graduação e tese) e a escrita formal de mestres e doutores.

Mesmo com a junção desses fatores, o programa Goldvarb-X selecionou como estatisticamente significativo apenas o grupo da presença ou ausência da concordância de número. Assim sendo, detalharemos primeiro a frequência do tipo de fonte e depois a frequência e os pesos relativos da variável concordância de número na Tabela 26:

Tabela 26: Efeito do tipo de fonte nos dados do português brasileiro sobre a ausência da concordância de gênero

TIPO DA FONTE	Ausência de concordância nos predicativos à direita	Ausência de concordância nos predicativos à esquerda	Ausência de concordância nos casos de sintagmas nominais	TOTAL
Fala informal	8/17= 47.1%	3/17 = 17.6%	6/17= 35.3%	17/199= 8.5%
Fala formal	5/21= 23.8%	10/21= 47.6%	6/21= 28.6%	21/199= 10.6%
Escrita formal de alunos do nível Médio	24/85= 28.2%	48/85= 56.5%	13/85= 15.3%	85/199= 42.7%
Escrita formal de mestres e Doutores	8/44= 18.2%	26/44= 59.1%	10/44= 22.7%	44/199= 22.1%
Mídia falada	10/32= 31.2%	17/32= 53.1%	5/32= 15.6%	32/199= 16.1%
TOTAL	55/199= 27.6%	104/199= 52.3%	40/199= 20.1%	

Com base nos resultados acima, as fontes das quais tiramos mais exemplos de dados de não concordância nos predicativos de ordem canônica foram a fala informal (47.1%) e a mídia falada (31.2%), estando acima da média global dessa variante (27.6%).

No caso da ausência de concordância nos predicativos deslocados, temos maior número de casos nas fontes: escrita formal de mestres e doutores (59.1%), escrita formal de alunos do nível médio (56.5%), e mídia falada (53.1%), estando acima da média global de 52.3% para essa variante.

Logo, há uma diferença clara do estilo informal para todos os demais estilos formais. O percentual da fala informal (47.1%) para os predicativos de ordem canônica é maior que os demais estilos, apesar do valor da mídia também ser acima da média. Já o percentual dos predicativos de ordem invertida é maior nos demais estilos em contraposição à fala informal (17.6%), ainda que a fala formal (47.6%) tenha um valor um pouco abaixo da média de 52.3%. Isso nos leva a interpretar que construções com sujeito posposto são vistas como mais formais, apesar de estarem sem concordância quando a regra gramatical prevê a presença dela.

Sobre os outros sintagmas (terceira variante), há grande concentração de dados nas falas informal (35.3) e formal (28.6%) e escrita formal de mestres e doutores (22.7%),

também acima da média de 20.1%. A escrita formal de alunos do ensino médio e a mídia falada têm poucos dados de sintagmas nominais variáveis.

Depois desses resultados, há que se levar em conta que as construções predicativas com ausência de concordância de gênero são produtivas em qualquer estilo da língua, apesar de haver certo *continuum* estilístico ainda não muito bem definido nessa amostra por não termos exemplos da presença da concordância de gênero em contrapartida com esses dados. No entanto, é importante frisar que esses exemplos perpassam boa parte dos níveis discursivos da língua aqui elucidados e estão em grande quantidade no nosso dia-a-dia.

Vale ressaltar novamente que esta não é uma análise ortodoxa e o Varbrul não é o programa mais apropriado para este tipo de mensuração. Logo, a análise nos serviu apenas para uma sistematização maior dos dados qualitativos que coletamos, através do suporte quantitativo. Obviamente que o ideal seria levantar dados das duas variantes (concordância de gênero e ausência da concordância de gênero), mas o nosso objetivo é mostrar, principalmente, como os predicativos estão mais encaixados no sistema da língua através de outros contextos de fala e escrita.

A maioria dos exemplos é de predicativo na ordem invertida (104 dados), como em *Tá sendo **construído uma escola*** (repórter do Balanço Geral, jornal local da rede Record) e depois vêm os predicativos na ordem canônica (55 dados), como em *A **situação de Eloá é bem mais complicado*** (repórter do Jornal Nacional da rede Globo).

Além disso, também temos alguns exemplos de sintagma nominal, apesar de estas estruturas serem mais típicas da fala de Cuiabá. Ex: *São **dois grandes equipes de futebol*** (fala formal de narrador de futebol da Globo); *Minha mãe comete **os garfe*** (fala informal de uma menina com ensino médio); *Frango a **passarinha*** (fala informal de um garçom); ***minha pen drive*** (fala informal de uma doutora); *Faz mais sentido falar **desses características*** (fala formal de um doutorando); *do **anáfora*** (fala formal de uma doutora); ***alguns disciplinas*** (escrita formal de mestre ou doutor); e vários exemplos retirados da redação de alunos com ensino médio: ***um ótima alternativa; um rico floresta; todos essas mudanças; o maior riqueza; um preciosidade brasileira***, etc.

Como são dados de variedades prestigiadas, na maioria dos casos, possivelmente acharíamos que se trata de mistura, confusão, erro de digitação ou truncamento do discurso. Eu, particularmente, prefiro dizer que se trata de uma pequena variação de gênero em algumas palavras do português brasileiro, principalmente seguidas de outros elementos como advérbios, adjetivos e demonstrativos. Inclusive, por conta da estranheza que esses exemplos me causavam, do ponto de vista intuitivo, acabei eliminando vários dados achando

que eu poderia não ter ouvido direito ou que meu ouvido já fosse suspeito demais para tal coleta.

Outros exemplos que não são de predicativos e que também estão incluídos na terceira variante são: Há muita **gente envolvido** nessa negociação (comentarista do Jornal da Globo), **A comunidade muito intenso**. (fala do Secretário de Obras do DF, Balanço Geral, 08/12/09), etc. Esses exemplos já são mais previsíveis por se tratar de nome seguido de adjetivo ou particípio passado (ambas as posições à direita) e por serem mais genéricos.

Sobre a outra variável desta análise, concordância de número, o programa a selecionou como estatisticamente significativa. Para obtermos esses resultados, tivemos que retirar uma variante da variável dependente, já que o programa Goldvarb só roda variáveis binárias (duas variantes), e não variáveis eneárias (3 ou mais variantes). Como o foco desse capítulo é a análise dos predicativos, na ordem canônica ou não, preferimos isolar os sintagmas nominais para compararmos os dois tipos de estruturas predicativas. Os resultados estão na Tabela 27:

Tabela 27: Efeito da concordância de número nos dados do português brasileiro sobre a ausência da concordância de gênero

CONCORDÂNCIA DE NÚMERO	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à direita	Ausência de concordância de gênero nos predicativos à esquerda	TOTAL
Presença da concordância de número no singular	47/124= 37.9% PESO= 0,55	77/124= 62.1% PESO= 0,45	124/159= 78%
Presença da concordância de número no plural	5/12= 41.7% PESO= 0,59	7/12= 58.3% PESO= 0,41	12/159= 7.5%
Ausência da concordância de número	3/23= 13% PESO= 0,23	20/23= 87% PESO= 0,77	23/159= 14.5%
TOTAL	55/159= 34.6%	104/159= 65.4%	

A ausência da concordância de número (0,77) favorece também a ausência da concordância de gênero nos predicativos deslocados à esquerda³⁶. E a presença da

³⁶ A questão é que não se sabe se é a ausência da concordância de número que favorece a ausência da concordância de gênero nos predicativos à esquerda ou se é o contrário. O fato principal é que ambas as concordâncias se interferem.

concordância de número tanto no singular (0,55) quanto no plural (0,59) favorece a ausência da concordância de gênero nos predicativos na ordem canônica. Aqui nota-se o paralelismo sintático atuando entre os dois tipos de concordância, uma vez que a ausência das duas concordâncias se dá principalmente com o sujeito posposto, referente à posição à esquerda.

Scherre (2005) também explica dados semelhantes aos nossos sobre a ruptura de ordem na concordância de número. Segundo a autora (2005, p. 21):

...a mudança de ordem entre os elementos de uma dada estrutura, melhor dizendo, a ruptura da ordem direta (da ordem considerada canônica) pode provocar ausência de concordância de número plural entre os constituintes envolvidos em processo de concordância verbal (artigo + substantivo + adjetivo) ou verbal (sujeito + verbo).

Essa citação acima nos autoriza a comparar as estruturas de não concordância de número e de gênero no que diz respeito ao predicativo deslocado à esquerda, principalmente. Mais adiante, Scherre (2005, p. 26 e 30) afirma que esse tipo de estrutura faz parte da escrita e, certamente, não sofre avaliação social negativa, já estando internalizado na mente do falante de português brasileiro, mesmo numa escrita mais monitorada.

Scherre, Naro e Cardoso (2007, p. 27) comparam os pesos relativos das amostras do Rio de Janeiro (16 falantes) e do Maranhão (1 falante) com relação aos efeitos da posição na concordância verbo/sujeito de terceira pessoa. De fato, o sujeito à esquerda e próximo do verbo favorece a concordância em detrimento do sujeito à direita do verbo em ambas as amostras. Para os autores (2007, p. 30) “...independentemente do tipo de verbo, qualquer argumento ou sintagma à direita do verbo tende, relativamente, a diminuir as marcas de concordância explícita”.

Temos um exemplo de variação no predicativo em um informativo da UnB que é idêntico, sintaticamente, ao da UFRJ, relatado por Scherre (2005, p. 21). Os exemplos são:

- “A Reitoria denuncia e **torna pública as ameaças**, adianta que já levou ao conhecimento das autoridades policiais e que não recuará da sua decisão administrativa... (UFRJ/Reitoria. A comunidade universitária da UFRJ, out. 1989)”

- Senhores diretores, chefes e coordenadores, contamos com vossa atenção no sentido de **tornar público as orientações da circular e do decreto na sua unidade.** (UnB/Reitoria. Sobre licença para tratamento de saúde. Informe SAM/DAS, fev. 2010)

No primeiro exemplo, dado por Scherre, há a concordância de gênero, mas sem a concordância de número. Já no segundo exemplo, não há nem a concordância de gênero e nem a concordância de número. Ambos os exemplos deixam claro que a ruptura da ordem tende a provocar a ausência de concordância plural.

Outro exemplo com a expressão “tornar público”, mas com uma estrutura sintática diferente das anteriores, foi coletado do edital do INEP:

- O INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP **torna público** e convoca interessados em formular e revisar itens para a composição de provas de avaliações desenvolvidas por este órgão a se cadastrarem como colaboradores. (<http://bni.inep.gov.br/BniCadastro2010/>)

Curioso notar é que nesse exemplo não há variação de gênero. A expressão “torna público” já virou um todo sintagmático que nem precisa mais de predicativo.

Logo, a intenção de coletar todos os dados de observação participante foi mais pela curiosidade e importância de entendermos que fatos graduais ocorrem de uma forma generalizada na nossa língua. Inclusive a própria mídia é um campo riquíssimo de variação linguística, o que demonstra que a língua culta não está isenta de variação. Muito pelo contrário, dados de variação de gênero são bastante comuns em textos escritos também porque existem construções que parecem estar cristalizadas no masculino e no singular, independente do sujeito feminino que venha posposto, como *é necessário, está incluído, será abordado, será ratificado, foi solicitado, está previsto, etc.* Na ausência da concordância, essas expressões se neutralizaram ou ficam invariáveis quanto ao gênero e ao número, já que são interpretadas pelo falante como uma oração de sujeito indeterminado e o sujeito posposto é intuitivamente interpretado como objeto. Por isso, a não realização da concordância de gênero também na fala e na escrita bem monitorada.

Essa indeterminação, através de construções com sujeitos pospostos, está perfeitamente encaixada linguisticamente no sistema da inacusatividade de alguns verbos intransitivos. Segundo Scherre, Naro e Cardoso (2007, p. 30):

As evidências mais gerais da inacusatividade (i. possuir um só argumento com papel temático associado geralmente à posição de objeto e ii. a ordem VS ser aceita mais naturalmente já que o argumento do inacusativo é um objeto em sua origem que pode se mover para a posição de sujeito) não abrangem uniformemente a mesma classe de verbos (tanto para a análise de uma língua em particular como para uma análise de línguas diferentes).

Finalizando o artigo, os autores afirmam que o fenômeno da inacusatividade tem outras nuances semânticas e o entendimento global da concordância verbal e a ordem podem dar conta do encaixamento sintático da variação da concordância de número e de gênero nessas estruturas indeterminadas.

Sobre o valor de verdade dos predicativos invertidos, talvez os falantes possam não estar dizendo a mesma coisa, em termos de significado. O exemplo "*É proibido a entrada de animais*" parece significar indeterminação do sujeito e que o sujeito é genérico. É como se a oração fosse reescrita da seguinte maneira: "Proíbe-se a entrada de animais" ou "Você (ou qualquer pessoa) é/está proibido de entrar com animais". Enfim, parece se tratar de uma variação linguística diferente, em que as funções diferentes estão em alternância, uma vez que a intenção e a mensagem são diferentes para cada caso.

Assim sendo, para o encerramento do presente capítulo, torna-se imprescindível a discussão sobre variável linguística polemizada por Sankoff (1988 b) e Oliveira (1987). Como se trata de um fenômeno morfossintático, também pensamos se a presença ou ausência da concordância de gênero nos predicativos teria o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto discursivo de fala.

Para Sankoff (1988 b, p. 152-153), "as distinções no valor referencial ou na função gramatical entre as formas superficiais diferentes podem ser neutralizadas no discurso", e, portanto, não há motivo para desprezar a variável. Ainda que haja diferença de significado entre as estruturas sintáticas alternativas, essas distinções não atuam necessariamente na intenção do falante nem na interpretação do interlocutor. E, mesmo que atuassem, o próprio entendimento de funções diferentes em alternância é fundamental para

essa questão. Assim sendo, entendemos que a questão das funções diferentes em variação também incide sobre a variação nos predicativos.

No entanto, Oliveira (1987) já é mais radical e acredita que o contexto deve ser explicitado e considerado além da estrutura, levando-se em conta o aspecto cultural da comunidade de fala, como fatores não-estruturais do tipo discursivo, pragmático, etc. O autor sugere três argumentos em busca da definição de variável linguística, em que (i) a variação deve prever o surgimento de casos de variação; (ii) as variantes de uma variável devem se rejeitar e (iii) a variação deve ser resolvida mais cedo ou mais tarde. Se elas significam a mesma coisa, ou seja, o mesmo valor de verdade, uma hora uma variante deverá vencer a outra. Segundo Oliveira (1987, p. 29), deve-se pensar em uma descrição linguística mais econômica, e, por isso, “é mais interessante restringir as regras variáveis do que deixar que elas se proliferem.”

7. MUDANÇA LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE CUIABÁ

Neste capítulo, resenharemos a tese de Dettoni (2003, p. 164-223), que faz várias reflexões sobre a mudança em progresso de Cuiabá, a partir dos cinco problemas propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006) para o entendimento da mudança: restrição, transição, encaixamento, implementação e avaliação. Para isso, faremos um paralelo, sempre que possível, com os resultados da concordância de gênero nos sintagmas e predicativos.

Dentro do problema da restrição, segundo Dettoni (2003, p. 161-166), é necessário mostrar os fatores condicionantes sociais e linguísticos responsáveis pelo estágio sucessivo da língua. Assim sendo, depois da entrada do artigo definido feminino na fala cuiabana, a variação de gênero diminuiu drasticamente, sem contar o pouco uso dos artigos por parte dos idosos, o que pode ser atribuído ao fato de o artigo feminino ser um dos grandes responsáveis pela alta presença de concordância nos sintagmas nominais, já que os idosos são os que mais desfavorecem a concordância.

Socialmente falando, no caso da retomada anafórica de Dettoni (2003), a variação se restringe a pessoas pouco escolarizadas e à faixa intermediária de 30 a 45 anos, mesmo sem dois falantes de efeito categórico. Nos sintagmas nominais e predicativos, a variação se restringe a pessoas mais idosas e menos escolarizadas/letradas, pois como já vimos, o fator escolaridade isolado não reflete resultados consistentes na variação sintagmática. A mudança linguística ocorre em direção ao preenchimento da concordância, que é a forma mais prestigiada em ambos os fenômenos (SNs e retomada anafórica). Essa mudança pode ser atribuída ao estigma que sofrem as variedades faladas na baixada cuiabana, e, por isso, há uma forte interação entre os fatores linguísticos e sociais como parte dessa variação.

Para o problema da transição, é necessário mostrar como a mudança transitou de um estágio anterior para o estágio atual da língua. Assim sendo, Dettoni (2003) analisa o percurso da mudança através dos falantes idosos (estágio anterior da língua) juntamente com outras variáveis sociais. O processo de mudança linguística tem necessariamente três estágios: origem, propagação e término, quando alcança a regularidade através da eliminação de variantes concorrentes (cf. LABOV, 2008, p. 152). A origem da mudança é a própria propagação ou aceitação dos falantes para determinada variante. É claro que não é tão simples assim como parece, mesmo porque essa é uma separação didática ou pedagógica da origem da

mudança, mas na prática é muito mais difícil ter essa percepção. A distribuição linguística entre as faixas etárias da população nos dá uma ideia dos estágios intermediários da mudança.

Dettoni (2003, p. 169) propõe que a presença de certos nomes femininos pode ter sido, em algum momento da história de Cuiabá, nomes masculinos que os cuiabanos preservam até hoje em seu falar, como *aquele argola, esses barraca, o barragem, vários substâncias, um sucuri* etc.

A transição da mudança ocorre primeiramente nos sintagmas compostos por artigo + nome, principalmente a partir da entrada do artigo feminino no falar cuiabano, adjetivo + nome e possessivo + nome, se estendendo aos outros elementos à esquerda do nome, já que essa posição é a que mais favorece a concordância de gênero. Depois disso, a mudança estaria mais avançada atingindo a anáfora pronominal. Os grandes obstáculos para a presença da concordância de gênero seriam os sintagmas compostos por quantificadores e os sintagmas predicativos, além dos sintagmas compostos por nome + adjetivo ou possessivo, ambos à direita do nome.

Interessante frisar também é que os predicativos invertidos, já que estão à esquerda do verbo, também desfavorecem a concordância, apesar do pouco número de dados, porque obviamente quando o sujeito está posposto há grande probabilidade de não se fazer a concordância, nem de gênero e nem de número. A hipótese é a de que a mudança rumo à concordância não chega totalmente aos predicativos, porque uma vez que ausência da concordância já está disseminada no português brasileiro como um todo, se trata de um movimento inverso, em que a mudança está em direção a não marcação de gênero nesses casos. Além disso, o input para a realização da concordância de gênero com os predicativos isolados dos sintagmas nominais diminui, chegando a 0,74. A diferença dos inputs dos sintagmas nominais de 0,99 e dos sintagmas predicativos de 0,74 é de 0,25.

Logo, rodamos os predicativos sozinhos, sem os sintagmas nominais, para ver o efeito da faixa etária na mudança linguística. Nessa rodada, a faixa etária, o letramento, a natureza morfológica e o grau de animacidade foram selecionados pelo programa, mas não houve convergência na análise porque, como já vimos anteriormente, há uma interação entre a natureza morfológica e a animacidade. De qualquer forma, reproduzimos os resultados da faixa etária, na Tabela 28, e do grau de letramento, na Tabela 29, para ver a questão social relacionada aos predicativos.

Tabela 28: Efeito da faixa etária sobre a concordância de gênero nos sintagmas predicativos

FAIXA ETÁRIA	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
15 a 25 anos	55/60	91.7	0,79
30 a 45 anos	112/149	75.2	0,46
Acima de 60 anos	126/185	68.1	0,41
TOTAL	293/394	74.4	

No que diz respeito ao aspecto social, a hipótese de que os predicativos seriam mais resistentes à mudança linguística não foi comprovada estatisticamente, tendo em vista que os efeitos das três faixas etárias dos falantes são bem parecidos com a rodada de todos os sintagmas juntos e, portanto, há certa compatibilização dos resultados. Nos predicativos isoladamente, a gradação etária é 0,41; 0,46 e 0,79 (cf. tabela 28) e nos sintagmas nominais junto com os predicativos é de 0,38; 0,48 e 0,75 (cf. tabela 18, p. 91).

Outro fator social selecionado na rodada dos predicativos foi o grau de letramento, com resultados até mais definidos do que a rodada de todos os sintagmas (0,55; 0,52; 0,59; 0,32, na mesma ordem da Tabela 29)³⁷.

Tabela 29: Efeito do grau de letramento sobre a concordância de gênero nos sintagmas predicativos

GRAU DE LETRAMENTO	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
[+ escolaridade + letramento]	17/19	89.5	0,70
[+- escolaridade + letramento]	174/238	73.1	0,48
[- escolaridade +-letramento]	51/59	86.4	0,67
[-escolaridade – letramento]	51/78	65.4	0,37
TOTAL	293/394	74.4	

O efeito do grau de letramento nos dados de predicativo são ligeiramente diferentes de todos os sintagmas juntos, porque nestes há uma ruptura brusca do traço [+-

³⁷ Conferir tabela 22, p. 106.

letramento] em oposição ao traço [-letramento], tendo em vista que apenas o traço [-escolaridade -letramento] desfavorece a concordância de gênero. Nos predicativos, tanto os traços [+escolaridade +letramento] e [-escolaridade -letramento] desfavorecem a concordância de gênero.

No que diz respeito ao aspecto linguístico, devido aos dados de ausência de concordância de gênero no português brasileiro e a ausência quase total de concordância nos dados do falar cuiabano, permanecemos com o argumento de que os predicativos, pelo menos, são obstáculos maiores para a concordância de gênero do que os sintagmas nominais, uma vez que estão mais encaixados linguisticamente no sistema da língua como um todo. Na comparação dos sintagmas nominais *versus* sintagmas predicativos, percebemos mais a diferença linguística da configuração sintagmática e da posição dos elementos que ambos têm com relação à concordância.

Em suma, a afirmação de que Cuiabá está em processo de mudança linguística advém também das etapas da mudança linguística propostas por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122), em que (i) um falante aprende uma forma alternativa; (ii) duas formas coexistem em sua competência (a arcaica e a inovadora); (iii) uma das formas se torna obsoleta. Ao que tudo indica, a variação de gênero no sintagma nominal em Cuiabá está caminhando para a última fase.

Já a mudança linguística nos predicativos é mais polêmica, porque o resultado do predicativo junto com o sintagma nominal é de desfavorecimento quase total da concordância de gênero com 0,02 (cf. tabela 10). Os predicativos invertidos (19 dados) desfavorecem a concordância, mas provavelmente pela preponderância de dados em ordem canônica (376 dados).

Com relação à concordância de número na fala, Scherre (1991, p. 65-66) analisa a variável ordem dos elementos na estrutura dos predicativos e participios passivos para ver se a ordem canônica favorece mais marcas de plural do que uma ordem não canônica. Os resultados são muito próximos entre si, em que ambos praticamente estão neutros com 0,48 e 0,52 para a ordem canônica e a ordem não canônica, respectivamente.

No problema do encaixamento social, Dettoni (2003, p. 185-192) discute que houve uma nítida transformação de um dialeto rural e regional para um dialeto mais urbano, através da apropriação de traços vernaculares típicos das variedades vindas de fora e consideradas de prestígio, além da influencia etária em ambos os fenômenos e da influência escolar na retomada anafórica.

No encaixamento linguístico, o fator mais favorecedor à concordância de gênero foi a presença de artigo nas construções morfossintáticas, favorecendo a retomada anafórica pelo pronome ELA. No nosso estudo, além do artigo, podemos perceber uma influencia linguística ainda maior, em que a posição e a natureza morfológica também atuam nessa mudança, ou seja, a posição à esquerda dos elementos nos sintagmas nominais e a presença do traço variável fortalecem a realização plena da concordância.

Para o problema da implementação, é necessário entender por que a mudança ocorreu num tempo e um lugar e não em outro. Por isso, Dettoni (2003, p. 192-204) faz um percurso histórico-social da época da (re)colonização de Mato Grosso, no intuito de captar vários fatores que foram importantes para essa mudança de atitude, consciência e, sobretudo, uma mudança na sua própria linguagem. Resumidamente os fatores são:

- Dois momentos intensos e repentinos de um contato linguístico, separados por um longo período de isolamento.³⁸ Em um primeiro momento, no século XVIII, houve o contato com a língua dos bandeirantes paulistas, espanhóis, indígenas, portugueses, escravos, sertanistas migrantes; e em um segundo momento a decadência dos veios auríferos e, portanto, a saída de muitas pessoas do Mato Grosso;
- A descoberta de ouro e a vinda de muitas pessoas para o Mato Grosso, a partir de 1722;
- A segunda colonização, a partir de 1930 com medidas políticas, como a “Marcha para o Oeste” de Getúlio Vargas, voltada para o povoamento da região;
- Advento das rodovias que marcou o declínio da navegação fluvial;
- A criação de faculdades a partir de 1956;
- A implantação do Sistema de Telecomunicações no final da década de 60;
- A divisão do Estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no início dos anos 70;
- Um maior acesso ao nível superior e aos meios de comunicação;

³⁸ Segundo Labov (2008, p. 172), a partir de estudos dos Estados Unidos, constatou-se que dialetos que sofrem isolamento podem participar de mudanças linguísticas rápidas e são levados à diversidade linguística, no lugar da uniformidade. No caso da concordância de gênero em Cuiabá, a direção do avanço foi rumo a um padrão de prestígio.

- Uma maior mobilidade social e acesso ao mercado de trabalho.

Enfim, toda essa influência e turbulência de gente que veio para Mato Grosso nessa época foi responsável primeiro pela pressão social e segundo pelo estigma contra o falar cuiabano, sendo a favor de uma linguagem mais neutra e próxima do falar de quem estava chegando em Cuiabá. Segundo Dettoni (2003, p. 201) “Todos esses fatos aqui arrolados formam um complexo conjunto de fatores que explicam a razão pela qual uma mudança linguística teve início na baixada cuiabana por volta do início dos anos setenta.”

Sobre o problema da avaliação (reação subjetiva inconsciente), gostaria de ilustrar primeiramente uma situação que aconteceu comigo quando estive no Grupo de Estudos Linguísticos do Centro-Oeste (Gelco) de 2007 em Cuiabá. Um colega cuiabano perguntou-me sobre o que eu estava estudando lá. Já prevendo alguma reação, dei alguns exemplos da variação de gênero e ele logo me questionou, afirmando que os cuiabanos não falavam assim.

De fato, Dettoni (2003) afirma que a mudança linguística relacionada ao gênero não é consciente para os falantes, sequer a sua variação. Por isso, o estigma relacionado ao gênero muitas vezes não é proveniente dos próprios cuiabanos em relação a sua linguagem, e sim dos que vêm de fora com relação ao falar cuiabano. Diferentemente disso, acontece com o ‘tche’ e ‘dje’ que é ouvido, percebido e estigmatizado por várias pessoas, inclusive pelos próprios cuiabanos.

Ao que tudo indica, em Cuiabá, as forças sociais exercidas sobre o fenômeno da concordância de gênero representam as *pressões vindas de baixo* porque estão “abaixo do nível da percepção consciente” (from below), enquanto a variação do ‘tche’ e ‘dje’ e o rotacismo são exemplos das *pressões vindas de cima* (from above), já que representam o processo explícito de correção social (cf. LABOV, 2008, p. 152).

Essas atitudes sociolinguísticas ou comportamentos subjetivos, que fazem parte da avaliação social, podem ser o reflexo do significado social que determinada variedade linguística tem. Exemplos dessas atitudes se encontram no capítulo 5, no qual damos exemplos da atitude dos informantes perante sua própria linguagem.

Como a identidade cuiabana foi alterada, de certa forma, isso se reflete também nos usos linguísticos mais típicos de Cuiabá, porque a aproximação dos dialetos mais prestigiados pode estar relacionada ao distanciamento do seu falar local.

De acordo com Labov (2008, p. 43), somente quando se atribui um significado social a uma variante é que ela começa a ser reproduzida e aceita pelas pessoas,

desempenhando um papel na língua. Dessa forma, quando os cuiabanos passaram a associar a variedade linguística vinda de fora aos falantes que eram mais prestigiados, houve uma tentativa de aproximação desse padrão “culto” de língua. Assim, a presença da concordância de gênero pode estar associada à resistência do modo de falar e viver tipicamente cuiabanos, mesmo que de forma inconsciente, contrariamente com o que acontece em Martha’s Vineyard, já que a alta centralização estava relacionada à grande resistência às incursões dos veranistas. Logo, a resistência em Cuiabá é contra seu próprio falar local e em Martha’s Vineyard contra os padrões vindos de fora.

Labov (2008, p. 52-59) identificou claramente que os que planejavam ficar na ilha exibiam maior centralização do que os que planejavam deixar a ilha. Inclusive o grupo dos portugueses que se identificavam mais com a ilha também exibiam maior centralização do que os descendentes de ingleses, já que os portugueses afirmavam seu status de vineyardenses nativos com a realização de um traço linguístico também específico da comunidade de Martha’s Vineyard, sendo uma atitude positiva perante a mesma.

Enfim, em Cuiabá, a concordância de gênero nos sintagmas caminha rumo à mudança linguística em progresso porque segundo Labov (2008, p. 336):

uma mudança pode começar primeiro num grupo social localizado em qualquer ponto da hierarquia social. Enquanto ela está se desenvolvendo e se expandindo, ainda se pode ver o padrão em pirâmide através de diversas faixas etárias, com os valores mais altos nos falantes mais jovens do grupo original. Mas quando a mudança atinge um estado avançado, e todas as classes sociais são afetadas, ela frequentemente se torna estigmatizada, e a correção social da fala formal começa a obscurecer o padrão original.

Difícil é delimitarmos se a variação de gênero nos sintagmas é um indicador social, marcador social ou estereótipo, porque há diferenciação etária, mas sem força avaliativa, por estar abaixo da consciência dos falantes. Nos estágios iniciais e finais da mudança linguística, pode haver pouca correlação com fatores sociais. Entretanto, Labov (2008, p. 355 e 360) afirma que nem todas as mudanças atingem um nível de comentário social no seu estágio final. Nos resultados da concordância de gênero, principalmente nos predicativos, a questão do encaixamento linguístico é mais forte do que o social.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nosso trabalho com uma breve explanação dos objetivos e motivação que norteiam a realização dessa dissertação, bem como da escolha da variável linguística concordância de gênero e da comunidade cuiabana como foco da discussão.

No segundo capítulo, apresentamos uma descrição da comunidade de fala, no âmbito histórico, geográfico, linguístico e social da baixada cuiabana. Como Cuiabá foi por muito tempo uma comunidade isolada dos grandes centros do país, busca-se parte das explicações linguísticas na questão social e histórica da sociedade. Bisinoto (2007) analisa as atitudes sociolinguísticas através dos efeitos do processo migratório em Mato Grosso. Os brasileiros vindos de diferentes lugares produziram uma miscigenação linguística grande através das variedades linguísticas do português. Com isso, o contato com dialetos mais prestigiados fez com que a linguagem do Mato Grosso fosse vista de maneira incomum e muito diferente. A existência da estigmatização social de formas linguísticas cuiabanas, por parte do imigrante e do nativo, vem contribuindo para o desaparecimento contínuo do falar local (cf. BISINOTO, 2007, p. 8). A avaliação social da parte do imigrante seria o deboche, a imposição e as correções, enquanto da parte do nativo seria a auto-rejeição, a vergonha e a negligência (cf. BISINOTO, 2007, p. 49)

Com relação às formas linguísticas, Bisinoto (2007, p. 20) também remete à indiferença dos marcadores de gênero em exemplos citados por ela como: “*casa do mamãe*”, “*reumatismo aguda*”, “*o dia hoje tá fria*”, “*roupa bonito*”. Segundo a autora (2007, p. 22), essas construções são estereotipadas na comunidade de Cáceres e incomuns no português do Brasil. A linguagem local também é vinculada à origem étnica do bugre (índio) segundo Bisinoto (2007, p. 64), que cita adiante a variação de gênero na fala de uma nativa indígena: “*Eu fui **no escola**, já pedi prá professora. Esse guri meu, ele fala muito atrapalhado, muito arrastado (...) **a fala cacerense** assim, **tudo atrapalhado**. Então tá na escola prá aprender a falar.*”

No terceiro capítulo, buscamos caracterizar o gênero nas diversas etapas da língua (latim, português arcaico e variedades populares), além de dar uma visão geral de como a gramática tradicional e a linguística analisam esse mesmo objeto de estudo. Por fim, buscamos comparar o gênero gramatical em outras línguas românicas e germânicas, na tentativa de encontrarmos semelhanças ou diferenças de padrões linguísticos entre as línguas.

O mais impressionante da abordagem translinguística foi que percebemos um uso peculiar do alemão que se compara à nossa variação de gênero. Na língua alemã, o adjetivo em função predicativa é invariável quanto ao gênero, e adjetivos e participios só variam em gênero e número quando precedem o nome. Isso nos mostra a força da posição à esquerda dos elementos para a concordância também no alemão, em detrimento da posição à direita de não concordância de gênero e número. O paralelismo das duas concordâncias parece atuar nas duas línguas também.

No quarto capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Quantitativa que possibilita analisar um fenômeno variável com um embasamento estatístico rígido e eficaz, mostrando as tendências linguísticas e sociais da língua.

No quinto capítulo, analisamos o condicionamento social e linguístico por que passa a variedade cuiabana no tocante à concordância de gênero. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa Varbrul foram: configuração sintagmática, natureza morfológica, faixa etária e grau de letramento. Além disso, também discutimos um pouco sobre as atitudes sociolinguísticas de alguns informantes a respeito de seu dialeto.

Sobre as variáveis linguísticas, fizemos um controle rígido de todos os tipos de sintagma que apareceram nas entrevistas e tínhamos a hipótese de que a posição à esquerda do nome favoreceria a concordância, principalmente nos artigos e possessivos.

Através da configuração dos sintagmas conseguimos analisar também a posição dos elementos e o resultado foi que artigo definido *a*, adjetivo e possessivo são os grandes responsáveis pela concordância de gênero, ambos à esquerda do nome. O artigo indefinido *uma* e numeral vêm logo adiante também favorecendo a concordância à esquerda. Os elementos que mesmo à esquerda do nome desfavoreceram relativamente a concordância foram o sintagma com dois elementos à esquerda (*o primeiro injeção*); o demonstrativo e indefinido (*esse menina* e *vários substância*); e o quantificador (*tudo criança*).

Todos os elementos à direita do nome desfavoreceram bruscamente a concordância de gênero, como os sintagmas com elementos à esquerda e à direita do nome (*mia casa todo desarrumado*); o possessivo e o adjetivo (*casa nosso, pessoa cego*); o predicativo (*minha família toda é cuiabano*); e o quantificador (*as vacina tudo*).

Interessante registrar é que como se trata de um fenômeno morfossintático e raro, a pouca quantidade de dados da variante ausência de concordância de gênero pode interferir nos resultados finais. Assim sendo, é necessário polemizar um pouco mais sobre os elementos à esquerda que teoricamente desfavoreceram a concordância de gênero. Sintagmas

de três elementos com dois elementos à esquerda, os demonstrativos e indefinidos à esquerda do nome obtiveram um peso inferior a 0,50. No entanto, os dados dos sintagmas de três elementos com elementos à esquerda são muito poucos em comparação com os demais. Essa diferença também deve ser levada em consideração na análise, porque com um input de 0,99, qualquer valor um pouco mais abaixo será desfavorecedor.

Logo, para se obter resultados mais sintéticos e gerais, juntamos todos os elementos à esquerda do nome, elementos à direita do nome, quantificadores em ambas as posições e predicativos em ambas as posições (cf. tabela 11, p. 82). Assim sendo, pode-se generalizar que todos apenas os elementos à esquerda favorecem a concordância de gênero, em detrimento dos elementos à direita, quantificadores e predicativos. Portanto, a hipótese da posição à esquerda para a concordância de gênero é confirmada, principalmente com o artigo + nome, adjetivo + nome e possessivo + nome.

Para a natureza morfológica, também fizemos um detalhamento grande, mas ela se polarizou entre nomes variáveis por léxico diferente (*galinha de casa só, criado co milho*); itens lexicais morfológicamente variáveis (*esse menina*); e itens lexicais invariáveis (*banana fritado*). É uma variável que mostra como a flexão dos nomes e a saliência fônica favorecem a concordância de gênero, além dos nomes variáveis também terem a presença do traço [+animado +humano].

Nas variáveis sociais, a faixa etária foi bastante consistente, em termos do favorecimento da concordância apenas para os falantes de 15 a 25 anos. Tanto a faixa etária de 30 a 45 anos, quanto a faixa acima de 60 anos desfavorecem o uso da concordância de gênero. Esse é um grande indício de mudança linguística, em que os jovens estão à frente no uso da concordância de gênero.

Outra variável social significativa foi o grau de letramento, constituído a partir da escolaridade e dos graus de letramento que os informantes possuem, através de uma análise qualitativa e quantitativa. A identificação individual de cada informante também nos ajudou a ver a questão do desempenho linguístico diferente que muitos tinham. Os resultados de todos os sintagmas juntos revelaram que o traço negativo do letramento e da escolaridade é que foi desfavorecedor para a concordância de gênero, enquanto os fatores [-escolaridade +-letramento], [+escolaridade +letramento], [+escolaridade +letramento] favoreceram a concordância. Essa variável não é uma categoria social fixa como a Sociolinguística Quantitativa normalmente trabalha, pois é uma reanálise da escolaridade com base em outros fatores que vão além da sala de aula, como o nível sociocultural, econômico, acesso à mídia,

ocupação, participação em eventos sociais, viagens, etc. Nesse ponto, trata-se de uma visão ampla e mais complexa de vários fatores sociais inseridos no grau de letramento.

No sexto capítulo, buscamos interpretar dados coletados de observação participante do português brasileiro e dados de Lima (2007) sobre o português europeu. Para esse capítulo, fizemos duas análises estatísticas não ortodoxas do ponto de vista da variação entre as duas variantes.

Assim sendo, foi levada em conta apenas a variante ausência da concordância e os dados coletados por mim foram extraídos de diversas situações discursivas: fala informal, fala formal, escrita formal de alunos do nível médio, escrita formal de mestres e doutores e mídia falada (televisão). A análise nos permitiu comparar estruturas semelhantes da concordância de gênero e de número, principalmente com relação às estruturas inacusativas de verbos do tipo *é necessário, está incluído, será abordado* etc, em que a ordem do sujeito é facultativa e por isso, muitas vezes, a concordância tanto de gênero quanto de número não é feita com o sujeito posposto (*É necessário uma colaboração* entre a sociedade e o governo.)

Nos dados do português europeu, a ausência da concordância de número com a de gênero coincidiu nas estruturas predicativas de ordem canônica. De um total de 81 dados, 65 dados são de sintagma nominal. Assim sendo, o ideal para essa amostra seria codificar a configuração sintagmática para comparar com os dados de Cuiabá, mas como nosso foco eram as estruturas predicativas fica a possibilidade para futuras pesquisas. O entendimento melhor dessa variação de gênero no português europeu ainda carece de pesquisa variacionista.

O controle da concordância de número nos dados do falar cuiabano também não foi feito, porque só no final da pesquisa é que começamos a codificar os dados de observação participante e os dados do português europeu. Dessa forma, fica o intuito de retomar esses dados para posterior comparação das estruturas predicativas nos três tipos de corpus.

No sétimo capítulo, resenhamos Dettoni (2003, p. 156-224) sobre a mudança linguística em Cuiabá, através dos cinco problemas propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006). Sempre que possível, comparamos cada problema com os nossos resultados acerca da concordância de gênero nos sintagmas e o ponto chave do nosso capítulo foi a direcionalidade da mudança.

Na rodada geral com todos os sintagmas, é nítido que os predicativos desfavorecem quase totalmente a concordância. No entanto, quando rodamos os predicativos isoladamente, percebemos que as variáveis faixa etária e grau de letramento não se modificaram significativamente, permanecendo a gradação etária da mudança linguística

rumo à presença das marcas de concordância. Mesmo com esse resultado, o que nos faz entender que provavelmente a mudança não se concretize nos sintagmas predicativos ou que, pelo menos, demore mais a chegar é que a ausência da concordância nesses casos já acontece de forma mais geral e não se limita à área geográfica de Cuiabá, ocorrendo em todo o território brasileiro. O peso relativo baixo dos predicativos indica que eles têm menos probabilidade de ter concordância de gênero do que os SNs. Logo, os SNs estão na direcionalidade contrária da mudança, já que a probabilidade é maior da presença da concordância de gênero, principalmente nos artigos, possessivos, adjetivos e numerais à esquerda do nome. Sendo assim, percebe-se que os predicativos têm um encaixamento linguístico maior que o encaixamento social dentro do sistema linguístico da nossa língua.

Diante do exposto, a concordância de gênero pode estar em processo de mudança linguística, no sentido de um uso cada vez mais restrito da ausência de concordância nos SNs, já que o input para a realização plena de concordância é de 0,99, um resultado próximo à categoricidade, e um uso um pouco menor da concordância de gênero nos predicativos isolados, com um input de 0,74.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico regional, léxico rural ou vocabulário de curiosidade? um olhar sobre aspectos lexicais de cuiabá. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- ALBISETTI, César & VENTURELLI, Ângelo J. **Enciclopédia Bororo**. Vol. I, vocabulários e etnografia. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962.
- ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. Mato Grosso: **Trabalho escravo e trabalho livre (1850-1888)**. Brasília: Ministério da Fazenda, Departamento de Administração, Divisão de Documentação, p. 39-65, 1984.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. (2005) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. 5ª edição. São Paulo: Cortez.
- ALMEIDA, Manoel Mourivaldo S. **Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras – século XVIII)**. Tese de Doutorado inédita, São Paulo: USP, 2000.
- ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a História do Português Brasileiro: lote cuiabano. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 43 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **A nova ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 (Lucerna).
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A análise do português em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GroBe, S. & Zimmermann, K. <<Substandard>> e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p.101-118.

- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. (2005) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. 5ª edição. São Paulo: Cortez.
- BIERWISCH. De certos problemas de representações semânticas, 1959. In. LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **A semântica na Linguística Moderna: o léxico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes Sociolinguísticas: Efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 19ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CAMARGO, Glória Paschoal. **Michaelis Alemão: gramática prática**. Buenos Aires, Argentina: Melhoramentos, 2002.
- COX, Maria Pagliarini. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- COX, Maria Pagliarini. **Que português é esse? Vozes em conflito**. São Carlos: Pedro & João Editores / Cuiabá: EdUFMT, 2008.
- CUNHA, Celso; CYNTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. 255f. Tese de Doutorado em Linguística. UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- DETTONI, Rachel do Valle. A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A realização morfológica do gênero no dialeto da baixada cuiabana**. Versão preliminar da tese de doutoramento não publicada. UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- Dicionário multilíngue: português, inglês, francês, alemão, italiano, espanhol**. Reader's Digest Brasil Ltda, 1998.

- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FRANÇA, Milton Brito de. **Inglês no vestibular**. São Paulo: FTD, 1994.
- GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. 2ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 238p, 2000.
- GATTI, Bernadete; FERES, Nagib Lima. **Estatística básica para ciências humanas**. São Paulo: Editora alfa-omega, 1975.
- GUY, Gregory e ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa- instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GUY, Gregory. VARBRUL: Análise avançada. In: MATTE, Neusa da Silva (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: UFRS, 1998.
- HERMOSO, A. González; CUENOT, J. R; ALFARO, M. Sánchez. **Gramática de español lengua extranjera**. Edelsa Grupo didascalía, 2006.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- KATS e FODOR. Estrutura de uma teoria semântica, 1963. In. LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **A semântica na Linguística Moderna: o léxico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 6ªed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- KLEIMAN, Ângela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.
- KLEIMAN, Ângela B. **Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 23-38, 2º sem. 2002.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, José Leonildo. **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**. Tese de doutorado. Campinas, SP, 2007.
- LOBATO, Lúcia. **A concordância nominal no português do Brasil à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Variacionista**. D.E.L.T.A., 10 – especial: 173-212, 1994.
- LUCCHESI, Dante; MACEDO, Alzira. A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu. In. **Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica**, n.9: 20-36, 1997.

- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira – Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil.** 364f. Tese de Doutorado em Linguística. UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- LUCCHESI, Dante. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais isoladas afro-brasileiras no contexto da história sociolinguística do Brasil. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.) **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade.** São Paulo: Editora Ática, 2005.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução.** Rio de Janeiro, 1981.
- MARTIN, John W. **Concordância.** In: **Revista brasileira de linguística.** Petrópolis: Vozes, n. 2, p.50-72, 1975.
- MARTIN, John W. Gênero? In: **Revista brasileira de linguística.** Petrópolis: Vozes, n. 2, p.3-8, 1975.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2006.
- MIRA MATEUS et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** 4.ed, Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, p. 15-27, 2003.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, p. 43-51, 2003.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta P. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, p. 147-177, 2003.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta P. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e () identidade.** Maceió: EDUFAL, 2004.
- PALMA, Maria Luíza Canavarros. **Variação fonológica de Mato Grosso – um estudo sociolinguístico.** Cuiabá: UFMT, 1984.

- PEREIRA, Maria Ângela Botelho. **Gênero e Número em Português**. Rio de Janeiro: PROED/UFRJ, 1987.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- PINTZUK, Suzan. **VARBRUL programs**. MS, 1988.
- PÓVOAS, Lenine C. Perspectivas demográficas e econômicas da “Grande Cuiabá”. In: **Revista do instituto histórico e geográfico de Mato Grosso**. Ano LIV, Tomos CXVII-CXVIII, p. 42-51, 1982.
- ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 17. ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1974.
- ROCHA, Luiz Carlos De Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. **Estruturas básicas da língua basca**. Universidade Católica de Brasília, UCB, internet, s/ano.
- RODRIGUES, Firmo. **Figuras e coisas de nossa terra**. Cuiabá, MT, p. 113-126, 1969.
- ROMAINE, Suzanne. Internal vs. external factors in socio-historical explanations of change: a fruitless dichotomy? In: AHLERS, J. et al. (eds.). **Proceedings of the twenty-first annual meeting of the Berkeley Linguistic Society**. University of California, Berkeley, p. 478-491, 1995.
- ROMANCINI, Sônia Regina. Multiculturalidade e gênero: um estudo sobre a cultura popular na baixada cuiabana. In: IX Coloquio Internacional de Geocrítica. **Los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales**. UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- ROSSA, Adriana e PEREIRA, Vera Wannmacher. **Leitura e Alfabetização**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 47-51, abr./jun. 2008.
- SANKOFF, David. Variables Rules. In: Ulrich Ammon, Norbert Dittmar & Klauss Mattheier (Eds.). **Sociolinguistics**. New York: Academic Press: 119-127, 1988 a.
- SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) **Linguistics: the cambridge survey**. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press, p.141-160, 1988 b.
- SANTO, Janete S dos. **Letramento, variação linguística e ensino de português**. Linguagem em (Dis)curso – LeMD, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 119-134, jul./dez. 2004.

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 5 ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SCHERRE, Maria Marta P. **A Concordância de número nos predicativos e participios passivos**. *Organon*. A variação no Português do Brasil., v. 18, p. 52-70, 1991.
- SCHERRE, Maria Marta P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Paralelismo linguístico**. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.7, p.29 - 59, 1998.
- SCHERRE, Maria Marta P. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta P. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROÙE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (eds.). **“Substandard” e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main, p. 153-188, 1998.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius; CARDOSO, Caroline Rodrigues. **O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro**. *D.E.L.T.A.*, 23:esp., 2007 (283-317).
- SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños**. Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filologia; tradução de Eduardo Brandão, Claudia Berliner, 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. *Revista brasileira de educação*. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- SOUZA, Ulidete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista**. 1999. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- SOUZA, Ulidete Rodrigues. Um olhar crioulo nos cenários sócio-históricos do Brasil e do Estado do Mato Grosso. In. ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Voices Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- TAGLIAMONTE, Sali. A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7^a.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução Celso Cunha. 2^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del español**. 8. Ed. Madri: Ediciones SM, 2002.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y. (Eds) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WEINREICH, U. Pesquisas em teoria semântica, 1972. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **A semântica na Linguística Moderna: o léxico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

10. ANEXOS

Anexo 1: Ausência da concordância de gênero em dados do falar cuiabano.

1. **A situação** dele era muito **sério**.
2. **Eu mesmo** que cozinho. (mulher falando)
3. Nossa, **é gostoso demais, muito bom, gostoso, comida caseira**.
4. Nossa, **é gostoso demais, muito bom, gostoso, comida caseira**.
5. Vamos supor, no grupo de mães, aí vem **aquelas pessoa tudo**, então vem qualquer tipo de gente.
6. Mexer com **pessoa de terceira idade**.
7. É, agora esse negócio de marrar varanda, **essas coisa tudo** num é comigo não.
8. Então **isso** era a **nossa vida antiga**.
9. **Essas coisa tudo** eu vejo meu filho, eu não conformo com essas coisas.
10. **A pregação** dele mais **é esse**.
11. **Aqueles são as pessoas** que eles que ta bem **vestido... Vê aqueles pessoa menos favorecido... Aquelas pessoas são tratados como menos favorecido**.
12. Faço **uma arroz temperado** rapidão.
13. **Isso é a criação** do meus pais.
14. Pra **ela ficar bêbado**.
15. Não foi **isso a criação** que eu dei pra ele.
16. **Fazenda Camargo CoReia**, por lá né, maS num era **falado** aqui.
17. **Tudo criançada** fazia, tudo o que fazia vendia, né.
18. Faz um tipo...pote, vaso, moringa, **outros escultura** né.
19. Ela faz **um parte**.
20. Aí num demora **ele ta fria** né. (falando da tampa)
21. Perto **daquele baradge** lá.
22. **Lá na começo** lá do, que vira o asfalto lá pa começá ante da, tamém tem sobrinha la.
23. Ali, **naquela draga** acaba.
24. Daí **moçadinha mai novo**.
25. Passa **esses tombera** ai né.
26. Não, deSta veS foi mais **fria** né. (falando do clima)
27. **Esses tombera**.

28. **Esses tombera** caregano areia.
29. Porque muitas veze já fizemo, nós memo, **vizinhança memo**.
30. **Essas coisa tudo**.
31. **Ela é da chapada, nascido** lá né.
32. Tomou **as vacina tudo**.
33. Eu **fui criado**. (mulher falando)
34. Na realidade, eu **fui criado** com meus avós. (mulher falando)
35. Só que **eu não fui criado** com ela assim. (mulher falando)
36. Eu **sou registrado** no nome deles. (mulher falando)
37. **Pessoas más antigo** do que eu.
38. Até **a água** que eu bebo tá **crescido** no estômago.
39. Eloína tem **uma aguardente alemão, composto** com jalapão.
40. Composição com jalapão e **aguardente alemão**.
41. **Esta vida meu** é outra.
42. Então, com **este** daqui, **aguardente alemão**, é **esse** que vai me dar a saúde.
43. Eu vou contar essa história pra **senhora mesmo**.
44. A senhora vê **uma pessoa cego**, ou para.. ou **gregrenhado, uma pessoa gregrenhado, ele** não anda, **ele** não se move...
45. Amanhã, **a senhora** chega sente **emocionado**.
46. **Ela** que era **cego**, eu tenho essa aqui.
47. Eu **fico quieto**. (mulher falando)
48. **Essa minha barriga** vai cair **todinho**.
49. **Esse: taturana**, passa um alho no algodão e passa **nele**.
50. **Aquele ali é quina-preto, quina preto**.
51. Chama tingo-lingo, dá **umas frutinha igualzinho** brinco.
52. **Aquilo é taioba**.
53. A senhora sabe quando que **ela é gostoso? Assado**.
54. É **um sucuri**.
55. **Esse é sucuri**.
56. Quem nunca tinha comido **folha de taiá**, tchegô, querem prová, é **gostoso**.
57. O Dia que eu não tenho nada, eu lembro, “**esse é comida**”.
58. **Sou proibido** de médico, não comer carne... (mulher falando)
59. Acho **ela embolado** (falando sobre uma minhoca)
60. **No Cuiabá**, levei um susto, sem **mentira nenhum**, tinha este tamanho...

61. Tava **enfiado** nela aqui. Tava um fundo nela aqui no ombro. **Preto**, não tava **vermelho**, tava **preto, chocho**. (falando da blusa)
62. Ela ficou **quieto**, cabou o febrão que ela tava. Ela falou "me benze de novo".
63. Então, pra **pessoa pálido**, de enfermidade, (fala pra esse guri pará com isso) a senhora faz oração de Nossa Senhora, aquela que do arto do rochedo enxerga os que são da Terra.
64. **A senhora** tem **uma doença** que já foi **desenganado** de médico.
65. Ah, **esse a gente** compra né?
66. Então, **ele** precisava ser **operado**. (falando sobre a criança.)
67. **Eu mesmo** que sou **esse**. (mulher falando)
68. **Esse menina**, eu sô uma pessoa assim muito vivida, eu já.
69. **Cuiabá** ainda era muito **pequeno**.
70. **Cuiabá** num tava **desenvorvido**.
71. **Cuiabá** era **piquitinho**.
72. **Mandioca tudo** esses baiRo hoje djá num tem mais.
73. Eu cunhici **tudo essas pessoa**.
74. **Tudo essa história** que num era **certo**.
75. Ele djá ficava de **cara feio**.
76. **Esse tempo esse gente** era muito pobre.
77. **No finar do coisa** num ia maS tê casamento.
78. Custurava **a noite inteiro**.
79. Aí meu irmão foi e me deu porque num era **meu a terra**.
80. Fazia **laranja** também **cristalizado**.
81. Ela num teve filho ela criô seS moça, **primero fui eu**. (mulher falando)
82. Fiquei **sentado** e pensano o que qu'eu ia fazê. (mulher falando)
83. **A estrada** o qual que era **o certo**.
84. Eu tô **pronto**. (mulher falando)
85. A gente fas **as coisa bom**.
86. **A casa** fica **fechado**.
87. Fiquei **amigo** dele. (mulher falando)
88. A cana apodrece no **tudo aquelas junta** dele ele quebra.
89. **Esse hemorragia** ele também binzia.
90. **Naqueles chegada** do jardim do Porto
91. **Cuiabá tá** ficano muito **perigoso**.

92. **Ela é próprio pra isso**, quando vem tempo assim temporá.
93. Ocê vê que vem **coisa desses** que deRuba pau.
94. Porque **ela** tano **pregado** nada num entra.
95. Porque **ela é amigo** como nós.
96. **Mia filha foi mandado** embora do serviço.
97. Eu tô **tudo numa boa**. (mulher falando)
98. **Esse foi primera aparição** que teve **no mia vida**.
99. **Eu tava sozinho**. (mulher falando)
100. Ela chorava **Ø noite intero**.
101. Entõ eu devo **muito obrigação**.
102. Eu fiquei **que::to**. (mulher falando)
103. Fiquei **que::to**. (mulher falando)
104. Ocê djá falô **a palavra negativo**.
105. **A pesca** aqui tá **fracassado**.
106. Ficou **parado o barragem**.
107. **Ela é gêmeo** com outro gurizinho.
108. **Banana** até que não tamo comendo muito que tá muito **caro**.
109. É, tá de primeiro o pessoal falava **tudo as coisa**.
110. **Maioria** aqui já tá **tudo** casado né.
111. **Quadra** aí pra jogar aí no colégio, ainda não tá bem **terminado** ainda né.
112. **Tudo esses barraca** aí eles fazem domingueira.
113. Mais é: **gurizada novo** ai né.
114. Tá mai ou menos **correto** né, eu achei. (falando sobre a igreja)
115. **Um é droga mais pesada**, né,
116. Aí eu vou **no casa do meu pai**.
117. É. **Uma pessoa sozinho**.
118. É. Tem que passar **pro sadia**.
119. Quem num tem condição de ficar **no cidade**, né?
120. Aí ele trabaíava **no fazenda** muito tempo, né, não tinha como ele sair, daí, eu fui pra lá.

Anexo 2: Ausência da concordância de gênero em dados escritos do português europeu coletados por LIMA (2007, p. 248)

1. A **cabeça** do dedo fica muito **grosso**. (INQ. Boléo, 1942)
2. A minha **cozinha** que está **dividido**... (INQ. Boléo, 1942)
3. **Umas lajas**. (INQ. Boléo, 1942)
4. **Uma pinguinha d'água**. (INQ. Boléo, 1942)
5. Detonas **as pingas** (pingos). (INQ. Boléo, 1942)
6. Um **pano branca**. (INQ. Boléo, 1942)
7. Para **a água** ser **fechado**. (INQ. Boléo, 1942)
8. **Cabeça** muito **granda** (INQ. Boléo, 1942)
9. Faz uma cruz a **direitcho**. (INQ. Boléo, 1942)
10. **Lisboa é lindo!** (INQ. Boléo, 1942)
11. Essas **folhinhas são apanhados** para o Natal (INQ. Boléo, 1942)
12. **A lenha** pode ficar assim um **bocado grosso**... (INQ. Boléo, 1942)
13. Uma **pessoa** que nasceu **surdo**. (INQ. Boléo, 1942)
14. Tem umas **bolinhas todo**. (INQ. Boléo, 1942)
15. São **macieiras brabo**... (INQ. Boléo, 1942)
16. **Esta pinga** (pingo) **d'água**. (INQ. Boléo, 1942)
17. A **família** do Antônio Velho era honesta, mas não eram **ricos**. (INQ. Boléo, 1942)
18. Na varanda de Pilatos, **uma coluna atado**. (INQ. Boléo, 1942)
19. Já não me habituava com **outro trajo**. (INQ. Boléo, 1942)
20. É uma **coisa pouco**. (INQ. Boléo, 1942)
21. Apanhar **muita tomate**. (INQ. Boléo, 1942)
22. Coze-se com **uma pinguinha d'água**. (INQ. Boléo, 1942)
23. Uma **saia muita grande**. (INQ. Boléo, 1942)
24. Assim **muita grosso**. (INQ. Boléo, 1942)
25. São **muita boas**... (INQ. Boléo, 1942)
26. **A moda talhado** (Domingos Caldas Barbosa, 1738-1800, 14)
27. A gente nobre espiava, a fome com **dor estranho**... (Auto das Padeiras, 1638, 6)
28. Vinte e hũ **chapas todo dourado**. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 7)
29. Outro stoque co hũa chapa e **conteira dourado** e mogerom... (Pedro A. de Azevedo, 1902, 9)
30. E hũa **lãpada todo** de cobre. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 11)

31. Co **folha** de prata **dourado** (Pedro A. de Azevedo, 1902, 13)
32. No altar de Santa Maria hũas **toalhas nouas ffrançaезes**. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 23)
33. Vinha a **gente disposto**... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 189)
34. ... e se faz a meda com **a semente voltado** para dentro... (Maria da C. Vilhena, 2000, 276)
35. **As portas** do céu **aberto**, **as** do inferno nunca as **bria**... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 178)
36. O senhor faz **muita bem**, eu faço isso **muita mal**.
37. De **todas cousas comprido** e apost' e ben talhado, (M. Rodrigues Lapa, 1998, 43)
38. **Ua donzela coitado** (aflito, infeliz) (Rodrigues Lapa, 1998, 257)
39. **O meu criaturo é munta lindo!** (António Capão, 2000)
40. É muito **bonito essa flor** (INQ. Boléo, 1942)
41. D'**outro terra**. (INQ. Boléo, 1942)
42. Era assim **do rocha**... (INQ. Boléo, 1942)
43. A água ia por ali por **aquele buraca**. (INQ. Boléo, 1942)
44. Torciam **o verga**. (INQ. Boléo, 1942)
45. Dá assim **uns cabecitas**. (INQ. Boléo, 1942)
46. **Aquele masseirinha**. (INQ. Boléo, 1942)
47. É como fazer **aqueles broas** de centeio. (INQ. Boléo, 1942)
48. Eu tiro **esse trempre** pra li... (INQ. Boléo, 1942)
49. Tenho as batatas dentro **dum coisa**... (INQ. Boléo, 1942)
50. **Este** que é **abóbora** doce. (INQ. Boléo, 1942)
51. O jugo é **o mesma coisa**. (INQ. Boléo, 1942)
52. Mas é **o mesma coisa**. (INQ. Boléo, 1942)
53. Fica **aquele cabecinha todo coalhada**. (INQ. Boléo, 1942)
54. Oya vosso **os função** será **completo** (Domingos Caldas Barbosa, 1738-1800, 30)
55. **o acidez** (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
56. **o fome** (tinha um fome!) (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
57. **o raiz** (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
58. **o ponte** (a ponte) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
59. **a fantasma** (o fantasma) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
60. **a sistema** (o sistema) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
61. **Fermosa conselho** (Garcia de Resende, 1516, 48)

62. **O oração** (Maria C. A. Marques, 1968)
63. **O gripe** (Maria C. A. Marques, 1968)
64. ... suposto que poucos vendia o milho **o @** ... (António Á. L. Peixoto, 1727)
65. **o @** de feijão a 15/8^{as}. (António Á. L. Peixoto, 1727)
66. **hum @** de feijão 25/8^{as} e 22 o mais baratto; (António Á. L. Peixoto, 1727)
67. **o @** de milho a 14/8^{as}, o de menos preço 12. (António Á. L. Peixoto, 1727)
68. ...andando chegaro a **um certo ponte** e viram uma luz. (Maria Rosa L. D. Costa, 1961, 301)
69. ... metiam aquilo para dentro **dum coiso** que... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
70. Metiam aquilo **num coiso** (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
71. ...até que espreme **aquele coiso** que chama a gente o soro... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
72. Uma vez descansaram ao pé **dum nascente**. (Maria da C. Vilhena, 2000, 293)
73. Reza-se prumêiro **o oração** seguinte... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 161)
74. Quem **este oração** disser ... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 179)
75. Vamos começar **pelo cor preto**. (Fala de um instrutor de máquina de xérox).
76. **Aqueles creançolas** ajustaram as contas... (José da Fonseca Lebre, 1924, 2)
77. ... canta cus **vosso fulia** (Antonio Correya Vianna, 1783, 280)
78. ... **esse madre** escrivaninha (Antonio Correya Vianna, 1783, 280)
79. ... **huma premio** decuádo. (Antonio Correya Vianna, 1783, 288)
80. Dona justiça he a prenda rica, de **valor precioza** que pretendo por esposa. (Pedro Salgado, Biblioteca da Ajuda, 2)

Anexo 3: Ausência da concordância de gênero em dados do português brasileiro

Fala informal: pessoas com graduação ou pós-graduação.

1. Ficou **bom** essa **pechuga**.
2. **A cor** do cabelo dela é **horroroso**.
3. Foi muito **engraçado a apresentação** delas.
4. Falei: **mãe**, você me ajuda?... mas eu ia cozinhar pra **ele**. (fala de um cuiabano)
5. Um professor **numa cidadezinha** do interior **chamado**....
6. **Ce ta doido**. (se referindo a uma mulher)
7. **A senhora** foi **selecionado**.
8. **A educação** é **bom**.
9. **A hidro** é muito **bom**. (pelo msn)
10. **Maravilhoso a comparação**.
11. Ela tá **na fase** que é bem mais **perigoso**.
12. (É) **grandão a testa**.
13. **Minha pen drive**.

Fala informal: pessoas com o ensino médio ou não escolarizadas.

14. **Essa** daqui já tá **bom**.
15. Minha mãe comete **os garfe**.
16. **Frango a passarinha**.

Fala formal: mestrandos, doutores, professores, políticos e artistas

17. **A CONCORDÂNCIA** do PB é **FRACO**.
18. É muito **mínimo essa concordância**.
19. O anacronismo com que é **tratado a outra**.
20. Faz mais sentido falar **desses características**.
21. Porque foi **fechado 40 escolas**.
22. Até **eu mesmo** quando li eu chorava. (uma mulher falando)
23. Tem escolas específicas que é **ensinado a sua língua**.

24. Como deve ser **ensinado a nossa língua**.
25. **Tais construções** com anteposição do rema (focalização) **estão ligados...** (estava escrito com a concordância de gênero e a aluna leu sem a mesma).
26. Achamos bastante **confuso a organização**.
27. **As últimas dois eventos**.
28. Foi bem **cansativo essa maratona**. (lendo texto escrito)
29. **A literatura de cordel é algo cultivado** na cultura local. (lendo texto escrito)
30. **Ta previsto** pras 18:00 **uma reunião**. (Dep. Eliana Pedrosa, fala)
31. Já **tava agendado** anteriormente **uma data**. (Dep. Eliana Pedrosa)
32. **Esse é a cena do julgamento**. (Juiz, Jô Soares 12/06/09)
33. **Minha cabeça** tava o tempo todo **focado** no meu pai. (Ana Paula Bandeirinha, A fazenda)
34. **Uma vergonha nenhum**. (Jonathan, A fazenda.)
35. **A comunidade muito intenso**. (Secretário de Obras do DF, fala, Balanço Geral, 08/12/09)
36. Como ta mais **adiantado essa regra**.
37. Foi **criado uma lei**.
38. Foi **escolhido uma coleção**.
39. Foi **usado uma metáfora**.
40. **Uma crença registrado** como fronteira política.
41. É muito **lento a construção** do conhecimento.
42. **Do anáfora**.
43. **Flauta sagrado**.
44. Pra **pessoa** ficar logo **bom**.

Escrita formal: a maioria dos dados é de escrita de mestres e doutores que fazem parte de um cadastro nacional de avaliadores de instituições de ensino superior. [INEP e MEC]

45. Essa *amostra básica* se compõe de **18 entrevistas** realizadas com membros da comunidade, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolinguística (cf. LABOV, 1966 e 1972b), adaptados a realidade sociocultural da comunidade. (cf. LUCCHESI, 1993a)
46. **A Faculdade** Flamingo está **situado** na Zona Oeste. (relatório de duas doutoras)

47. O **núcleo** Docente Estruturante(NDE) é **composta** pela Coordenadora e quatro docentes".
48. O contexto onde está **inserido a IES**. IES = instituição de ensino superior.
49. A **maneira** do falar da minha entrevistada é bem **característico das pessoas nascidos** na cidade de São João da Aliança.
50. Fica **ratificado** na primeira parte dos PCNEM, denominada Bases Legais, a **concepção** de que “a educação constitui um processo intrinsecamente relacionado ao mundo produtivo e de que o conhecimento conquista, definitivamente, uma instrumentalidade conferida pelos novos paradigmas econômicos, sociais e culturais.” (dissertação de mestrado)
51. Se o endereço não for o mesmo deverá ser **instaurado diligência**.
52. Embora exista um comitê de ética formalizado, com diretrizes definidas, não foi **constatado nenhuma prática** efetiva de funcionamento desse comitê no âmbito do curso na IES.
53. Está **previsto a contratação** de docentes em regime de tempo parcial e integral.
54. O corpo docente apresenta **formação adequado** para ministrar as disciplinas previstas para o primeiro e segundo anos.
55. A **gestão** do Curso de Bacharelado em Bacharelado em Biomedicina - Análises Clínicas é **realizado** pela Coordenação do Curso, com auxílio do conjunto de todos os seus docentes, que formam o Colegiado do Curso.
56. Realizou a avaliação do curso de graduação em Biomedicina, na modalidade presencial com carga horária de 3720 horas, **incluído 800 horas** de Estágio Supervisionado.
57. O curso de Ciências Contábeis, bacharelado, presencial, foi autorizado pela **Portaria Ministerial** número (xxx)³⁹ de (yyy) de outubro de 2003, **publicado** no DOU em BB/CC/2003.
58. Não cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais no que diz respeito a **formação teórico-prático** ao longo do Curso, pois as disciplinas do tronco profissional não são ministradas com o componente prático, prejudicando, assim o desenvolvimento de competências e habilidades (O aprender fazendo).

³⁹ O símbolo (xxx) ou (yyy) quer dizer que formam omitidas informações sigilosas.

59. **A pesquisa acadêmica é pouca e não foi priorizado** nos semestres anteriores, resumindo-se, grosso modo, ao trabalho de conclusão de curso - ora em desenvolvimento.
60. **Está previsto a criação** de novos cursos, e o primeiro a ser instalado é o de Educação Física.
61. Com a crescente demanda de consumo de pescado no Brasil e no Mundo, **faz-se necessário a formação** de profissionais que podem atuar na pesca marítima e na aquicultura, reativando diversas indústrias de processamento que tiveram sua paralisação.
62. O estudo está organizado em capítulos: O primeiro se caracteriza na Fundamentação Teórica onde **será abordado a leitura literária**. (monografia de pós-graduação).
63. Para Barbosa (2003) a interdisciplinaridade corresponde a uma atitude de diálogo, onde **se faz necessário uma troca** e uma reciprocidade dos pares, também exige uma certa humildade frente as limitações do próprio saber e do conhecimento do outro.
64. Não é **adequado a quantidade de profissionais** (técnicos) às necessidades do curso, uma vez que durante a visita pode-se observar a polivalência de alguns técnicos que, sem tirar o mérito da capacitação destes, assumem funções em ambientes diferentes no decorrer de sua jornada de trabalho.
65. **Se faz necessário a titulação** do corpo docente, sendo importante destacar que o corpo docente é constituído por enfermeiros jovens, porém dinâmicos, envolvidos e compromissados com a IES.
66. A (xxx) **está vinculado** à Instituição Educacional (xxx) – IEMAT, pessoa jurídica de direito privado devidamente cadastrada.
67. **Foi observado a existência** de mecanismos efetivos de apoio sistemático à promoção de eventos internos para os discentes, funcionando de forma adequada e com todas as suas práticas institucionalizadas.
68. **A carga horária** total do curso **está bem dimensionado**, porém ressaltamos a necessidade de adequação da regulamentação parecer CNE/CES 213/2008, homologado em 11 de março de 2009.
69. Na organização didático-pedagógica do curso, os principais pontos a serem melhorados estão relacionados ao perfil do egresso estar um pouco modesto quando comparado as demandas para o engenheiro de produção, **assim como não estar evidenciado as atividades práticas** nas disciplinas básicas, também há a necessidade

- de um melhor dimensionamento da carga horária de alguns componentes curriculares básicos (Física I e II e Química tecnológica).
70. **Esse**, a meu ver, **é a razão fundamental** pela qual a defesa da concorrência não conseguiu difundir-se como a defesa do consumidor, apesar dos esforços de seus dirigentes nesse sentido.
 71. Neste aspecto, **um bom modelo de política pública** que pode servir de exemplo para a defesa da concorrência **foi a adotada** na defesa do consumidor, por meio do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor.
 72. Com relação ao papel da sociedade civil no controle governamental e a relação estado e sociedade **é bastante ilustrativa o seguinte trecho** de Ana Maria Bejarano (1992, p. 66): “Lo que conduce a la democracia es la existência simultánea de una sociedad civil fuerte y un Estado fuerte, enfrentados el uno al otro, en una relación caracterizada por la tensión permanente, pero también por el mutuo control, la negociación y el acomodamiento permanentes.”
 73. Salienta, ainda, que há um sistema informatizado para consulta dos livros, periódicos e multimídia, ressaltando que existe um espaço para estudo individual e que **é necessário a adaptação** do local para criar espaço de estudo em grupo.
 74. Todavia, **o processo de descentralização** não possui qualidades intrínsecas e tampouco **está isenta** de problemas, mas acredita-se que é por meio da experiência diária do cidadão no exercício de seus direitos que se constroi o processo democrático e a inserção social de grupos desfavorecidos.
 75. Pelo que estabelece a mencionada lei, **toda tarefa** de instrução e julgamento de infrações contra a ordem econômica **é realizado** por órgãos ou entidades da União, como tem sido ao longo de toda a nossa tradição legislativa de repressão ao abuso do poder econômico.
 76. O PPC apresenta **definido as normas** de TCC que será o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa.
 77. Além de ser ou não **adotados certas características linguísticas** por serem consideradas belas ou não.
 78. Durante as investigações, **foi constatado também a violência** contra o enteado. do correio web, de 19 de junho de 2009.
 79. Existe suficiência de docentes para os dois primeiros períodos do curso, **mas o dimensionamento** das disciplinas em relação aos docentes **deve ser ajustada** e flexibilizada no andamento do curso.

80. Além das procurações e dos formulários já preenchidos, **serão necessários cópias** de: RG, CPF e documento de vínculo trabalhista (podendo ser cópia do crachá - preferencialmente dos dois lados).
81. O Projeto de Curso está em concordância com o perfil do farmacêutico, que a Instituição se propõe a formar, no entanto, observou-se que na grade curricular do Curso, **alguns disciplinas** devem ter um redimensionamento de suas respectivas cargas horárias e outras necessitam que sejam ministradas em períodos distintos daqueles previstos no PPC, pois algumas destas disciplinas constituem pré-requisito para disciplinas que seriam ofertadas simultaneamente.
82. “A Dimensão 3, que também recebeu conceito 4, indica a necessidade de estruturação de ‘novos laboratórios para atender a demanda sequencial do curso’” que no relatório original da Comissão tinha outro entendimento, pois lhe era **apensado a expressão grifada...**
83. E o nosso futebol, sai ou não sai? Mudando de assunto, na sexta apresentei minha dissertação de mestrado, não precisarei realizar grandes modificações, no entanto, **me foi solicitado a realização** de uma revisão ortográfica. Portanto, gostaria de saber se a Patrícia estaria disponível e disposta a realizar essa revisão. Quanto ela cobra para realizar esse trabalho?" (A conversa escrita vai de um continuum do informal para o formal, por influencia do tema também).
84. **As sugestões** pertinentes à adequação e atualização do Projeto Pedagógico do Curso **foram feitas** em reuniões com o coordenador do Curso e dirigente da Instituição, **estando relatado** nas dimensões correspondentes.
85. A (xxx) apresenta missão claramente definida e com vistas ao comprometimento de seu papel social enquanto instituição promotora da educação. O organograma apresentado atende às necessidades básicas para condução do curso, **apesar de ter sido apresentado outra versão** do mesmo, havendo diferenças entre PPC e PDI.
86. De ordem, informo que o Professor (xxx), Diretor de (xxx), representará o Ministro **na audiência solicitado** pelos Conselheiros Federais da Área (xxx), marcada para o dia 19/0509, às 15:00mim, no (xxx). O Diretor solicita que seja informado o número de participantes para que seja disponibilizado o local da Audiência.
87. Será que **é muito caro estas consultas?** Se for, complica. (falante culto em uma conversa informal por e-mail)
88. Mecanismos de acompanhamento de atividades complementares – as “atividades complementares” compreendem diversas atividades e **não fica claro** na

regulamentação proposta **a forma** de verificação de equivalências destas atividades e aferição de aproveitamento dos alunos.

89. **Está previsto a contratação** de 08 docentes (42,1%) com regime de trabalho integral e 4 (21,1%) em regime parcial.
90. Para tanto, **serão necessários práticas consistentes** de ensino e de pesquisa.
91. **É necessário uma articulação** maior (MEC).

Trechos de redações feitas para um exame nacional

92. Deveria ser **criado leis mais rigorosas**.
93. Aplicar multas maiores seria **um ótima alternativa**.
94. Não estamos tratando de uma planta, mas de uma floresta **um rico floresta**.
95. Hoje **a Amazônia** é um grande de desmatamento e depredações que **vem sendo destruído gradativamente** pelo homem.
96. **Centenas de equitares** de vegetação e nascentes estão sendo **destruídos** pelo desmatamento.
97. Cerca de **varias hectares** são devastadas frequentemente.
98. **É necessário ações imediatas** para inibir o desmatamento irresponsável.
99. **É necessário a preservação** da floresta amazônica.
100. **É necessário a proibição** de tais atos.
101. **A questão** de multas é **complicado**.
102. **A chuva é necessário** para a produção de alimento.
103. Boa parte das chuvas vem das florestas, onde **muito delas** estão sendo desmatadas.
104. **Sua degradação está sendo ocasionado** devido ao desmatamento de madeiras para a comercialização de árvores ou para o aumento de pastagens para a criação de animais.
105. **É necessário a intervenção** e uma atuação rígida para que tenhamos mais controle sobre as matas.
106. **A situação** do desmatamento está ficando **precário**.
107. Se houvesse uma fiscalização rigorosa, poderia ser **solucionado parte do problema**.
108. **O aumento de fiscalização** nas grandes matas no Brasil **e a aplicação de pesadas multas** para a pessoas que desmatam a floresta, **deveriam ser obrigatória**.

109. Como recurso **poderiam ser replantados novas árvores** substituindo as que foram devastadas.
110. **A política** sustentável deve ser **ministrado** por todo planeta.
111. Um local que **fosse permitido a retirada**, mantendo também o movimento sustentável.
112. Sabemos que ela precisa de nossa ajuda sendo **ela** no mesmo momento **grandiosa e cheio** de riqueza (falando sobre a floresta).
113. **É necessário ações** por parte do governo.
114. **Seria necessário leis aprovadas** pelo Congresso, que fossem severas.
115. **A umidade do ciclo é necessário** para as indústrias das regiões e a boa vegetação
116. **Épocas** para o desmatamento também deve ser **respeitado**.
117. **Áreas** onde poderia ser **explorado** em conhecimento.
118. Suspendendo completamente o desmatamento na Amazônia, permaneceria **o ciclo** que desloca em direção ocidental, onde atinge praticamente **o paredão dos Andes**, onde **parte dela é desviada** para o Sul do Brasil.
119. **Deveria ser criado algumas outros órgãos** para ensinar também a população a criar bichos e até plantar mas árvores.
120. Além da fiscalização **pode ser aplicado também multas** para quem desmata.
121. Para que essa “máquina” seja sempre fonte de produtividade ela precisa ser cuidada, por isso a luta pelo o desmatamento é **o principal fonte**, para que essa “máquina” não pare.
122. Mesmo não sendo **autorizado a retirada** de árvores de certas áreas, continua existindo então o desmatamento.
123. **Todos essas mudanças** estão ocorrendo por causa do desmatamento da industrialização.
124. Ser **autorizado novamente a exploração** de sua fauna e flora.
125. Uma preocupação cada vez maior para que seja **conservado essa grande** biodiversidade.
126. Deveriam ser **penalizados aquelas pessoas** que vem desmatando.
127. Deve ser **implantado fiscalizações rigorosas**, multas e definir um valor do que pode ser desmatado.
128. **É necessário uma colaboração** entre a sociedade e o governo.
129. Deveria ser **aplicado leis mais rigorosas e severas**.
130. **É necessário a aplicação** de multas.

131. **O maior riqueza**, potencial brasileiro é a floresta.
132. **São destruídos boa parte da fauna e flora** brasileira por causa de condutas erradas.
133. **O desmatamento é proibido** por lei, contudo não é **respeitada**.
134. A criação de multas pesadas e a fiscalização é uma forma, mas **é necessário também outras atitudes juntos com essa**.
135. Deveria ser **criado punições e multas de grande valor**.
136. O maior deles é o desmatamento da Amazônia, **sendo registrado anualmente grandes áreas destruídas** por queimadas.
137. Na atualidade, **a operação** a ser destacada e onde foi **realizado** com sucesso, foi a operação curupira.
138. Com essa suspensão terá que ser **analisado outras localidades**.
139. **O futuro** da Amazônia está sendo **ameaçada** de degradação.
140. Na Amazônia **são encontrado grande concentração de ervas medicinais**.
141. Para conter esse crime **tem sido aplicado multas** aos infratores.
142. **Foi sugerido várias soluções** a serem votadas pelos órgãos responsáveis.
143. Enquanto não forem **encontrados áreas** que a madeira possa ser explorada, sem que destrua totalmente a natureza, trabalhos de desmatamento estarão desativados.
144. **O desmatamento da Amazônia realizada** por empresários a cada dia que passa aumenta.
145. **É necessário políticas públicas** de incentivo ao desenvolvimento sustentável.
146. **Devem ser suspensa imediatamente o desmatamento** da Amazônia.
147. A chuva na Amazônia está sendo comprometida porque boa parte da **chuva ela mesmo** é quem produz.
148. **A desmatamento não autorizado** causa muito danos a saúde.
149. **A floresta amazônica é uma das mais importantes biomas** que existe em nosso país.
150. **As multas recebidos** pelos madeireiros.
151. Que **seja criado uma área** para exploração.
152. **É necessário novas formas** de aprendizagem.
153. **A amazônia considerado**, o grande pulmão do mundo, **vem sendo sugado** pela força do homem.
154. **Seria necessário uma lei** no qual fosse suspensa por completa e imediato o desmatamento.
155. **E feito essa primeira etapa**, aplica-los multas.

156. **Deveria ser feito uma conscientização** nas escolas.
157. **A amazônia considerado** a maior floresta tropical do mundo.
158. **É necessário mudanças bruscas**, como suspender o desmatamento.
159. **A amazônia é hoje conhecido** como o pulmão do mundo.
160. **Seria necessário medidas drásticas.**
161. **É necessário que seja estipulado áreas de exploração.**
162. **Deveria ser aplicados rigorosas fiscalizações.**
163. **É necessário atitudes extremas e imediatas.**
164. **Foi comprovado que a floresta** existente na Amazônia **é uma dos principais controladores** do ciclo de chuva.
165. Na amazônia todos os dias são **retirados inúmeras quantidades** de árvores nativas.
166. **É necessária fiscalizar** e combater esses criminosos.
167. **É necessário a aplicação** de uma série de medidas.
168. A Amazônia **é o principal fonte** de chuva para as plantações.
169. Se não aplicar multa a quem desmata as florestas, e **serem mais rígido a fiscalização.**
170. **É necessário uma maior fiscalização.**
171. Sendo **proibido essa prática**, a floresta poderá se recuperar (desmatamento local).
172. **Será necessário a elaboração** de leis mais energéticas.
173. Deveria ser **proibido a exploração** da floresta.
174. Pode **parecer supérfluo a ideia** de evitar para preservar a vida.
175. Caso fosse **descoberto uma área** de desmatamento ilegal, os responsáveis deveriam ser presos.
176. Quando **é descoberto uma área que está sendo desmatada**, **é direcionado** para essa região um grupo de fiscais.
177. Apesar de **ser um preciosidade brasileira**, a floresta hoje corre um grande risco.
178. **A maior parte** do desmatamento **é feito** pelas madeireiras.
179. **A amazônia brasileira é tido** como o “pulmão”.
180. **É necessário uma ação** prioritária do governo.
181. **O futuro** da Amazônia deve ser **preservada.**
182. **A floresta é muito bom** pra nossa sobrevivência.
183. **É necessário uma trégua** e obedecendo a lei.
184. **É necessário a atualização** e investimento na fiscalização hoje tão desfalcada.

185. O governo deve agir de forma que seja **proibido permanentemente a extração** sem fiscalização.
186. **É extremamente necessário a suspensão** do desmatamento.
187. **As diversas formas** de conscientização elaboradas pelo homem **não são colocados** em prática.
188. **A questão** ambiental é muito **complicado**.
189. Foi **aprovado uma lei**.
190. **A fiscalização** no Amazonas é muito **pouco**.
191. Deve ser **implantado fiscalizações** ostentivas e aplicações de multas.
192. **A situação** da Amazônia está a cada dia mais **complicado**.
193. **É necessário a criação** de leis que visam a proibição do desmatamento.
194. Não importa se **ela for branco, preto, baixo, alto**.
195. **A corrupção está mais próximo** do que imaginamos.

Outras escritas formais

196. Dentro da filosofia textual **devem ser percebido a coerência, coesão, elementos linguísticos necessários** para a contemplação social da escrita e oralidade.
197. **E esse é ação** desenvolvida entre os interlocutores.
198. **Muito emoção** em “A fazenda”. (Hoje em dia, 12/06/09)

Dados da mídia

199. **A frieza** de fulano ainda **pode custar caro**. (Repórter do Balanço Geral, Record, 17/10/08)
200. Ipanema, é muito **bom essa sandália**. (Henrique Chaves do Balanço Geral, Record, 09/12/08)
201. **A situação** de Eloá é bem mais **complicado**. (repórter do Jornal Nacional, Globo, 17/10)
202. Já foram **arrecadados mais de 7 toneladas** de alimento. (Rita Yoshimine, repórter do DFTV, Globo, 15/11/08)
203. **A alternativa** da laqueadura já foi **testado**..... (Jornalista do programa olha você, SBT, 06/02/09)
204. **A prisão** de bandido tem que ser **feito** por policiais. (Delegada no Jornal da Record)

205. **A parte** da asa do bacalhau é **mais barato**. (Edu Guedes, Hoje em Dia, Record, 01/04/09)
206. Tá **sendo construído uma escola**. (Simone Moura, Balanço Geral, Record, 15/04/09)
207. **Ficou pequeno essa marca** obscuro. (Granjeiro no Balanço Geral, Record, 18/05/09)
208. É muito **alto a casa??** (Apresentadora de Casos de Família, SBT, 07/11/09)
209. **A boia e a poltrona** só foram **encontrados.....**(Repórter Ana Paula falando sobre o vôo da air france, Jornal Hoje, Globo)
210. Quando **a azeitona é espremido, prensado**. (Edu Guedes, Hoje em dia, Record)
211. **Ela é gravador** de voz. (Apresentadora falando sobre a máquina digital teck pix)
212. Tá sendo muito **bom essa confraternização**. (Jorge Pontual, ator)
213. **Gostoso demais essa musiquinha**. (Luciana Gimenez no Super Pop, Redetv, 18/06/09)
214. São **dois grandes equipes de futebol**. (Narrador de futebol, Globo, 19/06/09)
215. O quanto é **positivo essa mudança**. (Repórter do A tarde é sua', Redetv, 24/06/09)
216. Após ficar fora do ar alguns sábados por causa da transmissão de jogos, como os da Liga Mundial de Vôlei, Xuxa **deixou claro sua insatisfação**, segundo a coluna Zapping, do jornal Agora São Paulo. (Jornal do terra)
217. Foi **feito uma manutenção**. (Venina Nunes, Balanço Geral, 19/06/09)
218. Foi **feito uma perícia**. (Venina Nunes, Balanço Geral, 19/06/09)
219. Foi **montado uma comissão**. (Jornal Hoje, 03/06/09)
220. **Adicionado a bebida alcoólica**. (Henrique Chaves, Balanço Geral, 01/06/09)
221. Que seja **investigado uma planilha**. (Repórter do jornal nacional, 07/12/09)
222. **A mãe do Lula é interpretado** pela Glória Pires. (Repórter Oscar, CQC, 30/11/09)
223. Há **muita gente envolvido** nessa negociação. (Comentarista do Jornal da Globo)